



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
Curso de Design de Produto

RAFAELA SANDRI STILLNER

**PRODUTO DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE PARA
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Porto Alegre

2017

RAFAELA SANDRI STILLNER

**PRODUTO DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE PARA
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design de Produto, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Designer.

Orientadora: Prof. Dra. Jocelise Jacques de Jacques

Porto Alegre

2017

RAFAELA SANDRI STILLNER

**PRODUTO DE EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE PARA
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design de Produto, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Designer.

Orientadora: Prof. Dra. Jocelise Jacques de Jacques.

Prof. Sérgio Santos - UFRGS

Prof. Felipe Luis Palombini - UFRGS

Mariana Pohlmann - UFRGS

Porto Alegre

2017

RESUMO

A educação em sexualidade para crianças e jovens é uma abordagem abrangente e positiva em relação a sexualidade que considera aspectos físicos e emocionais. O presente trabalho tem como objetivo facilitar e incentivar o ensino da educação em sexualidade para crianças e adolescentes na faixa etária dos 9 aos 12 anos, proporcionando um aprendizado efetivo e abrangente sobre o tema através do desenvolvimento de um produto. Por meio da fundamentação teórica, entrevistas e questionários buscou-se entender o cenário da educação em sexualidade nacional e mundial, descobrir quais os tópicos de aprendizagem relevantes e maneiras interessantes de se aprender para então propor um produto alinhado com a realidade, que trate o assunto de um modo natural e livre de julgamentos. Foi desenvolvida uma ferramenta didática que, além de expor conteúdos sobre o corpo humano, trabalha questões como puberdade, autoimagem, diversidades e relacionamentos através de um jogo.

Palavras-chave: Design de produto. Educação em Sexualidade. Direitos Sexuais.

ABSTRACT

Comprehensive sexuality education is a positive and open way to teach about sexuality that considers physical and emotional aspects. The aim of this project is to facilitate and encourage comprehensive sexuality education for kids and teenagers from 9 to 12 years old providing an effective and open learning through product design. It was possible to understand the comprehensive sexuality education national and global scenario, discover the main learning topics and methodologies. Furthermore, research showed that young people desire a product aligned with the reality that deals with the subject in a natural and free of judgements way. It was developed a didactic tool that besides exposing contents about the human body, deals with questions such as puberty, self-image, diversities and relationships in a game.

Keywords: Product Design. Comprehensive sexuality education. Sexual Rights.

LISTA DE SIGLAS

PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais.

DSTs Doenças Sexualmente Transmissíveis

OMS Organização Mundial da Saúde

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV Vírus da Imunodeficiência Humana

BNCC Base Nacional Comum Curricular

PVC Policloreto de Vinila

PLA Políácido Láctico

SUMÁRIO

1 PLANEJAMENTO DE PROJETO.....	10
1.1 INTRODUÇÃO	10
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 OBJETIVO GERAL	14
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
1.5 ESCOPO DO PROJETO.....	15
1.6 METODOLOGIA DE PROJETO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 O CONCEITO DE SEXUALIDADE.....	21
2.1.1 SEXUALIDADE E GÊNERO	22
2.1.2 SEXUALIDADE NA JUVENTUDE	23
2.2 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE.....	24
2.2.1 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE.....	24
2.2.2 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE EM PAÍSES REFERÊNCIA	27
2.2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL.....	29
3. PROJETO INFORMACIONAL.....	32
3.1 PROBLEMA DE PROJETO.....	32
3.2 COLETA DE DADOS	32
3.2.1 ANÁLISE PRELIMINAR DE SIMILARES	32
3.2.1.1 THE PERIOD GAME.....	32
3.2.1.2 4D HUMAN ANATOMY FEMALE/MALE REPRODUCTIVE SYSTEM.....	34
3.2.1.3 3D CLIT	36
3.2.1.4 YOUR BODY PUZZLE	36
3.2.1.5 MÁQUINA DE DISTRIBUIÇÃO EDUCACIONAL DE PRESERVATIVOS	37
3.2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE SIMILARES	38
3.2.3 MAPA DE ATORES.....	38
3.3 ENTREVISTAS	39
3.3.1 ESPECIALISTA 1.....	40
3.3.2 ESPECIALISTA 2.....	40
3.3.3 ESPECIALISTA 3.....	41

3.3.4 ESPECIALISTA 4.....	43
3.4 DEFINIÇÃO DOS USUÁRIOS	45
3.4.1 QUESTIONÁRIO.....	46
3.4.2 NECESSIDADES DOS USUÁRIOS.....	50
3.4.3 REQUISITOS DOS USUÁRIOS.....	51
3.4.4 REQUISITOS DE PROJETO	52
3.4.5 PRIORIZAÇÃO DOS REQUISITOS DE PROJETO	54
3.4.6 REQUISITOS DE PROJETO PRIORIZADOS.....	55
3.4.7 ESPECIFICAÇÕES DE PROJETO	56
4 PROJETO CONCEITUAL	58
4.1 GERAÇÃO DE CONCEITOS	58
4.1.1 AVALIAÇÃO DOS CONCEITOS	62
4.1.2 SELEÇÃO DO CONCEITO	65
4.2 MOMENTOS DE USO.....	66
4.3 TEMÁTICAS DO JOGO	68
4.4 PAINÉIS VISUAIS	69
4.4.1 PÚBLICO ALVO	69
4.4.2 ESTÉTICA.....	70
4.5 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS.....	71
4.5.1 PEÇAS DE ANATOMIA.....	72
4.5.2 PEÇAS PSICOLÓGICAS	76
4.5.3 PEÇAS COMPLEMENTARES	77
4.5.4 PEÇAS PARA O JOGO.....	79
4.6 SELEÇÃO DA ALTERNATIVA.....	81
4.7 NAMING E IDENTIDADE VISUAL	83
5 DETALHAMENTO.....	85
5.1 MECÂNICA DO JOGO	85
5.2 CARTAS E PERGUNTAS DO JOGO.....	86
5.3 MATERIAIS	88
5.4 ENCAIXES	91
5.5 MODELAGEM 3D	93
6 SOLUÇÃO FINAL.....	94
6.1 FUNCIONALIDADES	95

6.1.1 SUPORTE	95
6.1.2 JOGO	96
6.2 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO À ESPECIALISTA	98
6.3 DETALHAMENTO E DESENHO TÉCNICO	98
6.3.1 VISTAS EXPLODIDAS.....	98
6.3.2 DIMENSIONAMENTO	102
6.4 PROTOTIPAGEM	102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE A.....	113
APÊNDICE B.....	116
APÊNDICE C	118
APÊNDICE D	123
APÊNDICE E.....	127
APÊNDICE F.....	140
APÊNDICE G – DESENHOS TÉCNICOS.....	142

1 PLANEJAMENTO DE PROJETO

Neste capítulo são apresentados os principais tópicos para facilitar e organizar o desenvolvimento do projeto. Os itens abordados são introdução, justificativa, objetivos, escopo do projeto e metodologia.

1.1 INTRODUÇÃO

A sexualidade e muitos aspectos deste universo ainda representam um tabu na sociedade. Apesar de avanços recentes, falar sobre o assunto ainda gera muita polêmica nos mais diferentes ambientes. A sexualidade é um conceito amplo e histórico, dependente das diferentes culturas (MAIA, 2011). Segundo Foucault (1988) a sexualidade é definida como um aparato histórico, ou seja, uma invenção social que é englobada por diversas instituições, leis, discursos, entre outros.

Dentro deste cenário, educar sobre a sexualidade se mostra como algo imperativo para, além da saúde coletiva, o conhecimento do corpo. Muitas mudanças ocorreram recentemente que trouxeram maior atenção às questões sexuais, como demonstra Jemina Furlani (2013):

Os últimos 50 anos do século XX nos mostraram inúmeras transformações sociais, culturais e políticas nos mecanismos de compreensão, vivência e exposição da sexualidade principalmente nas culturas ocidentais. Alguns acontecimentos contribuíram para isso: repercussão das críticas advindas do movimento feminista; a implementação e influência das mídias; a mobilização política de movimentos sociais das “minorias” sexuais - gays e lésbicas; o surgimento do HIV e dos doentes de Aids; a gradativa consciência mundial pela garantia dos direitos humanos de grupos historicamente marginalizados e a redefinição das políticas de identidade centradas no reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero (FURLANI, 2013).

A educação sexual, consiste no direito de toda pessoa de receber as informações sobre o corpo, a sexualidade, relações sexuais, assim como, de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores relacionados ao sexo. Portanto, o papel da educação sexual formal na escola ultrapassa o ensino de conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade (FIGUEIRÓ, 2006).

Existem muitas nomenclaturas para este tema, sendo educação sexual a mais genérica e usada a mais tempo. Entretanto, novos termos, que representam modos mais complexos e específicos de se ensinar sobre sexualidade têm surgido. A

abordagem que guiará este trabalho é Educação em Sexualidade, o qual começou a ser usado recentemente pela UNESCO no Brasil e está associado a *Comprehensive Sexuality Education*, um tipo de educação sexual conhecida internacionalmente e defendida por diversos grupos. Apesar da tradução literal para o português significar Educação Sexual Abrangente, este não é o termo usual. Essa abordagem é culturalmente relevante e apropriada para ensinar sobre sexualidade e relacionamentos através da exposição de informações científicas, precisas e realistas, livre de julgamentos (UNESCO, 2009).

No Brasil, a educação sexual consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de modo transversal, ou seja, em diversas disciplinas escolares. Nos PCNs constam conteúdos que tratam de diversidade, prazer, consentimento, prevenção:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (BRASIL, 1998).

O posicionamento encontrado na parte de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) se mostra a favor de uma educação mais abrangente que trate também de questões afetivas dos alunos. Entretanto, como não existe nenhuma legislação por uma educação sexual obrigatória, nem um treinamento padronizado para educadores, a maioria das escolas acaba por abordar o sexo de forma tímida. Desse modo, a educação sexual nas escolas brasileiras tem se caracterizado pela omissão e pela limitação ao caráter biológico e psicológico, se reduzindo somente a poucas horas de aulas distribuídas em disciplinas isoladas, sendo que aspectos sociológicos, econômicos, políticos, históricos, religiosos e culturais não são considerados (FIGUEIRÓ, 2006).

Por muito tempo, a educação sexual foi baseada na abstinência como prevenção. Esse tipo de abordagem, ainda permanece forte em alguns países, como nos Estados Unidos, que em anos recentes, dedicou investimentos para programas deste tipo (LINDBERG, 2012). Educação sexual baseada na abstinência ajuda a atrasar a atividade sexual de jovens adolescentes, porém não fornece o conhecimento e habilidade necessários para a proteção, quando esses adolescentes se tornarem

sexualmente ativos (WALCOTT, CHENNEVILLE, & TARGUINI, 2011). Estudos mostram que práticas de educação em sexualidade ajudam jovens a lidar com as pressões para ter sexo precocemente em suas vidas, permitindo desse modo relações saudáveis, com proteção e responsabilidade quando eles se tornarem sexualmente ativos (BOONSTRA, 2010).

Atualmente, os esforços em relação à educação sexual estão na necessidade de se considerar, além de fatos sobre puberdade, prevenção e reprodução, as questões de relacionamentos, amor, respeito e principalmente consentimento. O caso da educação em sexualidade na Holanda é exemplo de ações neste sentido. A Holanda é o país com um dos menores índices de gravidez entre adolescentes e altas taxas de uso de métodos contraceptivos (FERGUSON *et al*, 2008) e será utilizado como referência ao longo do desenvolvimento deste projeto.

1.2 JUSTIFICATIVA

Os benefícios de uma educação em sexualidade apropriada e completa contribui para o aumento da saúde sexual de todos e para uma vida sexual satisfatória e prazerosa. Segundo Muraro (1992), a educação sexual para crianças e adolescentes no meio escolar, contribui com a formação de novos conceitos sobre sexualidade, discussão de tabus e mudanças de comportamento.

O comportamento sexual replicado ao longo da vida é um reflexo do que aprendemos e de nossas experiências. Comportamentos de risco, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e desconhecimento do próprio corpo são alguns reflexos de uma inexistente ou precária educação sexual. Em um cenário onde a família não introduz o assunto e a escola não atribui a importância devida, crianças e adolescentes crescem com diversas dúvidas, imersos nesta complexa rede de informações e opiniões. A internet se torna o principal espaço de aprendizado, com isto, não existem filtros e, muitas vezes, a pornografia pode se tornar um meio de educação sexual (ORESTEIN, 2016).

A preocupação global com educação sexual, aumentou recentemente, como podemos perceber na mídia (HANSON, 2017) e em plataformas de tendências (WGSN, 2017). Têm surgido diversos produtos relacionados a sexo e saúde sexual

com abordagens inovadoras como a marca de vibradores Smile Makers, que tem como missão tornar a sexualidade feminina algo natural através de uma estética amigável e que tem sido vendida em farmácias em países como a Austrália. Diversas iniciativas têm surgido para derrubar tabus e proporcionar maior conforto em relação ao assunto.

A aceitação da educação sexual e suas diferentes abordagens varia de acordo com regiões, países e famílias, pois é um assunto que é dominado por aceções culturais e religiosas. São comuns atitudes conservadoras, como a posição de senadores e deputados frente a menções de qualquer questão relacionada a sexualidade e gênero, que encontram voz em manifestações públicas de diferentes igrejas evangélicas brasileiras e inclusive do Vaticano (CARRARO, 2015). Contudo, evoluções neste assunto são urgentes e apesar da resistência de diversos grupos, já existe uma aceitação muito maior se comparado a apenas alguns anos atrás.

Esforços por uma educação em sexualidade ampla e acessível a todos têm reflexos no comportamento sexual das pessoas e relaciona-se ao esforço pela diminuição de casos de doenças e infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Existe a necessidade de programas de educação sexual mais eficazes para adolescentes, que consigam promover prevenção efetiva, visto que, pesquisas recentes mostram uma tendência a iniciação sexual precoce entre os jovens (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima no mundo mais de 1 milhão de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) por dia. Ao ano, estima-se aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016). Segundo a Pesquisa Retrato do Comportamento Sexual do Brasileiro, (BRASIL, 2008) realizada no ano de 2008, o número de homens que usaram camisinha nos últimos 12 meses com parcerias casuais é de 51%, e de 34,6% para mulheres. Já na categoria de sexo protegido com parcerias fixas esse número diminui para 21,5% para homens e 17,3% para mulheres. Segundo a Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira (BRASIL, 2013) 94% dos brasileiros acredita que o preservativo é a melhor maneira para evitar que o vírus da aids seja transmitido durante a relação sexual. Apesar deste dado, somente 23,5% usou preservativo em qualquer relação sexual (fixa e casual)

nos últimos 12 meses. Para jovens entre 15 e 24 anos, 56,6% usou o preservativo com parcerias casuais e 34,5% com parceria fixa. Outro dado relevante é que somente 36,1% da população brasileira já realizou sorologia para o HIV, alguma vez na vida, sendo as mulheres as que mais se realizaram o teste representando 44,8%. A taxa de detecção de Aids no Brasil tem apresentado estabilização nos últimos dez anos, com uma média de 20,7 casos/100 mil hab. (BRASIL, 2016). Entretanto, recentemente, os números de ocorrência de sífilis, gonorreia e herpes tem aumentado não só no Brasil, como no mundo. A Sífilis aumentou 27,9% em 2016 no Brasil de acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, o que ainda representa uma situação de epidemia. Desse modo, depois de muito tempo, o foco de atenção dos órgãos de saúde do governo, médicos e da mídia não é mais somente no HIV.

O design, por meio de diferentes metodologias e o foco no usuário pode oferecer uma visão diferente do problema já que crianças e adolescentes poucas vezes têm um espaço confortável para expor suas dúvidas. Um projeto coerente que considere as reais necessidades dos usuários e que consiga traduzir no produto a linguagem e universo do público alvo se mostra como o maior desafio. Muitas vezes, a comunicação de diversos artefatos que tratam sobre esta temática com crianças e adolescentes se mostra datada e desinteressante, por conseguinte desconectada com o usuário.

Considerando os dados expostos, fica clara a importância de novos modos de educar sexualmente. Através do design de produto é possível propor alternativas criativas, que dentro da sua devida proporção de impacto, podem ajudar a melhorar este cenário.

1.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é desenvolver um artefato que auxilie na educação em sexualidade de crianças e adolescentes, que possa ser usado em diferentes cenários como no meio escolar, em casa, clínicas, entre outros.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, estão:

- a) Pesquisar e analisar, brevemente, o cenário atual da educação em sexualidade no Brasil e em outros países para se identificar possíveis oportunidades;
- b) Identificar os principais métodos usados para a educação em sexualidade no Brasil e internacionalmente para se ter um panorama atual;
- c) Investigar a atuação dos diferentes atores e usuários e sua influência na utilização do produto a fim de se considerar todos os envolvidos;
- d) Explorar aspectos afetivos no desenvolvimento do produto a fim de se diferenciar dos produtos existentes.

1.5 ESCOPO DO PROJETO

Este projeto tem como foco a educação em sexualidade em nível mundial. O desenvolvimento do projeto será realizado no Brasil, levando em consideração alguns traços culturais, mas não se restringirá às possibilidades ou realidade escolar brasileira. A falta de legislação e a posição extremamente conservadora do país limitariam o desenvolvimento deste projeto. Apesar das particularidades regionais, este projeto se insere em um cenário macro de intensa discussão global sobre a importância da educação em sexualidade.

1.6 METODOLOGIA DE PROJETO

Este trabalho seguiu as etapas de projeto propostas por Back et al (2008) que consta no livro Projeto Integrado de Produtos. Este modelo conta com oito etapas: planejamento de projeto; projeto informacional; projeto conceitual; projeto preliminar; projeto detalhado; preparação da produção; lançamento do produto e validação do produto. Devido ao caráter acadêmico deste trabalho, sem fase de fabricação, serão realizadas somente as primeiras três etapas:

- a) Planejamento de projeto: Nessa fase é estabelecido o plano para o desenvolvimento do produto selecionado. Nesta fase se definem os escopos de projeto e de produto. No caso deste projeto foi também incluído introdução, justificativa e objetivos.
- b) Projeto informacional: Esta fase compreende toda a etapa de coleta de dados. São realizados diversos tipos de pesquisa para se compreender melhor o público alvo e aspectos relevantes sobre o produto. Segundo Back et al (2008) para a identificação das especificações de projeto é preciso: apresentar o problema de projeto; identificar o usuário do produto; elicitare as necessidades do usuário; transformar as necessidades em requisitos do usuário; converter os requisitos do usuário em requisitos de projeto; avaliar os produtos disponíveis no mercado; priorizar os requisitos de projeto e, por fim, apresentar as especificações de projeto. Para se alcançar os requisitos de projeto, é preciso definir o público a que o projeto se destina, além de todos os envolvidos que irão exercer influência sobre os requisitos e atributos do produto (BACK et al., 2008).
- c) Projeto Conceitual: Esta fase caracteriza-se pela fase criativa onde as alternativas são geradas, avaliadas, e então são selecionadas as mais representativas para o problema. A melhor opção é detalhada através de desenhos, modelagens 3D, modelos volumétricos, renders e protótipo.

Para complementar e enriquecer essa metodologia, serão utilizadas como referência as ferramentas descritas no livro *Research methods for Product Design* (MILTON; RODGERS, 2013), que apresenta diversos métodos com uma abordagem exploratória para a área do design de produto. Os diversos métodos são divididos nas categorias observar, aprender, perguntar, fazer, testar, avaliar e comunicar (figura 1).

Figura 1 - Métodos de Pesquisa segundo categorias.

<p>OBSERVAR</p> <p>etnografia diário de fotos e videos seguir um dia na vida objetos pessoais previsão identificação de tendências autópsia de produto <i>sketching</i></p>	<p>APRENDER</p> <p>sondagens culturais análise de concorrentes revisão bibliográfica pesquisas online comparações culturais encenação tente você mesmo mapa mental amostragem</p>	<p>PERGUNTAR</p> <p>questionários e pesquisas grupos focados narração do usuário entrevistas seja o cliente análise de DNA de marca pesquisa de marketing e pdv imagens e <i>mood boards</i> mapa de percepção personas colagem de produtos usuários extremos</p>	<p>FAZER</p> <p>modelos mock ups prototipagem em papel prototipagem dinamica prototipagem para experiência modelos estéticos ferramentas de empatia <i>bodystorming</i> prototipagem rápida</p>
<p>TESTAR</p> <p>teste no cenário testes com usuário teste de usabilidade testando materiais teste de segurança</p>	<p>AVALIAR</p> <p>checklists tomada de decisão externa intuição crowdsourcing produto de campeões matriz de avaliação - Pugh</p>	<p>COMUNICAR</p> <p>preparando a apresentação dicas para apresentação criação de relatórios apresentações visuais diretrizes engajando o público</p>	

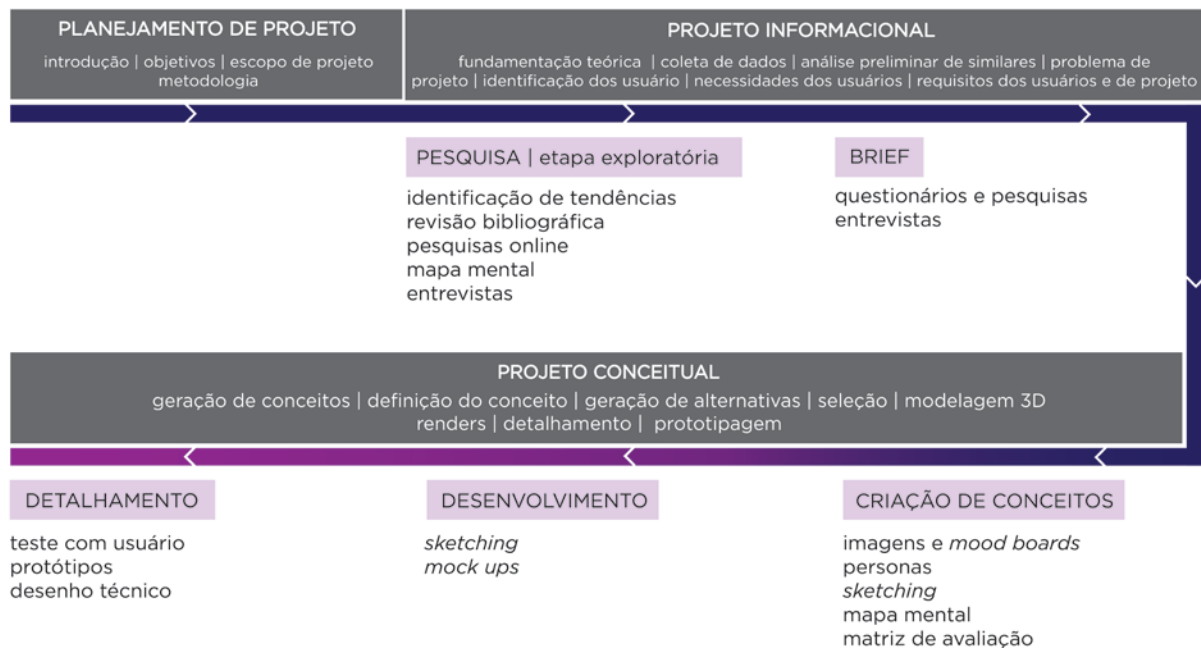
Fonte: Adaptado de Milton e Rodgers (2017).

De acordo com o livro, os métodos apresentados estão diluídos em diversas etapas do processo de design e não restritos a somente determinadas fases. Por exemplo, métodos da categoria perguntar podem estar em diversas etapas de projeto. Para Milton e Rodgers (2013) o processo de design é dividido em:

- a) Pesquisa exploratória: Essa fase é marcada pela identificação de uma oportunidade e uma pesquisa exploratória.
- b) Brief: Essa fase é focada na construção e análise de um *brief*, identificando necessidades dos usuários e estabelecendo especificações de design.
- c) Criação dos conceitos: Essa etapa envolve a criação de diferentes conceitos viáveis.
- d) Desenvolvimento: Refinamento do conceito escolhido para se obter um produto que satisfaça as especificações de projeto.
- e) Detalhamento: Essa fase abrange todos os passos para transformar o conceito em um produto detalhado com desenho técnico e especificações.
- f) Produção: Esta fase envolve questões de fabricação do produto, como processos e técnicas de produção.

Desse modo, foram filtrados alguns métodos de pesquisa pertinentes a este projeto dentro do processo de design e relacionados com a metodologia de Back (figura 2). O planejamento de projeto e o projeto informacional se encontram relacionados às etapas de pesquisa e de brief. A etapa de Projeto Conceitual corresponde a criação de conceitos, desenvolvimento e detalhamento.

Figura 2 - Previsão de inserção das ferramentas de Milton e Rodgers (2013) nas etapas de Back et al (2008).



Fonte: Autora (2017).

A partir desta combinação de metodologias e ferramentas foi possível desenvolver de maneira coerente todas as etapas do processo. A fundamentação teórica se fez com base na evolução da educação sexual no Brasil, os conceitos abordados e como ela é tratada em países de referência e no Brasil, os resultados estão descritos no capítulo 2. As ferramentas propostas por Milton e Rodgers (2013) de pesquisas online, pesquisa bibliográfica e identificação de tendências estão englobadas na fundamentação, que apresenta um amplo conjunto de fontes de pesquisa, como livros e artigos. No projeto informacional, capítulo 3, definiu-se o problema de projeto e em seguida realizou-se a análise preliminar de similares em que um conjunto de produtos relacionados a educação em sexualidade foi exposto e analisado. Visto que não existem muitos produtos voltados para o tema, optou-se pela realização de uma pré análise de similares elencando produtos e iniciativas que

variam quanto ao tema específico, mas dividem ambições maiores similares. Antes da identificação dos usuários, foi feito um mapa mental que foi organizado na forma de um mapa de atores, para se ter uma visão holística do problema e de todos os envolvidos.

Foram entrevistadas quatro especialistas com diferentes formações e atuações acerca do tema da sexualidade. A especialista 1 é professora aposentada de oficinas de educação sexual; a especialista 2 é professora acadêmica com estudo sobre gênero e sexualidade; a especialista 3 é diretora de uma organização e a especialista 4 é professora de Biologia em uma escola da rede pública. Através das entrevistas foi possível conhecer a realidade de uma escola municipal de Porto Alegre, as visões de uma professora com experiência em escolas públicas e particulares e o trabalho de âmbito nacional realizado por organizações. A maioria das entrevistas foi conduzida de maneira semiestruturada, em que as entrevistadas tiveram espaço para trazer certas contribuições fora do roteiro da entrevista. Realizaram-se duas entrevistas presenciais, uma por e-mail e outra em que a entrevistada respondeu por meio de gravações de voz. De acordo com Milton e Rodgers (2013), a entrevista é um método flexível que pode ser usado em diferentes estágios do processo de design, como para formular específicos aspectos do *brief* como para selecionar potenciais ideias de conceito. Desse modo, o método de entrevistas se encontra também na fase de desenvolvimento deste trabalho na etapa de Projeto Conceitual.

Para se compreender melhor o público alvo, foi realizado um questionário online que foi compartilhado através de redes sociais com amigos, conhecidos e alguns grupos de jovens, inclusive grandes grupos nacionais com temáticas relacionadas a sexualidade. Os questionamentos buscaram responder como os jovens enxergam o seu aprendizado sobre sexualidade e o que gostariam de ter aprendido sobre o assunto ao longo da sua infância e juventude. A partir da coleta de dados foi possível, de acordo com Back et al (2008) identificar os usuários e elencar suas necessidades para posteriormente convertê-las em requisitos dos usuários, requisitos de projeto e especificações de projeto.

Na etapa de projeto conceitual foi realizado um brainstorming com um grupo de estudantes de design para gerar conceitos de uma forma dinâmica e aberta. Foram gerados 26 *post-its* com diferentes ideias. A partir deste material, as três propostas de produtos mais interessantes foram estruturadas e melhor detalhadas. Para selecionar

o melhor conceito foi realizada uma matriz de avaliação e a apresentação dos conceitos para uma especialista. A matriz de seleção *Harris profile* foi aplicada para avaliar qual o conceito que contempla mais especificações de projeto. A matriz *Harris Profile* é uma representação visual dos pontos fortes e fracos dos conceitos de design em relação a requisitos de design predefinidos. Ela é usada para avaliar conceitos de projeto e facilitar decisões sobre quais conceitos desenvolver em um processo de design (HARRIS, 1995). A escala de avaliação conta com quatro pontos, -2, -1, +1 e +2. Essa matriz foi selecionada pois ela não necessita de um produto como referência para avaliar os conceitos gerados. Baseado nos resultados obtidos a partir da matriz, um novo conceito foi gerado unindo características de conceitos gerados previamente.

Os conceitos foram então apresentados para a especialista 5, professora do quinto ano do sistema municipal de educação, que auxiliou na seleção do conceito por meio de suas observações. Após a seleção do conceito, foi possível desdobrar algumas funções do produto a fim de se identificar certos atributos relacionados aos diferentes momentos de uso. Na geração de alternativas foram desenvolvidos, em um primeiro momento, sketches e *mockups* com biscuit e papel. Posteriormente, iniciou-se a modelagem de algumas partes no software *Solidworks* para impressão 3D e a realização de testes com maior precisão. A geração de alternativas prosseguiu até que se chegasse em um produto com forma e funcionalidades satisfatórias frente as especificações de projeto. Na etapa de desenvolvimento foram feitas decisões em relação aos materiais, encaixes e outros aspectos pertinentes ao produto. A solução final foi então renderizada em software específico e foi novamente apresentada para a especialista 5 a fim de expor o resultado e validar o produto. Por fim, foram especificadas as funcionalidades do produto e realizado o desenho técnico. Não foi realizada uma validação no espaço escolar com crianças pois o período de exposição do conteúdo na escola em questão não correspondeu ao período em que a validação seria realizada, desse modo o produto seria exposto fora de contexto. Entretanto, foram realizadas diversas conversas com especialistas e educadores que estão continuamente em contato com crianças.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte do trabalho são apresentados os conteúdos necessários para o aprofundamento do tema. Todos os conceitos apresentados a seguir são de extrema relevância para o desenvolvimento do projeto.

2.1 O CONCEITO DE SEXUALIDADE

Sexualidade é um conceito muito amplo que reúne diversas abordagens de áreas como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Não é objetivo deste trabalho tratar com profundidade todos estes diferentes estudos, mas sim, fornecer uma pequena introdução. Para isso, foram citados estudos relevantes de diferentes áreas ao longo do tempo.

Segundo uma definição de 2002 da OMS, em que diversos especialistas foram consultados, sexualidade é:

“um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem sempre elas são todas vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais”(OMS 2002).

Definir sexualidade é uma tarefa muito complexa, pois muito mais do que a função da reprodução, que por muito tempo foi a única visão explorada, o conceito de sexualidade é permeável a aspectos sociais, culturais e históricos. Bantman (1997) afirma que “a sexualidade, mais do que qualquer outra relação humana, desabrocha e desenvolve-se em termos de uma cultura e de uma norma em vigor”.

Em meados do século XIX já era entendido por muitos autores que a sexualidade é influenciada por diversos fatores, não sendo mais entendida somente pelo ponto de vista estritamente biológico. De acordo com Weeks (1992), até então, embora as questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual fossem relevantes preocupações das sociedades ocidentais, eram sobretudo preocupações da religião e da filosofia moral. A partir de então a sexualidade se torna um assunto

científico e objeto de estudo de diversas disciplinas. Os estudos de Sigmund Freud deixam claro que pensar a sexualidade como algo limitado ao corpo, aos órgãos genitais, aos aparelhos reprodutores e aos prazeres é um equívoco. Segundo Weeks (2003), a teoria psicanalítica de Freud representa uma oposição em relação ao essencialismo da sexualidade já que considera seus aspectos culturais.

Para Michel Foucault (1988) a sexualidade é um dispositivo histórico, que com toda sua rede de discursos e práticas faz parte do aumento do controle dos indivíduos. Desse modo, Foucault (1988) ataca a “hipótese repressiva”, ponto de vista segundo o qual as instituições modernas nos submetem à repressão em troca dos benefícios da civilização. O então “poder disciplinar”, se configura também como poder mobilizador de reações. Sobre a teoria de Foucault, Giddens (1992) afirma que “as declarações sobre repressão sexual e o sermão da transcendência reforçam-se mutuamente; a luta pela liberação sexual faz parte do mesmo mecanismo de poder que ela denuncia”.

2.1.1 Sexualidade e Gênero

Quando se fala em sexualidade é necessário falar sobre gênero e vice-versa. Existem diversas abordagens ao conceito de gênero e esse é um conceito que vem mudando muito ao longo dos anos. Segundo Jeffrey Weeks (1993), é impossível “compreender a sexualidade observando apenas seus componentes naturais” (...), esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais”.

De acordo com a definição de Joan Scott (1988), no artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, gênero é uma categoria historicamente determinada que confere sentido à diferença entre sexos. É comum certa confusão em relação a gênero e orientação sexual, como se estes conceitos estivessem “grudados”.

Segundo a organização não governamental Promundo, gênero refere-se:

à forma como somos socializados, isto é, como as atitudes, comportamentos e expectativas são formados com base no que a sociedade atribui ao sexo feminino e masculino. Estas características são aprendidas na família, na escola, no grupo de amigos, nas instituições religiosas, no espaço de trabalho, nos meios de comunicação. Assim como foram ‘construídas’, porém, podem ser igualmente ‘desconstruídas’. Diz respeito, também, ao modo como as pessoas e as instituições distribuem o poder em nossa sociedade, construindo, diferenciando, hierarquizando e atribuindo valores ao masculino e ao feminino (PROMUNDO, 2010).

É importante destacar que diferentes visões sobre o assunto e sobre quantos gêneros existem. Porém, algo comum a diferentes percepções e estudos é que gênero é algo mutável e não limitado. Atualmente, discussões acerca deste tema estão presentes nas mais diversas esferas, acompanhadas dos movimentos em busca da igualdade de gênero e contra a homofobia, transfobia e a discriminação e violência de gênero.

2.1.2 Sexualidade na Juventude

A adolescência é marcada por uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas em relação a sexualidade. Essa fase é caracterizada por transformações biológicas e psicológicas, em especial a definição das características sexuais secundárias. Meninos e meninas apresentam modificações hormonais e um desenvolvimento acentuado da cognição e da personalidade (CRIVELARI, 2007; TIBA, 1994). Na adolescência, alguns sinais ficam evidentes como o crescimento dos seios e a primeira menstruação nas meninas. Nos meninos há um aumento dos testículos e a primeira ejaculação (SIQUEIRA, 2003).

Segundo Jardim e Brêtas (2006), a adolescência é marcada por diversas modificações comportamentais, resultantes de transformações hormonais, que podem propiciar dificuldades de relacionamento com outras pessoas. O adolescente tende a apresentar diversos novos interesses e a se comportar de maneira imprevisível e inconsciente. De acordo com o autor, as principais alterações são: oscilações de humor, a ânsia pela autonomia e pela busca de identidade o afastamento em relação aos pais e o gosto pela companhia dos amigos, entre outras transformações da idade.

É importante destacar o papel da família na transferência de concepções e valores relacionados a sexualidade para as crianças. As experiências na família constituem o primeiro e talvez o mais importante exemplo em relação a sexualidade. Mesmo quando não existe um diálogo aberto e compreensivo, existe educação sexual, pois o silêncio também é uma forma de educar. O comportamento e opiniões dos pais, no seu dia a dia, são absorvidos e aprendidos pelas crianças (BRASIL, 1997).

2.2 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

Nesta parte serão apresentados diversos assuntos relevantes na discussão sobre a educação para a sexualidade, a fim de se criar um conjunto de conhecimentos que auxiliarão no desenvolvimento deste projeto.

2.2.1 Educação em sexualidade

A abordagem *Comprehensive sexuality education*, na tradução literal para o português significa educação abrangente da sexualidade. Essa abordagem significa prover informação e orientação sobre aspectos físicos e emocionais sobre o processo de crescimento e o início de relacionamentos. Ela é usada em diferentes países e varia de formatos. Como citado anteriormente, ela guiará o desenvolvimento deste projeto.

De acordo com a Rutgers, organização holandesa responsável por diversos programas de educação em sexualidade, o que faz uma educação ser abrangente é o fato de não focar somente em sexo e sexualidade, mas enfatizar na importância de relacionamentos saudáveis. Os jovens devem ganhar autoestima e entender como proteger seu bem estar físico e emocional. Eles devem entender as consequências de fazer sexo e a importância de sexo seguro. A juventude deve aprender sobre seus direitos de saúde sexual.

Existem diferentes nomes e abordagens para a *comprehensive sexual education*, na tradução livre educação sexual abrangente, ao redor do mundo. No entanto, diversos programas compartilham certas similaridades: a base em direitos humanos – incluindo os direitos da criança e o empoderamento de crianças e jovens – e o entendimento de sexualidade como uma parte natural do desenvolvimento humano (UNFPA, 2015). No Brasil não existe uma tradução direta popular correspondente ao conceito da educação sexual abrangente. A UNESCO passou a adotar em seus materiais o termo educação em sexualidade como o correspondente, termo adotado neste trabalho.

Com o documento Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro (UNESCO, 2013), a UNESCO BRASIL junto com outras entidades e especialistas ajustou o relatório global original de 2009 para a realidade brasileira.

Neste relatório, são apresentados os tópicos para a educação em sexualidade de acordo com faixas etárias. Os conceitos-chave e objetivos de aprendizagem apresentados são:

1. Relacionamentos
2. Valores, atitudes e habilidades
3. Cultura, sociedade e direitos humanos
4. Desenvolvimento humano
5. Comportamento sexual
6. Saúde sexual e reprodutiva

Para cada um destes conceitos-chaves existem certos tópicos de aprendizagem (quadro 1). E para cada tópico destes, existem diversos objetivos específicos a serem tratados dentro de cada nível de idade. Os níveis são os seguintes:

- a) Nível I (5 a 8 anos)
- b) Nível II (9 a 12 anos)
- c) Nível III (12 a 15 anos)
- d) Nível IV (15 a 18 anos)

Quadro 1 - Conceitos-chave e tópicos propostos.

Conceitos-chave	Tópicos de aprendizagem
1. Relacionamentos	Famílias Amizade, amor e relacionamentos Respeito, tolerância e solidariedade Namoro, casamento, união estável, filhos e relacionamentos eventuais.
2. Valores, atitudes e habilidades	Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual Tomada de decisões Habilidades de comunicação, recusa e negociação Encontrar ajuda, apoio e orientação.
3. Cultura, sociedade e direitos humanos	Sexualidade, cultura e direitos humanos Sexualidade e mídia A construção social do gênero Violência de gênero, abuso sexual e práticas prejudiciais.
4. Desenvolvimento Humano	Anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva Reprodução Puberdade Imagem corporal Privacidade e integridade corporal
5. Comportamento Sexual	Sexo, sexualidade e o ciclo de vida sexual Comportamento sexual
6. Saúde sexual e reprodutiva	Saúde reprodutiva Entender, reconhecer e reduzir o risco de DST, inclusive o HIV, estigma, tratamento, assistência e apoio às pessoas vivendo com HIV e aids

Adaptado de: Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro.

O que é importante destacar é que, de acordo com este documento, todas as faixas etárias abordam todos os tópicos de aprendizagem, porém com objetivos de aprendizagem diferentes. Por exemplo, para o tópico imagem corporal, que está dentro do conceito de Desenvolvimento Humano, existem diversos objetivos (quadro 2).

Quadro 2 - Tópico imagem corporal e seus objetivos.

Nível	Objetivos de aprendizagem
Nível 1 (5-8 anos)	Todas as pessoas devem e podem ter orgulho de seus corpos.
Nível 2 (9-12 anos)	Todos os corpos possuem beleza, são especiais e únicos, inclusive aqueles que apresentam deficiências.
Nível 3 (12-15 anos)	Medicamentos e cirurgias para modificar a aparência física – a fim de se adequar a padrões vigentes de beleza – podem ser prejudiciais.
Nível 4 (15-18)	A imagem corporal é constituída a partir da autoestima, dos sentimentos em relação ao próprio corpo e de elementos da cultura local.

Adaptado de: Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro.

2.2.2 Educação em Sexualidade em Países Referência

Os países estudados para este trabalho foram Holanda e Suécia, ambos países com programas nacionais estruturados de educação sexual.

O caso da Holanda é um dos mais estudados e comentados. Neste país as crianças começam a receber aulas de sexualidade ainda com 4 anos. A instituição responsável por desenvolver todo o material e estruturar o pacote de educação em sexualidade é a Rutgers, um centro internacional no conhecimento de educação em sexualidade estabelecido na Holanda. O programa *Spring Fever* é para crianças dos 4 aos 11 anos. A abordagem positiva em relação ao sexo surge do entendimento de que jovens são curiosos sobre sexualidade e que eles precisam, querem e tem o direito a informações precisas sobre saúde sexual. Segundo a Rutgers, pesquisas recentes mostram que 9 entre 10 jovens holandeses usou preservativo na sua primeira relação sexual.

O currículo do *Spring Fever* começa a partir dos 4-5 anos, com discussões sobre sentimentos e sobre ser uma menina versus ser um menino. Com 7 anos, as aulas incluem discussões sobre respeito e atração e com 8-9 anos atrações por pessoas do mesmo sexo. Com 10-11 anos, os tópicos incluem mudanças com a puberdade, amor, namoros e homens e mulheres na mídia. O currículo *Lang leve de*

liefde, em português Vida Longa ao Amor tem como objetivo dar aos adolescentes as habilidades para que consigam fazer suas próprias escolhas, não somente em questões biológicas de reprodução mas em valores, atitudes, comunicação e habilidades de negociação. Um grande ponto da mensagem do programa da Rutgers é sobre ter uma visão positiva e uma comunicação aberta. Os materiais são caracterizados pela clareza, objetividade, linguagem apropriada às diferentes idades e um design atrativo, como mostra a versão online na figura 3.

Figura 3 - Menu da versão digital do programa Spring Fever para o Reino Unido.



Fonte: Rutgers (2017).

Um artigo interessante do The Mirror, descreve a experiência de um professor e três alunos de 16 anos do Reino Unido que viajam para a Holanda para ver de perto como funciona a educação sexual no país (MIRROR, 2007). Os alunos britânicos ficaram chocados com diversos assuntos tratados na sala de aula. Foi apresentado um vídeo sobre sexo, com dicas sobre sexo oral, que falava sobre masturbação e continha imagens de casais na cama. O vídeo também mostrava diferentes desenhos de genitais para mostrar que são normais em diferentes tamanhos e formatos. De acordo com o professor, ele presenciou aulas em que alunos de 10 anos tinham demonstração do uso de preservativo e eram ensinados a como usar os métodos contraceptivos. O mais impressionante para ele, era a reação das crianças, que

faziam comentários como “minha mãe usa isso”. Os holandeses inclusive visitam uma *sex shop* acompanhados de um “guia” jovem para conversar sobre o que eles veem.

Na Suécia a educação sexual é obrigatória desde 1956 e as escolas contam com cursos em horários fixos por alguns meses. O assunto é tratado com naturalidade em filmes e jogos. São abordados temas como consentimento e álcool. Uma característica similar, a estes dois países, é que os programas não são curtos assim os alunos têm o tempo necessário para se familiarizar com assunto e desse modo passam a tratar os conteúdos com naturalidade (WEALE, 2015).

2.2.3 Educação Sexual no Brasil

No Brasil, a Educação sexual passou a receber maior atenção a partir das décadas de 20 e 30, quando começaram as primeiras demandas por programas de educação sexual (ROSEMBERG, 1985). Neste momento o maior interesse no assunto era devido a vontade de informar as mulheres e a conhecer mais a sua saúde (FIGUEIRÓ, 1998).

Nos anos 60 aconteceu um grande avanço em relação ao tema, com implantação de programas em escolas, com exemplos que priorizavam discussões e a escolha de temas baseados no interesse e necessidade dos alunos (WEREBE, 1977). Nos anos 70, ocorreu um recuo em relação à implantação da educação sexual no Brasil, devido ao momento político marcado pela repressão. Segundo Rosemberg, o argumento de a família ter a prioridade em tratar o assunto da sexualidade continuaria por muito tempo um entrave em relação a novas experiências referente à educação sexual (ROSEMBERG, 1985). Algo que se configura verdadeiro até o presente como mostram parcelas conservadoras da sociedade.

Em relação a metodologias de ensino, o debate aberto surgiu como uma maneira de se discutir temas mais amplos como liberdade e igualdade entre homens e mulheres. No ano de 1997 o MEC oficializou os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual consta os conteúdos de orientação sexual (termo este usado pelo MEC até o presente). Essa foi a iniciativa mais importante do governo federal para a inclusão da sexualidade na perspectiva do gênero:

Embora com um discurso ainda voltado à prevenção, os PCN lançaram as bases para que a educação em sexualidade – sobretudo na perspectiva das relações de gênero – fosse incluída como tema legítimo e importante no

sistema educacional, levando subsídios a professores para que conteúdos específicos fossem incorporados de forma transversal aos currículos da educação básica de forma mais abrangente. (UNESCO, 2013)

A educação sexual pode ser abordada de duas formas de acordo com os PCNs, sendo:

- Dentro da programação: Em cada série o conteúdo de educação sexual é organizado e planejado entre os professores.
- Extra programação: qualquer professor pode aproveitar um momento que se mostre oportuno para tratar de assuntos relacionados à educação sexual.

Além destes dois meios, também é possível a criação de aulas específicas para tratar do assunto, podendo ser dentro do horário regular ou em horário extra classe. Na educação informal, extra programação, se destacam dinâmicas de dessensibilização da palavra (VITELLO, 1997) quando a partir de apelidos de órgãos sexuais é possível ensinar com naturalidade.

Figueiró aborda diversos modos de tratar a sexualidade dentro da programação, como em aulas expositiva-dialogadas, debates abertos, dramatizações, desenhos, entrevistas e questionários. A necessidade da recorrência do assunto é muito importante, como Figueiró destaca:

Um cuidado especial no ensino da sexualidade merece ser registrado. Trata-se de atentar para a necessidade de recapitulação e de retomada dos conteúdos que já foram trabalhados. Os alunos precisam ter várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo.

A escolha do material didático se mostra um desafio para educadores pois não há uma definição nacional. De acordo com Vitiello (1994) as aulas devem ser ministradas por meio de metodologias participativas, baseadas em uma realidade sociocultural, desenvolvida com criatividade, intimista e lúdica. Segundo Schmitz (1993) o material de apoio é o elo entre o que é falado e o que acontece na prática. Por meio destes materiais o educando é instigado a refletir através de sua capacidade imaginativa e é aproximado da realidade.

Apesar da carência de materiais adequados, alguns professores utilizam livros, filmes, slides, pesquisas da internet, depoimentos, enquanto outros utilizam somente o diálogo como método para a educação sexual (NOGUEIRA ET AL, 2016). Além da

atualização constante e da busca de modos de ensinar, os educadores devem sempre rever seus pensamentos, sentimentos e possíveis preconceitos (FIGUEIRÓ, 2006).

Em abril deste ano, 2017, o Ministério da Educação entregou o documento da Base Nacional Comum Curricular ao Conselho Nacional de Educação (BNCC), o qual precisa aprovar o documento para posterior homologação por parte do ministro da educação. Segundo o MEC, a Base Nacional Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidade da Educação Básica. O MEC suprimiu a palavra orientação sexual e a palavra gênero nos trechos que apareciam na versão anterior, entregue a imprensa. Essa retirada e consequente omissão, que gerou muitas críticas de especialistas, mostra como questões urgentes ainda não são consideradas realmente importantes no Brasil. O Brasil não tinha uma base comum, mas documentos como as diretrizes e parâmetros curriculares e normas federais já garantiam a padronização na elaboração dos currículos. Agora, a BNCC será a referência nacional obrigatória para que as escolas desenvolvam seus projetos pedagógicos.

3. PROJETO INFORMACIONAL

Neste capítulo são apresentadas a coleta e a análise de dados a fim de se definir os principais requisitos de projeto. A coleta de dados objetiva principalmente entender o que é importante para o usuário e analisar os produtos similares. Para tal, são utilizados diferentes métodos de pesquisa.

3.1 PROBLEMA DE PROJETO

O problema de projeto compreende facilitar e tornar mais atraente e efetiva a educação em sexualidade.

3.2 COLETA DE DADOS

A seguir são apresentados os tópicos referentes a coleta de dados.

3.2.1 Análise Preliminar de Similares

Nesta etapa foram elencados diferentes tipos de produtos e iniciativas para a educação em sexualidade existentes no mercado ou projetos conceituais. Esta etapa busca conhecer e analisar o que já foi proposto a fim de se validar o potencial do projeto e de se identificar oportunidades para a geração do conceito do projeto.

3.2.1.1 The Period Game.

The Period Game é um jogo de tabuleiro, criado por Daniela Gilsanz e Ryan Murphy, dois estudantes de design da Rhode Island School of Design, que queriam mudar a perspectiva de como a questão da menstruação é vista e ensinada para crianças e jovens. O jogo pretende transformar uma situação que geralmente não é fácil em algo divertido, positivo e criar uma experiência de aprendizado. O jogo ensina os participantes sobre o que está acontecendo no corpo feminino e a como agir quando surgir a primeira menstruação. O ato de jogar cria um ambiente aberto e motivador onde os jogadores podem aprender e dizer palavras como “menstruação”

e “absorvente” sem o desconforto usual encontrados na sociedade. De acordo com os criadores, o jogo facilita o processo de aprendizado sobre este ciclo e previne a difusão de informações errôneas sobre o assunto (REFINERY29, 2016).

Além de ilustrações, o kit conta com objetos relacionados a partes do corpo, como o útero e os ovários, que podem expelir uma bolinha branca ou vermelha. A vermelha significa que é sua vez de jogar, fazendo uma alusão ao que ocorre durante a menstruação no corpo feminino (figura 4). Com seus trocadilhos bem humorados e ilustrações atrativas, o jogo representa um grande passo no afastamento das narrativas tradicionais “tornando-se uma mulher”. Este projeto foi ganhador do Prêmio Red Dot 2016 e atualmente os criadores estão tentando fabricar e distribuir o produto.

Figura 4 - Jogo Perdioid Game



Fonte: Refinery29 (2016).

Esse similar conta com motivações similares a deste projeto, pois trata sobre um assunto que ainda não é abordado com total naturalidade e sem uma padronização no aprendizado. Através de uma ideia e estética interessante, o jogo consegue lidar com o assunto de uma forma natural e divertida.

3.2.1.2 4D Human Anatomy Female/Male Reproductive System

Este produto, da marca 4D Master, é fabricado pela FameMaster, uma indústria de Hong Kong que exporta e vende seus produtos em diversos países. O fabricante vende principalmente brinquedos educacionais, dos mais variados tipos, geralmente relacionados à ciência, natureza e animais. O kit, mostrado na figura 5 conta com 25 partes, unidas por encaixe, que demonstram o sistema urinário e reprodutivo feminino com cortes de seção em todas as partes. A marca oferece também o kit do sistema masculino como mostra a figura 6. Em alguns sites de venda o produto é posicionado como um ótimo meio de abordar educação sexual. O produto é interessante pois demonstra exatamente como funciona o sistema reprodutivo e urinário. Porém a sua abordagem é totalmente biológica e cientificamente realista, o que de certo modo cria uma percepção maior de seriedade (AMAZON, 2017).

Figura 5 - Brinquedo educacional 4D Female Reproductive System.



Fonte: Amazon (2017).

Figura 6 - Brinquedo educacional 4D Male Reproductive System.



Fonte: Amazon (2017).

O material principal das peças é o Policloreto de Vinila (PVC), que é o material mais usado em modelos anatômicos. As peças são encaixadas através do encaixe macho/fêmea como mostra a figura 7.

Figura 7 – Peças em PVC de modelo anatômico do sistema genital masculino.



Fonte: Amazon (2017).

3.2.1.3 3D Clit

O 3D clit é a anatomia em tamanho real de um clitóris impresso 3D como mostrado na figura 8. A iniciativa surgiu da francesa Odile Fillod, pesquisadora de assuntos médico-sociais, que a partir da sua participação na criação de uma série de tv para desenvolver um vídeo moderno sobre educação sexual, percebeu que o clitóris nunca era apresentado da maneira correta em livros escolares. O 3D Clit, é *open source*, anatomicamente correto e passível de ser impresso 3D (THEOBALD, 2016). Com essa pequena iniciativa, crianças e jovens poderão, de fato, conhecer o clitóris, órgão que apresenta a função de fornecer prazer sexual. A omissão deste órgão na educação sexual, com certeza contribui para o desconhecimento do corpo feminino, tanto por parte das mulheres e dos homens. O produto passou a ser usado em salas de aula na França a partir de Setembro de 2016.

Figura 8 -3D clit

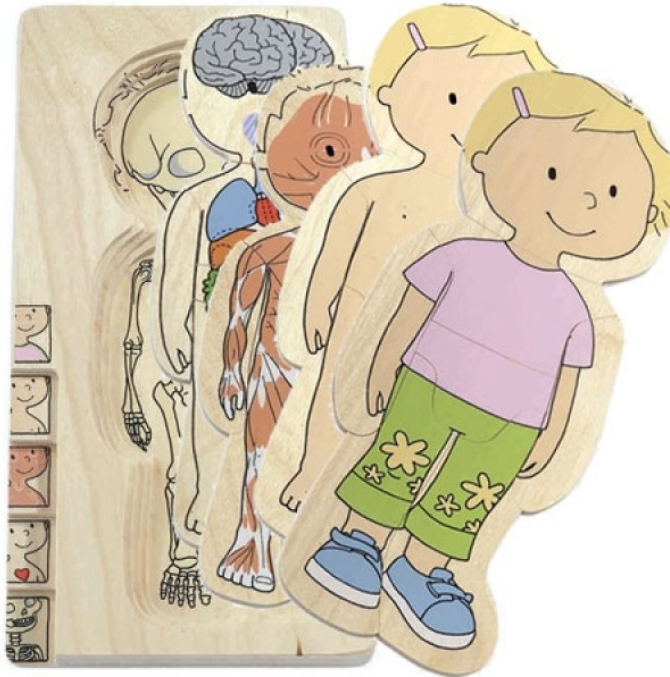


Fonte: The Guardian (2016).

3.2.1.4 Your Body Puzzle

Este brinquedo da Hare, marca alemã de brinquedos, apresenta cinco camadas, que focam em diferentes sistemas que existem no corpo humano (esquelético, respiratório, digestivo, muscular e tegumentar) mostradas na figura 9. O brinquedo é indicado para crianças a partir dos dois anos e promove um profundo aprendizado sobre o corpo humano e biologia.

Figura 9 -Your Body Puzzle.



Fonte: Amazon (2017)

Apesar de ser indicado para uma faixa etária mais infantil, a ideia deste produto é muito interessante pois aborda diferentes aspectos do corpo humano. Existe também um aspecto relacionado a gênero, uma vez que a última camada conta com uma menina vestindo roupas, o que é determinado por construções sociais e não pelo sexo.

3.2.1.5 Máquina de distribuição educacional de preservativos

A máquina faz parte da Campanha *Smart is Sexy*, na tradução literal inteligente é *sexy*, da marca de preservativos *Life Styles*. Essa máquina exige que o usuário responda uma rápida pesquisa para então ganhar um preservativo gratuitamente. A ideia é, de um modo, interativo, lembrar as pessoas sobre os comportamentos 'inteligentes' relacionados a sexo, relacionamentos e proteção. Duas máquinas foram colocadas em Nova York, uma no parque Washington Square, como na figura 10, e outra em frente a uma casa de eventos (PENDRILL, 2016).

Figura 10 - Lifestyles máquina de distribuição de preservativos



Fonte: TrendHunter (2016).

Essas máquinas representam um modo inteligente de criar uma discussão aberta sobre o uso da camisinha e DST's. Apesar de ser direcionado ao público mais adulto, representa uma iniciativa interativa para mudar o comportamento das pessoas.

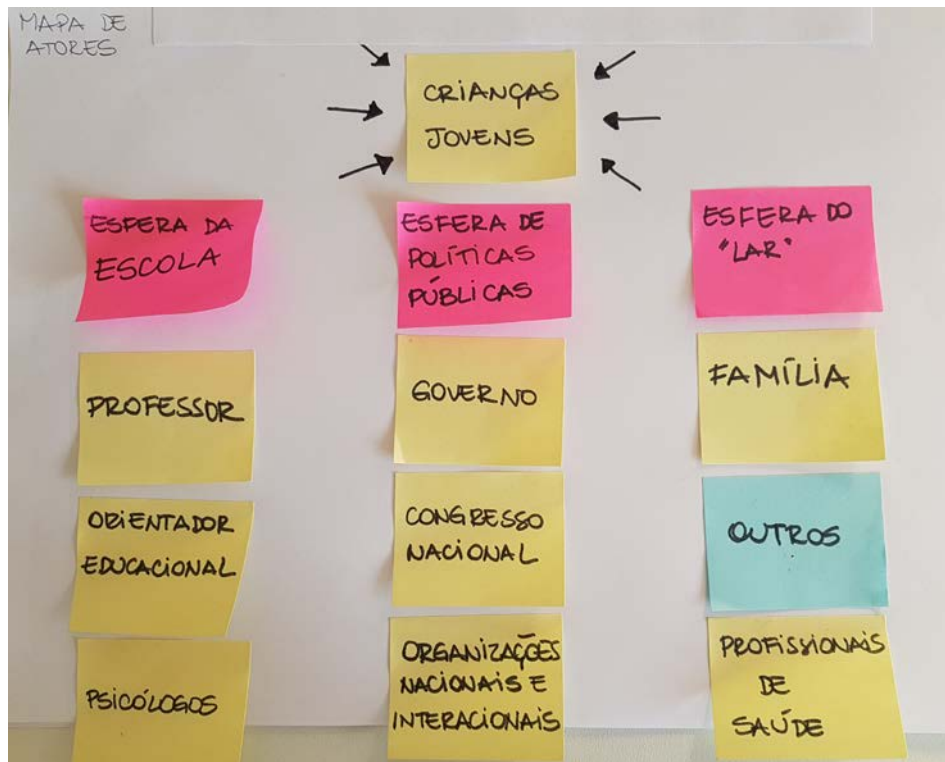
3.2.2 Considerações sobre similares

A partir desta análise de similares foi possível perceber que alguns produtos focam mais nas questões científicas, caso do kit dos sistemas genitais e do 3D *clit*, e outros, como o *Period game* e o *puzzle your body*, são jogos e brinquedos educacionais e apresentam uma estética mais infantil.

3.2.3 Mapa de Atores

Para se compreender melhor todos os envolvidos no cenário da educação em sexualidade no Brasil, criou-se um mapa de atores (figura 11). Posteriormente escolheu-se focar as pesquisas em determinadas esferas.

Figura 11 - Levantamento dos atores envolvidos no cenário do projeto.



Fonte: Autora (2017).

Decidiu-se direcionar as pesquisas para crianças, jovens, professores e organizações nacionais pois muitos dados sobre políticas governamentais já foram levantadas na etapa de fundamentação teórica.

3.3 ENTREVISTAS

Foram realizadas algumas entrevistas com especialistas de diferentes áreas, ou seja, pessoas que poderiam contribuir com o projeto por terem algum conhecimento específico do tema. Conversou-se com professores acadêmicos, professores da rede pública e organizações. Buscou-se um grupo de especialistas que poderiam ter opiniões e experiências diversas, contribuindo para uma visão holística acerca do tema.

3.3.1 Especialista 1

Professora aposentada da Rede Municipal de Porto Alegre, onde ministrou uma Oficina sobre Sexualidade há alguns anos, formada em Sexualidade Humana. Os questionamentos a serem respondidos foram enviados, por e-mail, para se ter uma ideia geral de como funcionavam essas oficinas. As respostas da entrevista podem ser conferidas no Apêndice A. Segundo a especialista, Educação Sexual não tem nada a ver com “biologização” e sim com a forma que “vivenciamos e experienciamos a vida”. Na visão da educadora questões como reprodução, corpo, puberdade, sexo, masturbação, amor, gravidez, DSTs e prevenção são temas de biologia e não de educação sexual. Essas oficinas, destinadas a alunos do ensino fundamental aconteciam em horários extra classe e geralmente os assuntos tratados eram trazidos pelos alunos. Os métodos utilizados eram diálogo, livros, revistas, filmes, jogos, desenhos, dinâmicas de grupo e técnicas de psicodrama. A educadora destacou também a dificuldade de se conseguir tempo para se falar sobre o assunto:

No meu trabalho na escola e na SMED esta era a grande questão. Nunca havia horários para que se pudesse fazer algum encontro com os professores que acabavam demandando questões para a “sexóloga”. Assim como na educação infantil a Secretaria não abria horários, o que acabava se possibilitando somente fora dos nossos horários de trabalho.

3.3.2 Especialista 2

Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com estudos principalmente sobre gênero e sexualidade na infância. Foi realizada uma entrevista semiestruturada sobre o tema, enfatizando os temas de estudo relevantes para este trabalho. O roteiro e a transcrição da entrevista podem ser conferidos no Apêndice B.

Para a especialista 2 as crianças e jovens devem aprender sobre sexualidade em todos os lugares e meios, além da escola e em casa. Ela destacou como as crianças aprendem sobre sexualidade desde o momento do nascimento, quando ainda são bebês. A partir da entrevista foi possível observar algumas das principais dificuldades em relação a educação em sexualidade no Brasil:

- A falta de legislação no Brasil evidencia a visão de que este assunto não é importante para o país;

- Má formação dos professores em relação ao tema;
- Confusão conceitual entre gênero e sexualidade. “Desse modo não fariam confusão em relação ao que chamam de ideologia de gênero;”

Em relação aos modos de se abordar educação em sexualidade:

- Estabelecer o que pode e deve ser ensinado para cada faixa etária é algo muito relativo.
- Qualquer tema da sexualidade deveria ser discutido de uma maneira muito tranquila.
- Inconsistência nas fronteiras em relação ao acesso das crianças no Brasil no que diz respeito a produtos e a mídia, como por exemplo o horário de alguns programas de televisão com conteúdo sexual.
- Situações de cunho sexual acontecem em qualquer aula, pois dúvidas podem surgir em qualquer disciplina.
- A legislação é algo bom para as escolas pois padroniza e evita que se coloque a responsabilidade no professor, os quais, muitas vezes, passam a ser ameaçados devido ao seu trabalho.

Ainda destacou-se a impossibilidade de se falar sobre sexualidade sem falar sobre gênero e vice-versa e sobre como os conceitos escorregam, apesar da tentativa de se designar caixas para cada um. Um dado expressivo trazido durante a entrevista foi de que menos de 5% das escolas no Brasil tem algum projeto contínuo a respeito da educação sexual.

3.3.3 Especialista 3

Mestre em Bioética pela Universidade de Brasília e diretora da ECOS, organização focada na comunicação em sexualidade há 21 anos. O objetivo da ECOS é defender os Direitos Humanos e os Direitos Reprodutivos, em especial, das populações mais vulneráveis e das juventudes. A organização utiliza conhecimentos dos mais variados campos do saber e atua nas áreas de Educação, Saúde, Comunicação e Desenvolvimento social e comunitário.

A ECOS desenvolve há 21 anos diferentes trabalhos para organizações, nacionais ou internacionais, voltados para as questões relacionadas à sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva, diversidade sexual, violência de gênero, drogas, prevenção ao HIV/AIDS, entre outras temáticas. Também atua no acompanhamento das políticas públicas, na formulação de projetos de educação em sexualidade, por meio da criação de estratégias que possam dar conta das necessidades múltiplas e heterogêneas que atravessam o campo da sexualidade.

As perguntas foram encaminhadas por e-mail e respondidas através de gravações de áudio, para facilitar a exposição dos assuntos já que a entrevistada reside em Brasília. O roteiro e a transcrição da entrevista podem ser conferidos no Apêndice C. Devido a experiência da entrevistada na elaboração de materiais sobre o tema essa entrevista se mostrou muito valiosa.

A especialista destacou a necessidade de se falar sobre sexualidade sempre, desde quando a criança passa a se expressar e de se criar espaços para questionar os modelos colocados sobre o corpo das pessoas.

Quando questionada sobre as principais dificuldades para se ter uma abordagem mais abrangente no Brasil, a entrevistada destacou a presença de organizações e religiões fundamentalistas que tem uma proposta de humanidade que não inclui, por exemplo, gays e a liberdade das mulheres. A ECOS ajudou a construir o kit contra homofobia, parte do projeto federal Escola sem Homofobia, que foi suspenso e apelidado de kit gay por setores conservadores do Congresso Nacional. O kit continha boletins informativos e vídeos que mais tarde foram divulgados. Essas e outras tentativas foram citadas pela diretora da ECOS, que citou como é complexa a discussão sobre esse tema:

Dentro do próprio governo, até então centro esquerda, isso perdeu a sua força, seu valor, então eu acho que existem alianças e processos que se juntam para que essa temática não perca a sua importância, porque falar sobre isso é mexer numa estrutura de pensamento de vida, é refletir sobre questão econômica, sobre trabalho reprodutivo, violência, sobre o poder que os homens, de modo geral, entendem ter sobre os corpos das mulheres. Então é uma discussão que tem no seu cerne questões bastante profundas, de mudança de paradigmas sociais.

Sobre a criação de um produto para falar sobre sexualidade, alguns pontos interessantes foram levantados:

- Brincadeiras e jogos tem um campo enorme;
- O desafio é fazer com que não seja um material com conteúdo verticalizado mas que consiga dar uma enormidade de possibilidades para as pessoas pensarem.

- Evitar o moralismo e o dogmatismo explorando assuntos que dialoguem de fato com a vida real.
- Prover subsídio para que o facilitador consiga conduzir a atividade da melhor maneira, evitando um reforço de preconceitos.
- No caso de um jogo, permitir que as pessoas tenham liberdade de trazer suas dúvidas, suas esquisitices, afetos e medos.

3.3.4 Especialista 4

Professora da Escola Municipal João Antônio Satte, localizado no bairro Parque dos Maias, em Porto Alegre. A professora, com formação em Biologia, já trabalhou em escolas particulares e estaduais e com alunos de diversas faixas etárias. No momento é responsável pelas aulas de Biologia para turmas de sétimo e oitavo ano, com alunos na faixa etária de treze a quatorze anos. O roteiro e a transcrição da entrevista podem ser conferidos no Apêndice D.

Segundo a educadora a escola em que ela trabalha não apresenta um programa estruturado para a educação sexual. Para tratar questões como gênero e orientação sexual existem ações pontuais, como uma iniciativa da orientadora da escola de criar um grupo de meninas, no turno inverso, para tratar sobre questões de gênero.

Os principais temas abordados na sala de aula são: sistema reprodutor, reprodução, puberdade, métodos de contracepção e DSTs. A professora prefere tratar estes assuntos no final do ano para que possa desenvolver certa intimidade com alunos e para que eles estejam mais maduros. O sistema reprodutor é o ponto de partida para outros assuntos, que muitas vezes são trazidos pelos alunos. O ponto de partida é sempre pela visão da ciência.

Sobre as dificuldades em tratar esse tema foram levantados os seguintes pontos:

- Falta de recursos das escolas do município. Grande limitação tecnológica;
- Muita variação de idade dentro de uma turma;

Sobre a questão dos alunos, de seus interesses, dúvidas e comportamentos:

- Muitos alunos apresentam um comportamento sexualizado, até porque alguns já iniciaram a vida sexual;
- Os alunos demonstram bastante interesse e tem muitas dúvidas. As principais dúvidas são sobre transformações no corpo durante a puberdade e métodos contraceptivos (principalmente das meninas);
- Existe um grande interesse sobre essas transformações, apesar de alguns alunos já terem passado por isso, outros ainda estão iniciando com essas transformações;
- A escola em questão é um ambiente muito diverso em todos os sentidos;
- O comportamento dos alunos muda muito quando se chega neste conteúdo. Eles ficam mais tímidos e as aulas mais tranquilas e silenciosas. Apesar de poucos fazerem perguntas na frente da turma, todos querem ouvir pois tudo é novidade;
- O riso em algumas aulas é algo natural;
- O *bullying* que acontece na sala de aula é de caráter mais social, não existindo muito *bullying* relacionado à orientação sexual;
- Existem diversos casais homossexuais nas turmas, principalmente de meninas.

A professora questionou o quanto o professor deve tratar de certos assuntos na sala de aula para que não traga seus próprios valores que diferem dos de seus alunos. Essa preocupação realmente é importante quando não se tem um material oficial ou uma regulamentação sobre o assunto. Os principais materiais didáticos usados são aulas expositivas, os livros de biologia distribuídos pela rede pública, confecção de cartazes e atividades. Na visão dela, cada escola demanda a priorização de temas de acordo com a sua realidade. No cenário da escola onde trabalha, os principais temas de urgência são métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis visto a elevada taxa de alunas que ficam grávidas. Ela achou muito interessante a ideia de criar produtos para facilitar a discussão destes temas e citou os modelos anatômicos que acha muito bons, porém apresentam um custo muito

elevado. A educadora acha interessante a criação de um produto para abordar as transformações da puberdade, tema que desperta muito interesse.

3.4 DEFINIÇÃO DOS USUÁRIOS

Para Back et al (2008) a voz do usuário se constitui no principal e mais crítico passo para alcançar a qualidade ou a competitividade de produtos. Os usuários do produto a ser desenvolvido se dividem principalmente em dois grupos: as crianças e jovens e as pessoas responsáveis por expor o produto, podendo ser professores, psicólogos e educadores em geral.

Como o projeto pretende abranger diferentes espaços de uso, na escola e também em casa é importante atender para o papel determinante da família. As famílias das crianças e jovens são também usuários pois elas que tem o maior poder de decisão de compra. Quando o produto estiver inserido na escola, os pais também desempenham papel importante, pois eles que fazem as decisões em relação a educação dos filhos podendo exigir certas atitudes da escola e educadores.

Após a fundamentação teórica e as entrevistas, decidiu-se focar na faixa etária dos 9 aos 12 anos, visto que esta é uma idade que além de estar passando pelas transformações da puberdade, é a idade que antecede o início de muitos relacionamentos afetivos. Essa faixa etária está prevista no documento Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o Cenário Brasileiro (UNESCO, 2013) que já foi citado anteriormente. A nomenclatura usada neste trabalho continuará sendo referente a crianças e adolescentes, visto que existem diferentes definições destes termos. No Brasil, de acordo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) a pessoa até os 12 anos incompletos é considerada criança (BRASIL, 1990) já a Organização Mundial da Saúde define adolescência a partir dos 10 anos.

Desta forma, têm-se como os usuários primários deste projeto crianças e adolescentes dos 9 aos 12 anos em geral, pois todos têm direitos de saúde sexual e reprodutiva. Também são usuários as pessoas responsáveis por expor o produto podendo ser pais, professores, psicólogos e educadores em geral. Dentro deste grupo existem muitas diferenças, pois crianças e jovens são educados de maneiras diferentes de acordo com a escola, região onde moram e estudam, família, religião, classe social, entre outros. Mesmo que diversos produtos contenham um conjunto

variado de usuários, sempre é importante considerar os diferentes fatores que contribuem para tal heterogenia.

3.4.1 Questionário

Para compreender melhor o público alvo foi realizado um questionário online, que foi encaminhado para diversos amigos que compartilharam em grupos de redes sociais. Os grupos apesar de apresentarem temáticas variadas eram todos compostos, em sua maioria, por jovens. Através deste questionário buscou-se saber como os jovens classificam a educação que tiveram sobre sexualidade na esfera da escola e da família e sobre o que eles gostariam de ter aprendido quando mais jovens que teria os ajudado no futuro. Optou-se por direcionar o questionário a jovens que já passaram pela vida escolar, exatamente, para saber, o que eles gostariam que fosse diferente. Escutar pessoas que já tiveram certas experiências, e mais tempo para viver, entender e discutir a sua sexualidade se mostra relevante pois estas conseguem avaliar o que realmente teria sido melhor. Devido a extensão do questionário, com 16 perguntas sendo algumas descritivas, será apresentado um breve resumo das respostas e os pontos mais recorrentes e relevantes para o desenvolvimento deste projeto. Os tópicos de educação em sexualidade apresentados no questionário foram retirados do documento Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro. O questionário completo com as respostas se encontra no apêndice E.

Foram coletadas respostas de 107 respondentes que se inserem principalmente na faixa etária entre 25 a 34 anos (47,7%) e 19 a 24 anos (43,9%), com maioria do gênero feminino (65,4%). A Renda familiar foi bastante diversa com dois maiores grupos apresentando uma renda familiar de R\$ 3520,01 até R\$ 8800,00 (31,8%) e entre R\$ 1760,01 até R\$ 3520,00 (29%). A grande maioria estudou em escola particular (58,7%), seguido de escola pública (21,5%) e de quem estudou nas duas (19,5%). A localidade das escolas variou bastante, englobando cidades de todas as regiões do Brasil, Sul, Sudeste, Centro-oeste, Nordeste e Norte, com destaque para cidade de Porto Alegre e outras cidades do Rio Grande do Sul.

Quando questionados sobre a sua educação sexual escolar, 77,6% afirmou ter visto temas relacionados a sexualidade porém somente 11,3% a considerou

satisfatória. A maioria dos respondentes estudou conteúdos relacionados a sexualidade nas disciplinas de Ciências e Biologia, com destaque também para Sociologia, Filosofia e Ensino Religioso. Palestras e atividade paralelas foram bastante citadas. A maioria dos assuntos abordados era relacionado a Saúde Sexual e reprodutiva (86,4%) e ao desenvolvimento humano (89,8%). Assuntos ligados a relacionamentos e comportamento sexual foram pouco abordados, sendo estudado por somente 26,1% e 20,5% dos respondentes respectivamente.

Houve uma forte divisão entre os respondentes na avaliação sobre o que aprenderam durante sua juventude relacionado ao assunto (não só na escola), 46,7% julgou insatisfatório seu conhecimento adquirido sobre seu corpo e sexualidade. No quadro 3, estão os principais assuntos de interesse dos respondentes seguido de algumas respostas consideradas relevantes e representativas.

Quadro 3 - Assuntos de interesse relacionados a sexualidade (continua).

Área	Assunto	Respostas
RELACIONAMENTOS	Respeito Relacionamento abusivo	“Acho que respeitar melhor as diferenças e as dificuldades da própria aceitação.”
VALORES, ATITUDES E HABILIDADES	Liberdade de escolhas Tomada de decisões Consentimento	“Não ver o sexo como algo "sujo" e me sentir empoderada e livre para ter relações com quem eu quiser, sem julgamentos.” “Que sexo é uma coisa saudável, normal e que todo mundo faz.”

Fonte: Autora (2017).

Quadro 3 – Assuntos de interesse relacionados a sexualidade (continua).

CULTURA, SOCIEDADE E DIREITOS HUMANOS	Gênero Diversidade Violência	<p>“Explorar todos os tipos de sexualidade e ensinar essa diversidade como algo normal. Principalmente a diferença entre gênero e sexualidade.”</p> <p>“Gostaria que a escola tivesse contemplado a diversidade sexual e de gênero.”</p> <p>“reflexões sobre objetificação do corpo feminino e sobre feminismo,...”</p> <p>...tolerância e rompimento de barreiras machistas de encarar o sexo.”</p> <p>“Conscientização sobre estupro (principalmente pros meninos)”</p>
DESENVOLVIMENTO HUMANO	Conhecer o próprio corpo	<p>“Sobre o corpo. Eu aprendi sozinha e foi um longo e difícil caminho. Principalmente o fato de ser mulher e poder ter o direito de ter relações sexuais tantas quanto um homem. Não é fácil dizer que gosto de sexo, que faço tanto (ou mais) que os homens que conheço e que lido bem com isso.”</p> <p>“Aprendi apenas o básico. Conheci meu corpo de verdade pelos 21 anos, mesmo tendo perdido a virgindade aos 16.”</p> <p>“Menstruação (conversas para tirar o "nojinho", e também para entender melhor sobre como funciona. Tem gente que chega na idade adulta achando que urina e sangue descem pelo mesmo canal, por exemplo”</p>
COMPORTEAMENTO SEXUAL	Orientação sexual Homossexualidade Prazer	<p>“Que ser gay é normal”</p> <p>“Por ser homossexual acredito que incentivar o sentimento de pertencimento de aceitação poderia ter sido de grande valor na época. Poder se abrir e se expressar sobre com colegas, sem ter medo teria sido melhor.”</p> <p>“Passei a vida toda achando que era errada por não sentir atração sexual (sou assexual, mas com atração romântica), já que tudo que eu ouvia era homo, hetero ou bi...”</p> <p>“sexualidade voltada para pessoas que não são heterossexuais, DST para estes grupos (parem de falar só em aids, plmdds),...”</p> <p>“a importância do sexo por meio de toques, carícias como uma saída para obter mais prazer sem penetração e sem camisinha, para quando utilizá-la não achar que está deixando de sentir por estar utilizando...”</p> <p>“Sobre o prazer da mulher sem tabus;” “masturbação feminina.”</p> <p>“Saber conhecer o meu corpo e o que me satisfaz”</p>

Fonte: Autora (2017).

Quadro 3 - Assuntos de interesse relacionados a sexualidade (conclusão).

CULTURA, SOCIEDADE E DIREITOS HUMANOS	Gênero	“Explorar todos os tipos de sexualidade e ensinar essa diversidade como algo normal. Principalmente a diferença entre gênero e sexualidade.”
	Diversidade	“Gostaria que a escola tivesse contemplado a diversidade sexual e de gênero.”
	Violência	“reflexões sobre objetificação do corpo feminino e sobre feminismo,...” ...tolerância e rompimento de barreiras machistas de encarar o sexo.” “Conscientização sobre estupro (principalmente pros meninos)”

Fonte: Autora (2017).

A grande maioria (96,3%) acha que as escolas devem abordar a sexualidade de um modo abrangente e positivo, tratando também questões sobre relacionamentos saudáveis e ajudando os jovens a ganhar autoestima e proteger seu bem estar físico e emocional. Na família, a sexualidade foi tratada de maneira tímida para 43,9%, com naturalidade para 20,6% e nunca foi tratada para 27,1%.

Verificou-se que outros meios recorrentes de aprender a sexualidade são através de conversas com amigos, internet (por exemplo canais de youtube), mídia e próprias experiências sexuais. Aprender sexualidade deve ser principalmente: livre de julgamentos (88,8%), natural como qualquer outra coisa (95,3%), constante (53,3%), tratado de maneira séria (59,8%) e divertido (44,9%). Outros comentários relacionados ao modo de aprendizagem destacaram a necessidade de se aprofundar mais os conteúdos e de se aprender certas coisas mais cedo. No final do questionário, no campo não obrigatório de sugestões e constatações, foram recebidas muitas respostas, desde sugestões sobre canais no youtube, opiniões e experiências pessoais.

A partir deste questionário constatou-se a grande lacuna entre o que é ensinado e o que os jovens gostariam de aprender. As informações mais relevantes serão utilizadas para listar as necessidades e posteriormente requisitos dos usuários.

3.4.2 Necessidades dos usuários

A partir de todos os dados levantados na fundamentação teórica, similares, entrevistas e questionário foram elaboradas as necessidades dos usuários. Elencar as necessidades dos usuários é a primeira etapa para se alcançar os requisitos dos usuários e posteriormente os requisitos de projeto, que são tópicos claros e objetivos que devem ser considerados no desenvolvimento do projeto. Foram elencadas as necessidades dos usuários (quadro 4) de acordo com a etapa ou método em que as mesmas foram identificadas.

Quadro 4 - Necessidade dos usuários (continua).

Necessidades dos usuários	Fonte
Recapitular conteúdos para se desenvolver intimidade com o tema;	Fundamentação teórica Figueiró (2006)
Ser instigado a refletir através de sua capacidade imaginativa;	Fundamentação teórica Vitiello (1994)
Aprender de acordo com a realidade;	Fundamentação teórica Vitiello (1994)
Aprender através de Metodologias participativas;	Fundamentação teórica Vitiello (1994)
Receber uma mensagem positiva em relação a sexualidade;	Fundamentação teórica
Existir meios e espaços para trazer suas próprias dúvidas;	Entrevistas
Criar intimidade com as pessoas e o assunto;	Entrevistas
Subsídio para que o facilitador consiga conduzir atividades da melhor maneira possível;	Entrevistas
Aprender conteúdos sempre levando em conta a diversidade, seja de orientação sexual ou de gênero;	Questionário
Conhecer o seu corpo de maneira realista;	Questionário
Tratar a sexualidade feminina de modo aberto sem preconceitos e normas;	Questionário
Exploração do conteúdo de maneira natural como qualquer outro assunto;	Questionário

Quadro 4 - Necessidade dos usuários (conclusão).

Aprender de modo divertido	Questionário
Receber informações livre de julgamentos	Questionário
Receber uma abordagem abrangente sobre sexualidade, considerando mais do que aspectos somente biológicos.	Questionário

Fonte: Autora (2017).

3.4.3 Requisitos dos usuários

Nesta etapa as necessidades dos usuários são transformadas em requisitos do usuário (quadro 5). Essa conversão está relacionada a comunicar de maneira mais técnica as necessidades focando nos atributos do produto.

Quadro 5 - Requisitos dos usuários (continua).

Necessidades dos usuários	Requisitos dos usuários
Recapitular conteúdos para se desenvolver intimidade com o tema;	Rever conteúdos;
Ser instigado a refletir através de sua capacidade imaginativa;	Explorar a criatividade;
Aprender de acordo com a realidade;	Receber informações realistas;
Aprender através de Metodologias participativas;	Promover interação;
Receber uma mensagem positiva em relação a sexo;	Mensagem positiva;
Existir meios e espaços para trazer suas próprias dúvidas;	Aberto a dúvidas;
Criar intimidade com as pessoas e o assunto;	Construir intimidade;
Subsídio para que o facilitador consiga conduzir atividade de melhor maneira possível;	Fornecer subsídio ao facilitador;
Aprender conteúdos sempre levando em conta a diversidade, seja de orientação sexual, gênero, etc;	Aprender sobre as diversidades;
Conhecer o seu corpo de maneira realista;	Conhecer o seu corpo de maneira realista;

Fonte: Autora (2017).

Quadro 5 - Requisitos dos usuários (conclusão).

Tratar a sexualidade feminina de modo aberto sem preconceitos e normas;	Aprender sobre sexualidade feminina sem reforço de preconceitos;
Exploração do conteúdo de maneira natural como qualquer outro assunto;	Aprender com naturalidade;
Aprender de modo divertido;	Ser divertido;
Receber informações livre de julgamentos;	Receber informações livre de julgamentos;
Receber uma abordagem abrangente sobre sexualidade, considerando mais do que aspectos somente biológicos.	Aprender de maneira abrangente.

Fonte: Autora (2017).

3.4.4 Requisitos de Projeto

A partir dos requisitos do usuário é possível elaborar os requisitos de projeto (quadro 6). Estes requisitos englobam além dos requisitos do usuário outros requisitos derivados de outras delimitações. Back et al (2008) ainda ressalta que essa conversão pode gerar mais requisitos de projeto, pois um requisito de usuário pode se expandir. É possível verificar que os requisitos de projeto encontrados refletem de maneira consistente a fase de pesquisa deste trabalho.

Quadro 6 - Conversão dos requisitos dos usuários em requisitos de projeto (continua).

Requisitos dos usuários	Requisitos de Projeto
Rever conteúdos;	Propor atividades que se construam em mais de um dia/etapa;
	Disponer de material durável;
Explorar a criatividade;	Incentivar a criatividade;
Receber informações realistas;	Abordar temas de maneira realista;
Promover interação;	Incentivar a interação;

Fonte: Autora (2017).

Quadro 6 – Conversão dos requisitos dos usuários em requisitos de projeto (conclusão).

Mensagem positiva;	Focar no que se deve fazer e não somente no que não se deve;
	Utilizar uma estética amigável
Aberto a dúvidas;	Dispor de mecanismos que facilitem a exposição de dúvidas;
Construir intimidade;	Possibilitar o uso contínuo;
	Explorar aspectos funcionais e estéticos do universo do usuário;
Fornecer subsídio ao facilitador;	Fornecer subsídio ao facilitador;
Aprender sobre as diversidades;	Abordar conteúdos sempre destacando as diversidades;
Conhecer o seu corpo de maneira realista;	Abordar igualmente os diferentes órgãos e prazeres;
Aprender sobre sexualidade feminina sem reforço de preconceitos;	Tratar sobre sexualidade feminina sem reforço de preconceitos;
Proporcionar naturalidade;	Explorar formas e linguagens conhecidas;
Ser divertido;	Proporcionar uma atividade divertida;
	Apresentar estética lúdica e divertida;
Receber informações livre de julgamentos;	Ser claro em seu objetivo para evitar julgamentos;
Aprender de maneira abrangente.	Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

Fonte: Autora (2017).

Para que o produto possibilite rever conteúdos ele deve propor atividades que se construam em mais de uma etapa ou até mesmo dia, de modo que, possa ser usado várias vezes. O uso prolongado implica na seleção de materiais duráveis.

O requisito de passar uma mensagem positiva em relação ao assunto, que pode parecer estar relacionado somente ao conteúdo que o produto aborda, implica em uma estética apropriada. Por meio de uma estética amigável que traduza alegria e segurança é possível comunicar positividade em relação ao assunto.

Construir intimidade, tanto entre os usuários e entre o tema e os usuários, demanda tempo mas também pode-se explorar aspectos estéticos e funcionais familiares para o usuário afim de se facilitar essa construção.

Alguns requisitos de projeto se mostraram muito similares entre si, já que algumas necessidades dos usuários podem ser atendidas da mesma forma. Desse modo, os requisitos destacados em cinza na tabela serão condensados na próxima etapa de priorização de requisitos.

3.4.5 Priorização dos requisitos de projeto

Tendo em vista a grande quantidade de requisitos de projeto obtida foi necessário iniciar sua priorização, a fim de concentrar-se nos aspectos mais importantes para a fase de projeção. Para isso foi utilizada uma matriz para priorizar os requisitos de projeto que visa o cruzamento dos requisitos dos usuários e os requisitos de projeto parciais para obter uma pontuação e classificação dos mesmos. Segundo Back et al (2008), esse método tem por objetivo a obtenção de indicativos ou valores da intensidade com que cada necessidade do usuário afeta ou é afetada por cada um dos requisitos de projeto.

No quadro 7 são expostas as relações existentes entre as necessidades dos usuários e os requisitos de projeto. Para a realização do método, foi utilizada uma escala com valores de 0 a 5, o valor mais baixo representando ausência de relação e o mais alto, forte relação de interferência.

Quadro 7 – Matriz para priorização dos requisitos de projeto.

REQUISITOS DE PROJETO \ REQUISITOS DO USUARIO	Rever conteúdos;	Explorar a criatividade;	Receber informações realistas;	Promover interação;	Mensagem positiva;	Aberto a dúvidas;	Construir intimidade;	Fornecer subsídio ao facilitador;	Aprender sobre as diversidades;	Conhecer o seu corpo de maneira realista;	Aprender sobre sexualidade feminina sem reforço de preconceitos;	Proporcionar naturalidade;	Ser divertido;	Receber informações livre de julgamentos;	Aprender de maneira abrangente.	RESULTADO
Propor atividades que se construam em mais de um dia/etapa;	5	3	0	3	0	2	5	2	4	4	4	5	3	0	0	40
Disponível de material durável;	5	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7
Incentivar a criatividade;	1	5	0	5	4	4	4	2	1	0	0	2	5	0	0	33
Abordar temas de maneira realista;	0	2	5	0	4	0	2	5	5	5	5	4	2	5	3	47
Incentivar a interação;	2	5	0	5	4	4	4	1	5	1	1	4	5	0	0	41
Focar no que se deve fazer e não somente no que não se deve;	0	0	5	0	5	4	4	0	1	3	3	2	3	5	5	40
Utilizar uma estética que traduza segurança e alegria;	0	4	0	5	5	3	3	1	0	0	0	3	4	0	0	27
Disponível de mecanismos que facilitem a exposição de dúvidas;	1	1	2	5	4	5	5	2	0	0	0	3	2	2	5	37
Explorar aspectos funcionais e estéticos do universo do usuário;	2	3	0	5	4	0	5	0	4	4	4	5	4	0	0	40
Fornecer subsídio ao facilitador;	2	0	3	0	3	5	1	5	4	4	4	4	0	5	5	45
Abordar conteúdos sempre destacando as diversidades;	0	3	4	3	5	1	2	3	5	5	5	1	1	3	4	44
Abordar igualmente os diferentes órgãos e prazeres;	0	1	5	3	4	2	1	2	5	5	5	3	0	2	4	42
Proporcionar uma atividade divertida;	2	5	0	5	4	4	0	3	3	3	3	4	5	0	0	40
Apresentar estética lúdica e divertida;	0	5	0	4	4	2	4	0	3	3	3	4	5	0	0	37
Ser claro em seu objetivo para evitar julgamentos;	0	0	0	0	2	1	0	4	4	4	4	0	0	5	3	27
Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais.	0	2	4	3	0	0	3	5	5	3	5	2	2	1	5	40

Fonte: Autora (2017).

3.4.6 Requisitos de projeto priorizados

A priorização dos requisitos de projeto foi realizada por meio da soma dos valores atribuídos para cada necessidade dos usuários em relação aos requisitos de projeto, ou seja, cada coluna obteve uma soma total. O quadro 8 apresenta os requisitos de projeto priorizados segundo seu valor.

Quadro 8 - Requisitos de projeto priorizados.

	Requisitos priorizados	Resultado
1.	Abordar temas de maneira realista;	47
2.	Fornecer subsídio ao facilitador;	45
3.	Abordar conteúdos sempre destacando as diversidades;	44
4.	Abordar igualmente os diferentes órgãos e prazeres;	42
5.	Incentivar a interação;	41
6.	Focar no que se deve fazer e não somente no que não se deve;	40
7.	Explorar aspectos funcionais e estéticos do universo do usuário;	40
8.	Proporcionar uma atividade divertida;	40
9.	Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais.	40
10.	Propor atividades que se construam em mais de um dia/etapa;	40
11.	Apresentar estética lúdica e divertida;	37
12.	Dispor de mecanismos que facilitem a exposição de dúvidas;	37
13.	Incentivar a criatividade;	33
14.	Utilizar uma estética amigável	27
15.	Ser claro em seu objetivo para evitar julgamentos;	27
16.	Dispor de material durável;	7

Fonte: Autora (2017).

3.4.7 Especificações de projeto

Os requisitos foram então transformados em especificações de projeto de acordo com a metodologia proposta por Back et al (2008) como mostra o quadro 9.

Quadro 9 – Especificações de projeto (continua).

	Requisitos priorizados	Especificações de projeto
1.	Abordar temas de maneira realista;	Fidelidade com a realidade;
2.	Fornecer subsídio ao facilitador;	Subsídio ao facilitador;
3.	Abordar conteúdos sempre destacando as diversidades;	Destaque para as diversidades;
4.	Abordar igualmente os diferentes órgãos e prazeres;	Igualdade ao tratar temáticas;
5.	Incentivar a interação;	Interatividade;
6.	Focar no que se deve fazer e não somente no que não se deve;	Focar no que se deve fazer e não somente no que não se deve;

Fonte: autora (2017).

Quadro 9 – Especificações de projeto (conclusão).

7.	Explorar aspectos funcionais e estéticos do universo do usuário;	Aspectos funcionais e estéticos familiares;
8.	Proporcionar uma atividade divertida;	Diversão;
9.	Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais.	Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais;
10.	Propor atividades que se construam em mais de um dia/etapa;	Continuidade;
11.	Apresentar estética lúdica e divertida;	Estética lúdica e divertida;
12.	Dispor de mecanismos que facilitem a exposição de dúvidas;	Exposição de dúvidas;
13.	Incentivar a criatividade;	Criatividade;
14.	Utilizar uma estética amigável;	Estética que traduza segurança e alegria;
15.	Ser claro em seu objetivo para evitar julgamentos;	Objetividade;
16.	Dispor de material durável;	Durabilidade;

Fonte: autora (2017).

4 PROJETO CONCEITUAL

Nesta etapa estão englobados o desenvolvimento do projeto com geração de conceitos, escolha do conceito, geração de alternativas, seleção e detalhamento.

4.1 GERAÇÃO DE CONCEITOS

Anteriormente à geração de alternativas, foi necessário realizar a geração de conceitos para que o projeto siga a partir deste momento com maior foco e objetividade. Desse modo, foi realizada uma sessão de brainstorming com 5 participantes para gerar ideias de maneira dinâmica, como mostra a figura 12. O projeto foi brevemente exposto para os participantes que criaram alguns conceitos em que foram preenchidos 23 post-its com ideias de produtos.

Figura 12 - Brainstorming para geração de conceitos.

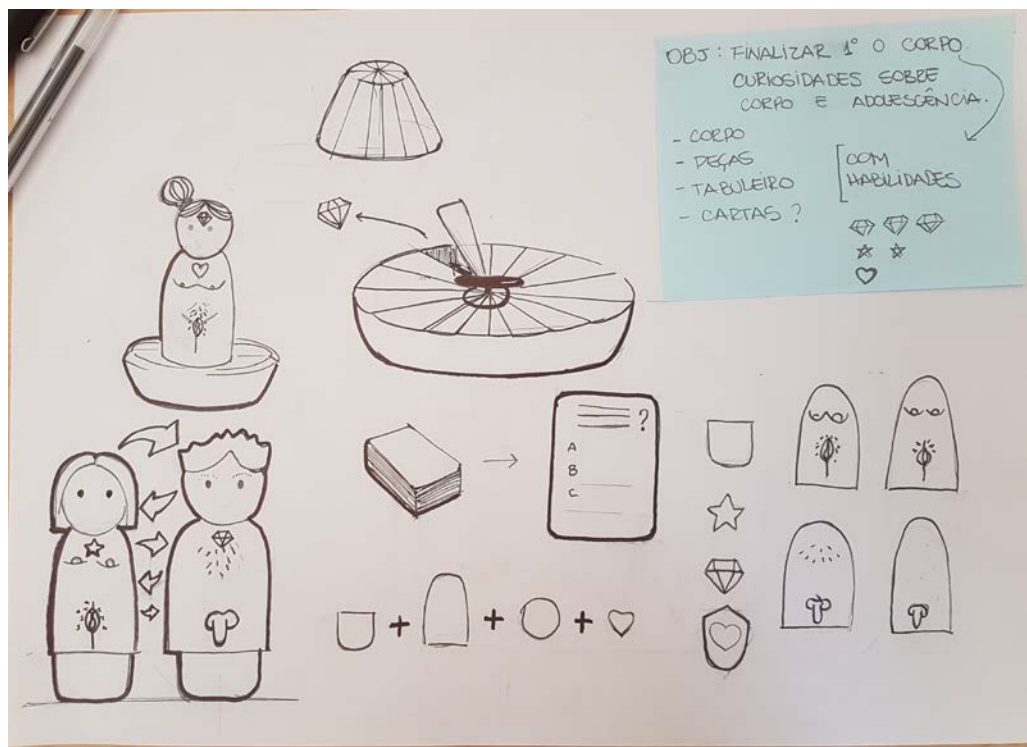


Fonte: Autora (2017).

A partir de algumas ideias geradas durante a sessão de brainstorming, foram desenvolvidos três conceitos mais estruturados:

- a) **Jogo Monte seu Corpo:** Jogo composto por partes do corpo, roleta e cartas com perguntas como mostra a figura 13. O objetivo é finalizar um corpo (“*avatar* adolescente”) completo por meio de 3 peças encaixáveis (pés, corpo e cabeça) e algumas habilidades importantes de serem aprendidas durante a infância e puberdade antes do jogador adversário. Dessa forma o jogo conseguiria tratar de assuntos biológicos e também psicológicos.

Figura 13 - Conceito Jogo Monte seu Corpo.



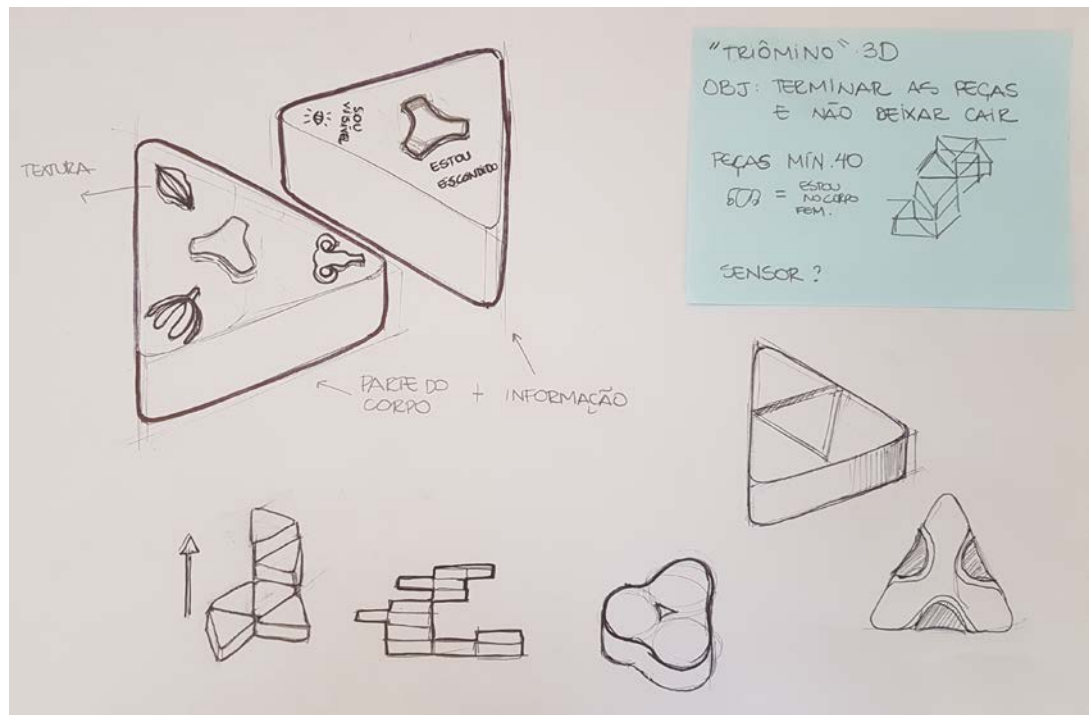
Fonte: Autora (2017).

A questão da diversidade seria tratada através de peças de corpos com formatos diferentes. Órgãos sexuais, mamas e pelos, por exemplo, estariam representados por meio de formas e quantidades diferentes em si. Para o corpo com os sistemas genital masculino e feminino existiriam duas variações respectivamente. As habilidades também seriam simbolizadas através de formas tridimensionais, por exemplo, a habilidade de valorizar e respeitar o próprio corpo poderia ser representada por um espelho. O jogador só tem direito a uma peça quando acertar uma pergunta que consta na cartinha de cor respectiva a que ele tirou na roleta de

cores. O número mínimo de jogadores é dois e o ambiente de uso pode ser domiciliar ou escolar.

- b) Triomino e construção: O triomino é um jogo com dinâmica similar ao dominó, as diferenças são que as peças têm formato triangular e que são números e não bolinhas. Neste conceito inspirado no jogo triomino e em jogos desafiadores de construção, diferentes peças encaixáveis em formato triangular apresentam ilustrações tridimensionais nos três vértices do triângulo e outras apresentam pequenas curiosidades sobre os itens ilustrados (figura 14). As ilustrações representam diferentes temas, como questões biológicas do corpo e sentimentos. O objetivo, é juntar na mesa peças que com ilustração e informação que se correlacionem. Quando encaixados da maneira correta, através da correlação correta, o jogo se expande, assim como em um jogo de dominó. Diferentes caminhos podem ser formados para que a ideia de que não existe somente um caminho certo represente também a questão da sexualidade com sua complexidades e diversidade (gênero, orientação sexual, diversidade de corpos). O objetivo do jogo é terminar as suas peças antes do adversário, assim como nos jogos usuais de dominó e triomino, porém como as peças também podem ser encaixáveis na vertical é preciso cuidar para que a estrutura que é construída ao longo do jogo não fique instável e caia, característica de alguns jogos de construção. O número mínimo de jogadores é dois e o ambiente de uso pode ser domiciliar ou escolar.

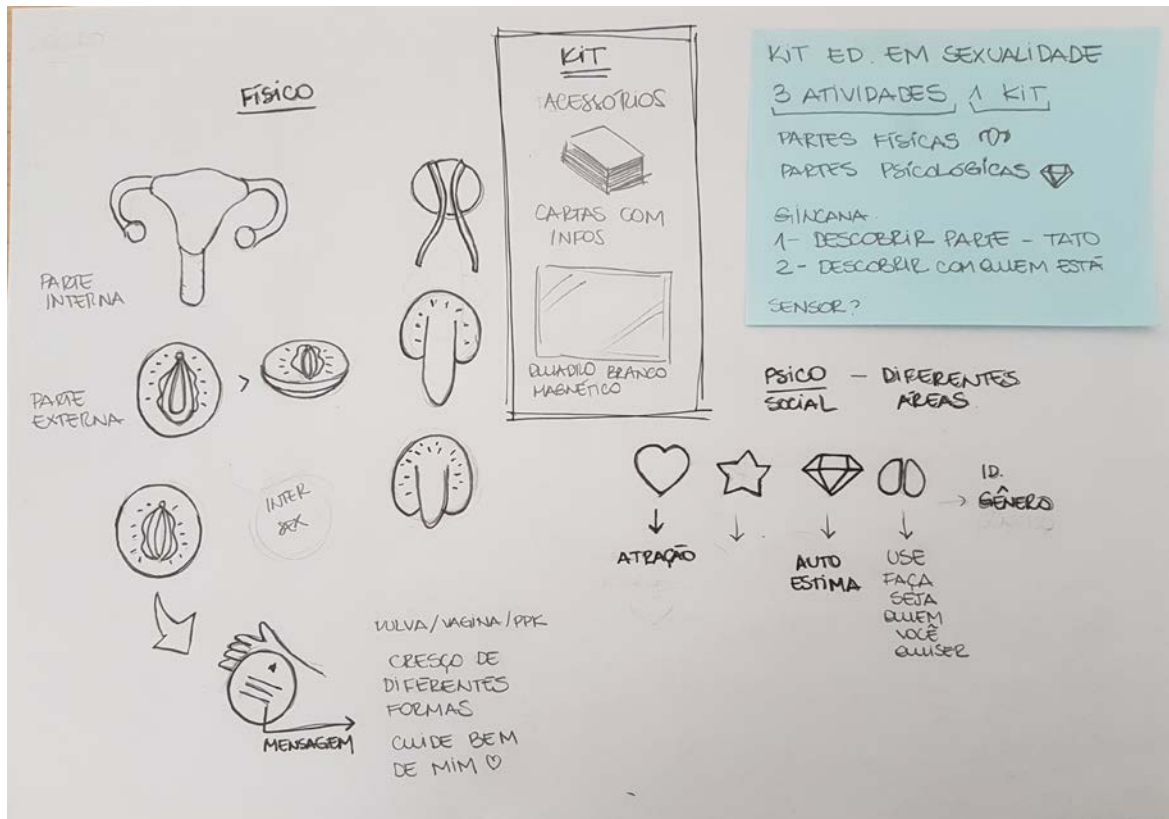
Figura 14 - Conceito Triomino e construção.



Fonte: Autora (2017).

- c) **Kit Educação em Sexualidade:** Neste kit, que foi idealizado a partir dos modelos anatômicos, diversas peças representam os órgãos do sistema genital feminino e masculino em tamanho real como mostra a figura 15. Além de ser uma ferramenta de ensino para certas aulas que tratam sobre puberdade e sistema genital, o kit poderia ser usado em outras atividades como brincadeiras e dinâmicas em grupo a fim de se expandir os momentos de uso do produto e criar um ambiente mais descontraído para se tratar o conteúdo com naturalidade e diversão. Neste conceito algumas peças simbolizariam habilidades e aspectos psicológicos como no conceito A. Algumas brincadeiras e atividades possíveis são jogo da memória com as peças tridimensionais e jogo do tato. Desse modo, o número mínimo de jogadores dependeria da brincadeira. O ambiente principal de uso é a escola porém também poderia ser no contexto da casa.

Figura 15 – Kit Educação em Sexualidade.



Fonte: Autora (2017).

4.1.1 Avaliação dos conceitos

Após a geração de conceitos foi realizada a matriz Harris Profile (quadro 10) a fim de selecionar os conceitos que abrangem mais requisitos de projeto. Foram usados os requisitos de projeto e alguns outros critérios considerados interessantes para comparação de conceitos como flexibilidade do local de uso, uso na sala de aula, flexibilidade de uso e motivação pessoal.

Quadro 10 – Matriz Harris Profile.

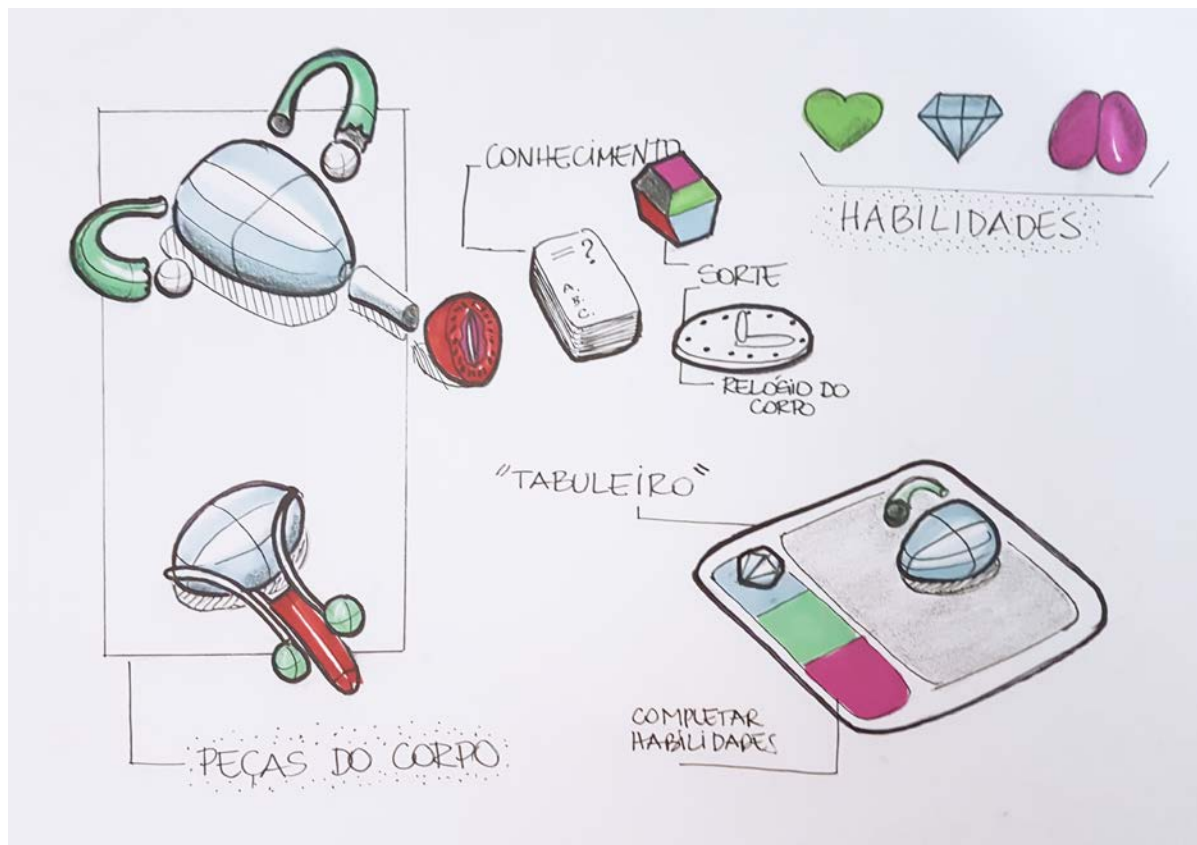
Especificações de projeto	A				B				C			
	--	-	+	++	--	-	+	++	--	-	+	++
Fidelidade com a realidade;			+				+				+	
Subsídio ao facilitador;			+	++			+	++			+	
Destaque para as diversidades;			+	++			+				+	
Igualdade ao tratar temáticas;			+	++			+	++			+	++
Interatividade;			+	++			+	++			+	
Focar no que se deve fazer			+	++			+				+	++
Aspectos funcionais e estéticos familiares;			+	++			+	++			+	++
Diversão;			+	++			+	++			+	
Tratar aspectos biológicos, psicológicos e sociais;			+	++		-					+	
Continuidade;		-				-					+	++
Estética amigável;				++							+	++
Exposição de dúvidas;		-				-					+	++
Criatividade;			+				+			-		
Estética que traduza segurança e alegria;			+	++			+	++			+	++
Objetividade;			+				+			-		
Durabilidade;			+				+	++			+	++
Flexibilidade do local de uso;			+	++			+	++		-		
Uso na sala de aula.			+				+				+	++
Flexibilidade de uso			+			-					+	++
Motivação pessoal			+	++		-					+	++

Fonte: Autora (2017).

Após avaliar as alternativas foi possível perceber uma melhor pontuação do conceito A e C. O conceito A e o conceito C ficaram empatados com uma pontuação de 29 pontos verdes. Uma grande diferença entre dois conceitos é que o conceito A por ser um jogo seria usado em momentos mais específicos, sem muita possibilidade de uso continuado. O conceito C pode parecer mais limitado por ser mais direcionado ao cenário escolar porém funciona como ferramenta didática de ensino e também como artefato de brincadeiras, propiciando uma maior flexibilidade de uso e possibilidade de continuidade de uso. A partir destas constatações, criou-se um novo

conceito, D, mesclando o conceito C, Kit educação em sexualidade com algumas características do conceito A, jogo monte seu corpo. Deste modo o kit poderia ser usado inicialmente em um contexto de ensino como uma ferramenta para tornar o ensino sobre o corpo humano mais interessante e atrativo e em um segundo momento para testar o conhecimento adquirido por meio de um jogo onde as mesmas peças são usadas (figura 16). As peças que representam os órgãos humanos são encaixáveis e o objetivo do jogo é conseguir montar algum sistema completo (masculino ou feminino) juntamente com as habilidades psicológicas antes dos jogadores adversários. O objetivo do jogo faz uma relação com o desafio de passar pela puberdade, período de muitas mudanças, aprendizados e descobertas. O kit é composto pelas peças dos sistemas genitais, símbolos das habilidades, tabuleiro, cartinhas com perguntas, e algum objeto que seja responsável por proporcionar a probabilidade como um dado ou uma roleta.

Figura 16 – Conceito D.



Fonte: Autora (2017).

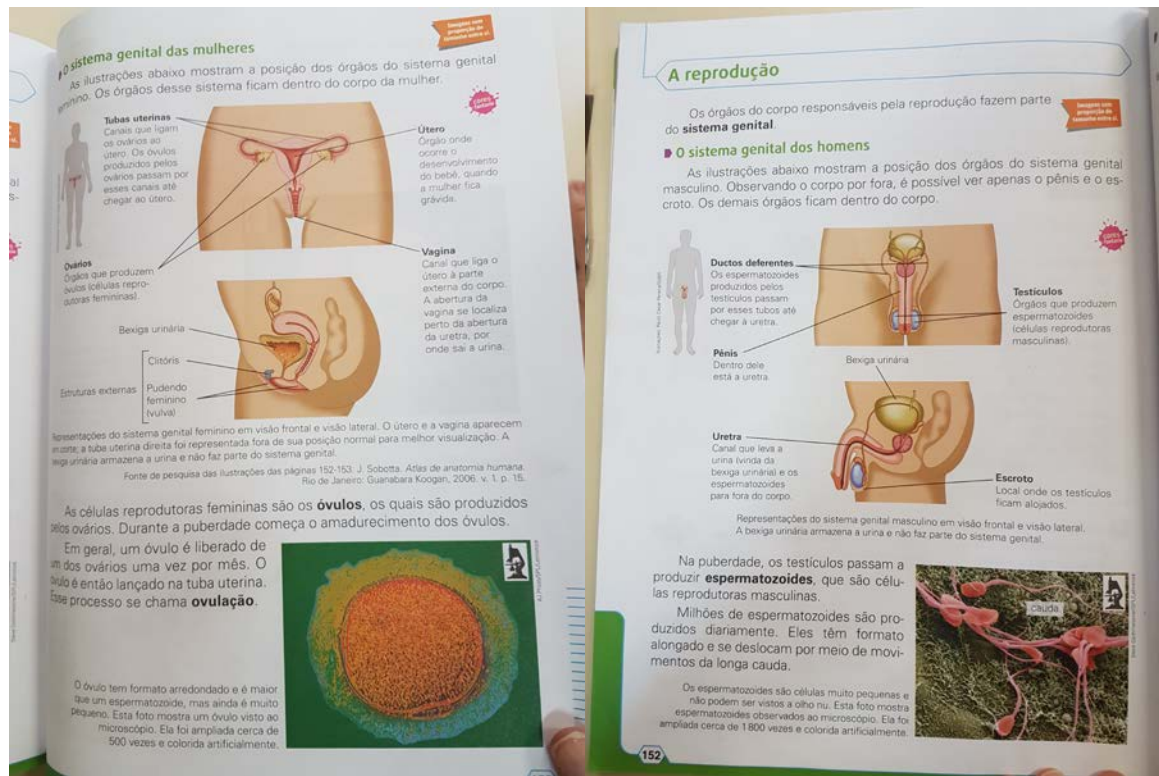
4.1.2 Seleção do Conceito

Para se definir um conceito com maior embasamento, os conceitos A, B e D foram apresentados para a especialista 5, professora do quinto ano de uma escola da rede pública de Porto Alegre. O quinto ano corresponde a turmas de crianças de 10 anos e é o último ano a ter uma professora para todas as disciplinas. No quinto ano, a disciplina de ciências naturais introduz o conteúdo de sistemas do corpo humano, dentre eles o sistema genital.

O conceito D foi considerado o mais interessante e a educadora disse que se imaginava usando o produto após expor o conteúdo para a turma e que acreditava que os alunos gostariam de interagir com as peças em tamanho real do corpo. Ela destacou como as crianças tem interesse pelo assunto e como muitos conteúdos são motivo para risadas. Sobre aspectos relacionados diretamente ao produto a conversa foi muito esclarecedora e serviu para fornecer algumas ideias interessantes para o produto como a observação de que é interessante as formas dos órgãos serem estilizadas porém não infantilizadas apresentando uma forma geral fiel a real. Outro ponto levantado foi a sugestão de uma base para segurar de uma maneira segura as peças, ideia que surgiu a partir de uma experiência ruim que ela teve usando um modelo anatômico tradicional com órgãos que não encaixavam bem no corpo.

Ela também mostrou como o conteúdo é abordado nos livros didáticos do quinto ano da rede pública (figura 17). A anatomia dos órgãos e suas funções são trabalhadas dentro da seção sobre reprodução humana dentro do capítulo chamado *Transformações no corpo e reprodução* o qual trata sobre puberdade, fases da vida, adolescência e reprodução. O assunto é tratado por meio de textos, ilustrações, fotos e excertos de outros livros que apresentam uma linguagem mais coloquial. Foi possível verificar que existe uma abordagem biológica que trata sobre reprodução e mudanças no corpo e também uma abordagem mais psicológica que trata também de todas mudanças de comportamento e interesses da adolescência.

Figura 17 – Livro didático ensino público.



Fonte: Autora (2017).

A partir da conversa com a especialista 5 e da análise do conteúdo nos livros foi possível constatar um espaço e oportunidade para o conceito D no auxílio do ensino do conteúdo, sendo este o escolhido. Este conceito além de tratar sobre as mudanças no corpo, dúvidas comuns na adolescência, questões psicológicas e culturais, oferece peças em tamanhos real, o que se mostrou algo muito interessante para o cenário da sala de aula.

4.2 MOMENTOS DE USO

Após a decisão do conceito, foram analisados com maior atenção os dois principais momentos de uso do produto a fim de se identificar alguns atributos necessários. Desse modo, os dois momentos de uso, ensino e jogo, foram desdobrados em um fluxograma que auxiliou posteriormente na geração de alternativas, como apresentado na figura 18.

Figura 18 – Desdobramento dos momentos de uso.



Fonte: Autora (2017).

A partir deste desdobramento, atributos importantes para o produto quando usado no contexto escolar são: fixação entre peças segura e resistente já que durante a exposição do conteúdo por parte de um professor o foco é na exposição do sistemas montados e completos; a verticalização para que todos consigam visualizar o produto; uma pega que auxilie na movimentação do produto na sala de aula, desde pegar o produto em um armário, colocá-lo em uma mesa e até mesmo na movimentação entre espaços dentro da escola e fora dela.

4.3 TEMÁTICAS DO JOGO

Como apresentado no conceito escolhido, as peças psicológicas são representadas por objetos tridimensionais e cada uma contém um conjunto de perguntas. Para realizar esta escolha foram consultados livros sobre puberdade e adolescência para pais, crianças e adolescentes e websites de organizações governamentais, não governamentais, institutos, entre outros. O documento Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro e as respostas do questionário realizados neste trabalho também foram significativos para esta escolha (UNESCO BRASIL, 2013).

Procurou-se criar categorias amplas que pudessem tratar sobre diferentes assuntos sem limitar as categorias. De acordo com diversas fontes de pesquisa, a faixa etária dos 9 aos 12 anos é caracterizada pela chegada da puberdade, fortalecimento das amizades, pressão do grupo e aumento da consciência sobre o corpo. Questões sobre imagem corporal e distúrbios de alimentação podem surgir neste período (CDC, 2016). Questões sobre igualdade de gênero se mostram muito necessárias. Um estudo recente do World Health Organization e Johns Hopkins Bloomberg School of Public Health, mostra como crianças de 10 anos ao redor do mundo já tem percepções estereotipadas sobre o que é ser menino ou menina. O estudo chama isso de mito hegemônico: a percepção de que os homens são o sexo dominante, forte e independente, enquanto as mulheres precisam ser protegidas. Durante essa idade também podem surgir atração por outras pessoas e os primeiros envolvimento afetivos.

O conteúdo de cada categoria é baseado nas diretrizes propostas pela Unesco (UNESCO BRASIL, 2013). As categorias escolhidas foram:

- a) Relacionamentos: Esta categoria trata sobre diferentes tipos de famílias, amizade, amor e relacionamentos, a importância dos princípios de tolerância, respeito e solidariedade nas relações humanas. Explicar como a influência de pares e as normas sociais têm efeito sobre decisões e comportamento sexual, e a importância da aquisição de habilidades para resistir à pressão de pares. Demonstrar a importância do desenvolvimento de habilidades para a comunicação efetiva.

- b) Autoimagem: Discutir a diversidade dos corpos e enfatizar que todos os seres humanos são iguais na diferença. Estimular o desenvolvimento do espírito crítico sobre o papel da mídia e o exercício criterioso sobre a produção midiática. Ideais de atratividade física mudam ao longo do tempo e diferem entre culturas.
- c) Diversidade: Propiciar a compreensão sobre gênero, sexo e sexualidade e discutir como as normas sociais de gênero limitam as vivências de homens e mulheres e devem ser problematizadas. Explicar as intersecções entre os conceitos de sexo, sexualidade e ciclo da vida, enfatizando que a sexualidade é parte constituinte da vida humana e pode ser expressa de diversas maneiras. A discriminação com base em diferenças (estado de saúde, cor, sexo, origem regional, orientação sexual, identidade de gênero, entre outras) constitui violação dos direitos humanos.
- d) Puberdade: Apresentar a anatomia e a fisiologia sexual e reprodutiva masculina e feminina e discutir a importância dos corpos dentro de cada sociedade, cultura e época. Apresentar aspectos relativos à puberdade e discutir as mudanças que ocorrem nesse ciclo da vida.

4.4 PAINÉIS VISUAIS

Antes da geração de alternativas foram criados alguns painéis visuais para auxiliar o desenvolvimento do projeto. Foram criados painéis de referência sobre o público alvo e forma. Em uma fase intermediária da geração de alternativas foram criados painéis com tendências do mercado de brinquedos, ilustrações e referências formais que se encontram no apêndice F. De acordo com Milton e Rodgers (2013) painéis visuais são usados em conjunto com desenhos e modelos e tem a função de inspirar, destacar interesses, facilitar a criatividade e a inovação.

4.4.1 Público alvo

O público alvo são crianças de 9 a 12 anos e também professores. Como já descrito no capítulo anterior, as crianças desta idade começam a buscar maior independência, tem uma maior necessidade de pertencimento a grupos, começam a

desenvolver um senso crítico maior para a auto imagem e desenvolvem interesses e habilidades mais adultos. Buscam realizar certas atividades com maior exigência gostam de competir e trabalham em projetos mais longos. Atividades de interesse são vídeo games, kits de trabalhos manuais, kits de ciências, esportes ao ar livre, conjuntos de construção, jogos de tabuleiros. O painel apresentado na figura 19 representa esta fase de transições em que ainda existe interesse por certos brinquedos com forte socialização e desenvolvimento de competências.

Figura 19 – Referências público alvo.



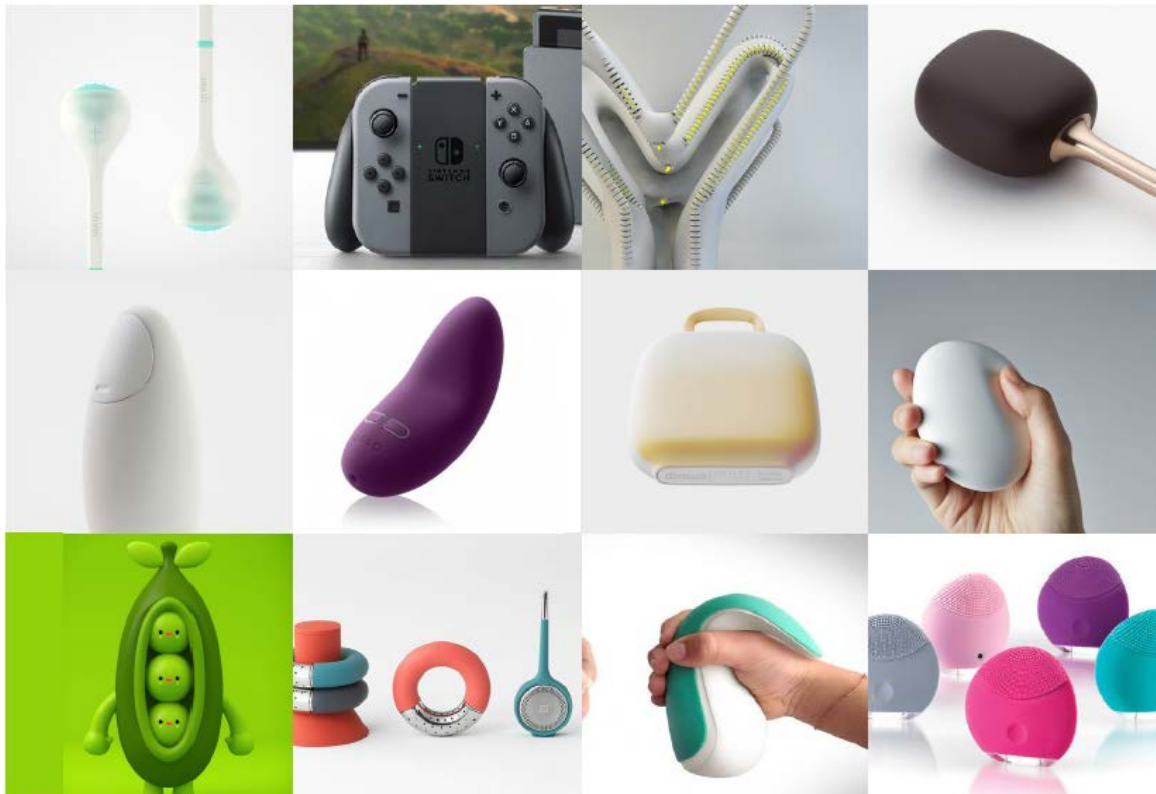
Fonte: Autora (2017).

4.4.2 Estética

Foi criado um painel visual com referências estéticas para auxiliar na visualização dos atributos e sensações que o produto deve evocar, mostrado na figura 20. As formas e acabamentos selecionados compartilham formas orgânicas, arredondadas e naturais. O toque suave convida ao tato e a exploração.

As imagens selecionadas representam alguns requisitos de projeto como uma estética amigável e que traduza segurança e alegria. Através de uma estética alinhada com essas referências é possível criar uma afinidade e uma certa conexão emocional com o produto de uma maneira sutil, divertida e sem ser infantilizado.

Figura 20 – Referências de forma.



Fonte: Autora (2017).

4.5 GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS

Como o conceito do produto já foi escolhido, a parte de geração de alternativas foi caracterizada pela geração de diversas variações formais estéticas e diferentes soluções funcionais para atender os atributos desejados. Nesta parte do projeto é importante a fluidez de ideias e criatividade, desse modo, não foram apresentadas alternativas numeradas e sim um conjunto de opções.

Para a geração de alternativas deste projeto foram desenvolvidos *sketches* de todos os elementos do projeto, pesquisa e muitos *mockups* (figura 21). O processo esteve muito alinhado com os métodos descritos por Milton e Rodgers, constituintes da metodologia usada neste projeto. Além dos desenhos, os *mockups* foram de imensa relevância para este projeto pois foram feitos simultaneamente com alguns *sketches* a fim de avaliar de uma forma dinâmica questões como interação, escala e proporção. *Mockups* são uma ferramenta essencial para o desenvolvimento e teste

de um produto, ajudando designers a validar opções de design e determinar se são necessários mais testes ou mudanças no projeto (MILTON; RODGERS, 2013).

Figura 21 – Processo geração de alternativas.



Fonte: Autora (2017).

4.5.1 Peças de anatomia

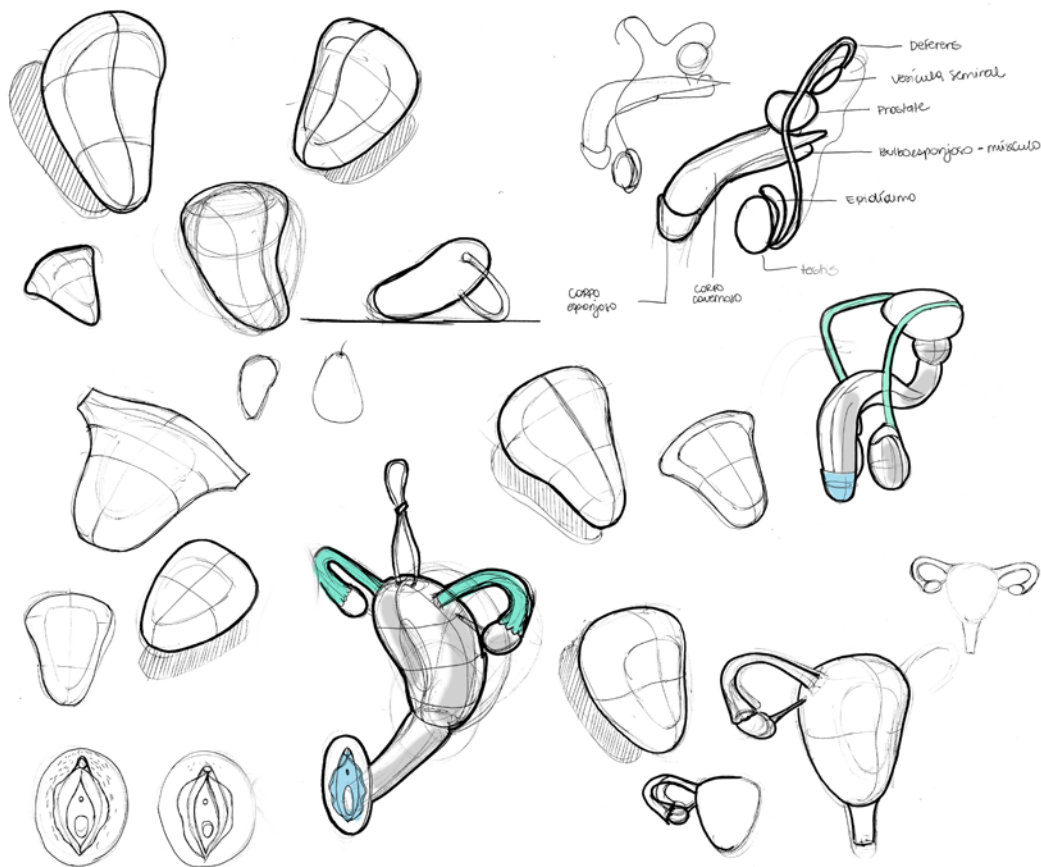
A geração de alternativas foi dividida em etapas considerando o grande número de peças. As primeiras peças a serem desenhadas foram as peças dos sistemas genitais feminino e masculino, para isso foi feita uma extensa pesquisa sobre anatomia humana em livros que são referências para a área da saúde como Sobotta: Atlas de Anatomia Humana (SOBOTTA, 2000) e o Atlas de Anatomia de Netter (NETTER, 2000)

Os desenhos 2D dos órgãos através principalmente de vistas frontais e laterais são representações do real e não uma reprodução exata similar a uma ressonância magnética. Afinal alguns detalhes biológicos muito específicos nem constam como conteúdo para essa faixa etária. Desse modo as ilustrações dos livros didáticos

citados anteriormente mostram principalmente a forma geral dos órgãos, posição e localização no corpo humano.

Foram gerados diversos estudos da forma dos sistemas genitais com base nos materiais de pesquisa, como mostra a figura 22 a fim de se entender melhor a forma dos órgãos. Durante a geração de alternativas para os sistemas genitais surgiu a ideia de um órgão conter uma espécie de alça para facilitar a manipulação quando o sistema estiver com as peças todas encaixadas.

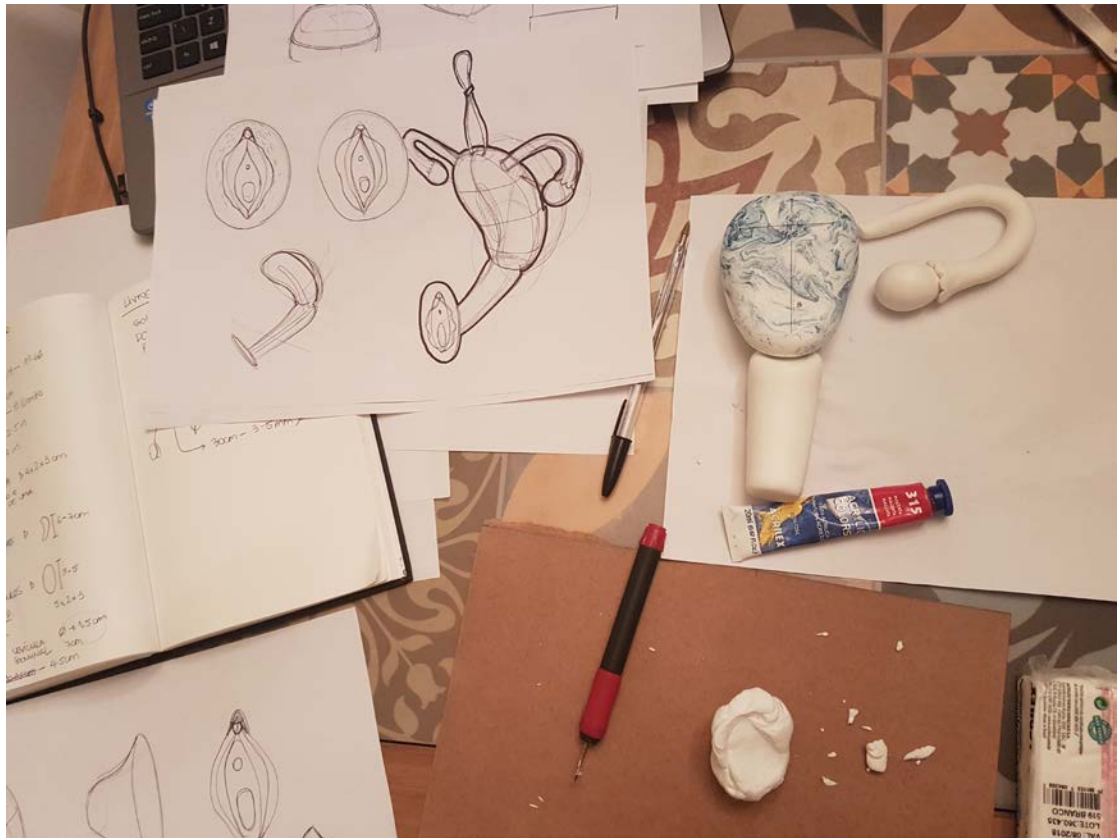
Figura 22 – Sketches sistemas genitais.



Fonte: Autora (2017).

Após alguns estudos com desenhos foram feitos alguns *mockups* com massa de biscuit das mesmas peças. Esse material se mostrou adequado devido a sua facilidade de manipulação e criação de formas orgânicas como mostra a figura 23. A massa de biscuit usada foi a da marca Acrilex.

Figura 23 – Processo *mockups* com biscoit.



Fonte: Autora (2017).

As peças representadas pelo órgãos internos do sistema feminino são: útero, tubas uterinas, ovários e vagina. Os órgãos externos são: monte do púbis, lábios maiores, lábios menores, clitoris, vestíbulo da vagina, glândulas vestibulares maiores e menores. Alguns órgãos do sistema externo se encontram dentro da área de outros desse modo a alguns órgãos se encontram dentro de outras peças, caso do monte do púbis, vestíbulo da vagina e das glândulas. Desse modo, o conjunto de peças que representam o sistema feminino é constituído por nove peças: útero, tubas uterinas, ovários, vagina, lábios maiores, lábios menores e clitoris (figura 24).

Figura 24 – Peças sistema genital feminino.



Fonte: Autora (2017).

O sistema masculino é constituído pela próstata, vesícula seminal, canais deferentes, epidídimos, testículos, corpo cavernoso e corpo esponjoso como mostra a figura 25 com *mockup* em biscuit.

Figura 25 – Sistema genital masculino *mockup* em biscuit.



Fonte: Autora (2017)

Após a criação dos modelos físicos para teste, a modelagem 3D destas peças foi iniciada no software solidworks. A partir destas peças, foi possível testar com maior fidelidade as peças por meio de impressão 3D. Neste momento do processo de desenvolvimento do projeto, a impressão 3D funcionou como uma ferramenta precisa de teste que auxiliou no prosseguimento do projeto. Desse modo, a impressão 3D não foi utilizada somente na etapa final de prototipagem final. Foram criados alguns encaixes entre as peças para teste. O conjunto de peças encaixadas é mostrado na figura 26.

Figura 26 – Peças de teste criadas em impressora 3D.



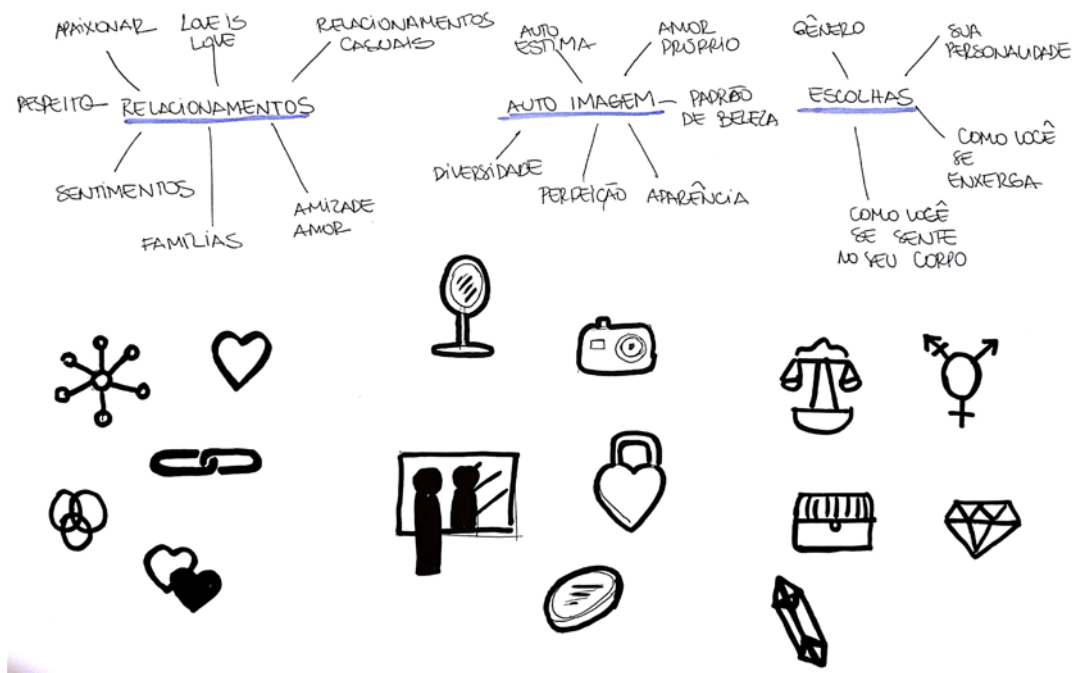
Fonte: Autora (2017).

4.5.2 Peças psicológicas

Como mostra a figura 27 foi feito um mapa mental para cada categoria do jogo: relacionamentos, auto imagem e escolhas. Posteriormente foram geradas algumas opções de possíveis símbolos que poderiam ser usados para as peças psicológicas. Alguns *websites* especializados em pictogramas e *interface* de jogos foram pesquisados como referência para verificar símbolos de qualidades subjetivas e como eles são usados. O documento da UNESCO, Orientações para a Educação em

Sexualidade para o Cenário Brasileiro, já citado anteriormente neste trabalho, foi muito valioso nesta etapa do processo. O conteúdo deste documento com diversas diretrizes auxiliou na escolha dos símbolos e também no conteúdo tratado nas perguntas do jogo.

Figura 27 – Mapa mental e geração de alternativas para as peças psicológicas.



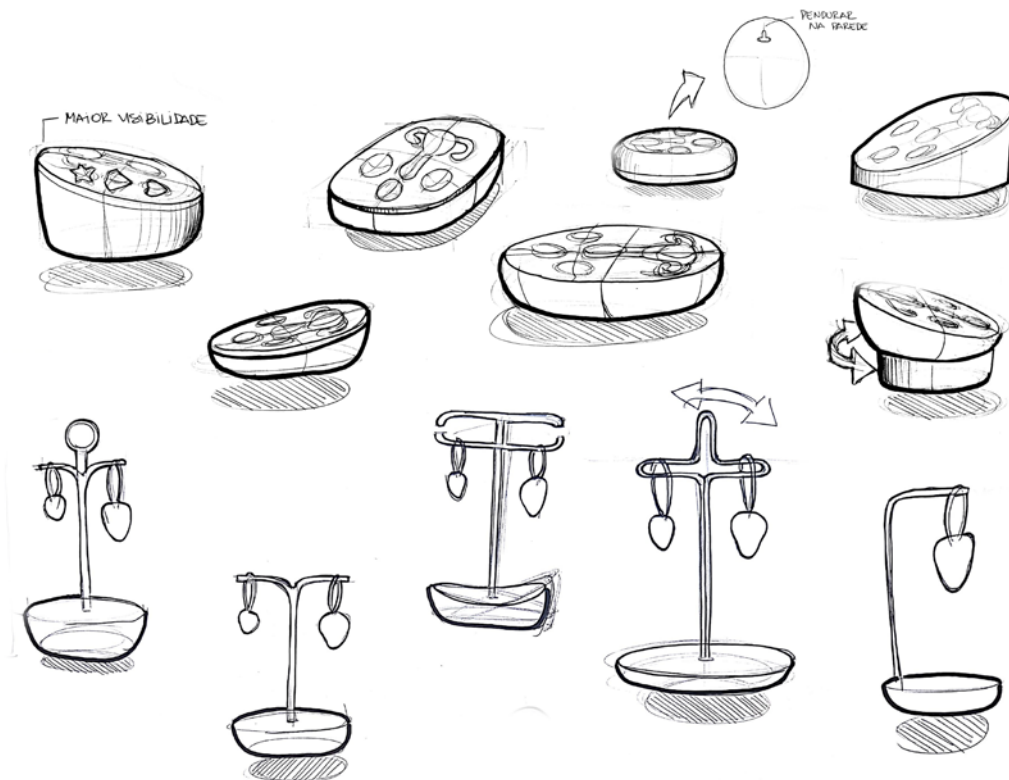
Fonte: Autora (2017).

Após essa pesquisa e geração de alternativas, alguns símbolos se mostraram mais fortes e representativos do que outros como o coração para a categoria de relacionamento, o espelho para autoimagem e o diamante para escolhas.

4.5.3 Peças complementares

Pensando no uso do produto como ferramenta de ensino, foram geradas algumas alternativas como suportes verticais em que as peças poderiam ficar penduradas por meio da alça citada anteriormente e suportes mais horizontais em que as peças ficariam encaixadas em espaços com as respectivas formas negativas como mostra a figura 28.

Figura 28 – Alternativas de suporte para peças.



Fonte: Autora (2017).

Formas circulares e arredondadas foram priorizadas por transmitirem sensação de 360 graus, o que facilita a visualização, além de trazer conforto visual. Foram feitos alguns mockups rápidos para testar essas duas opções como mostra a figura 29.

Figura 29 – Mockups de suportes para peças.



Fonte: Autora (2017).

No caso dos suportes verticais a visibilidade dos órgãos por parte dos alunos é valorizada, podendo existir uma espécie de pega para possibilitar a rotação e transporte do produto por parte da professora e facilitando a exposição do conteúdo e manipulação do conjunto.

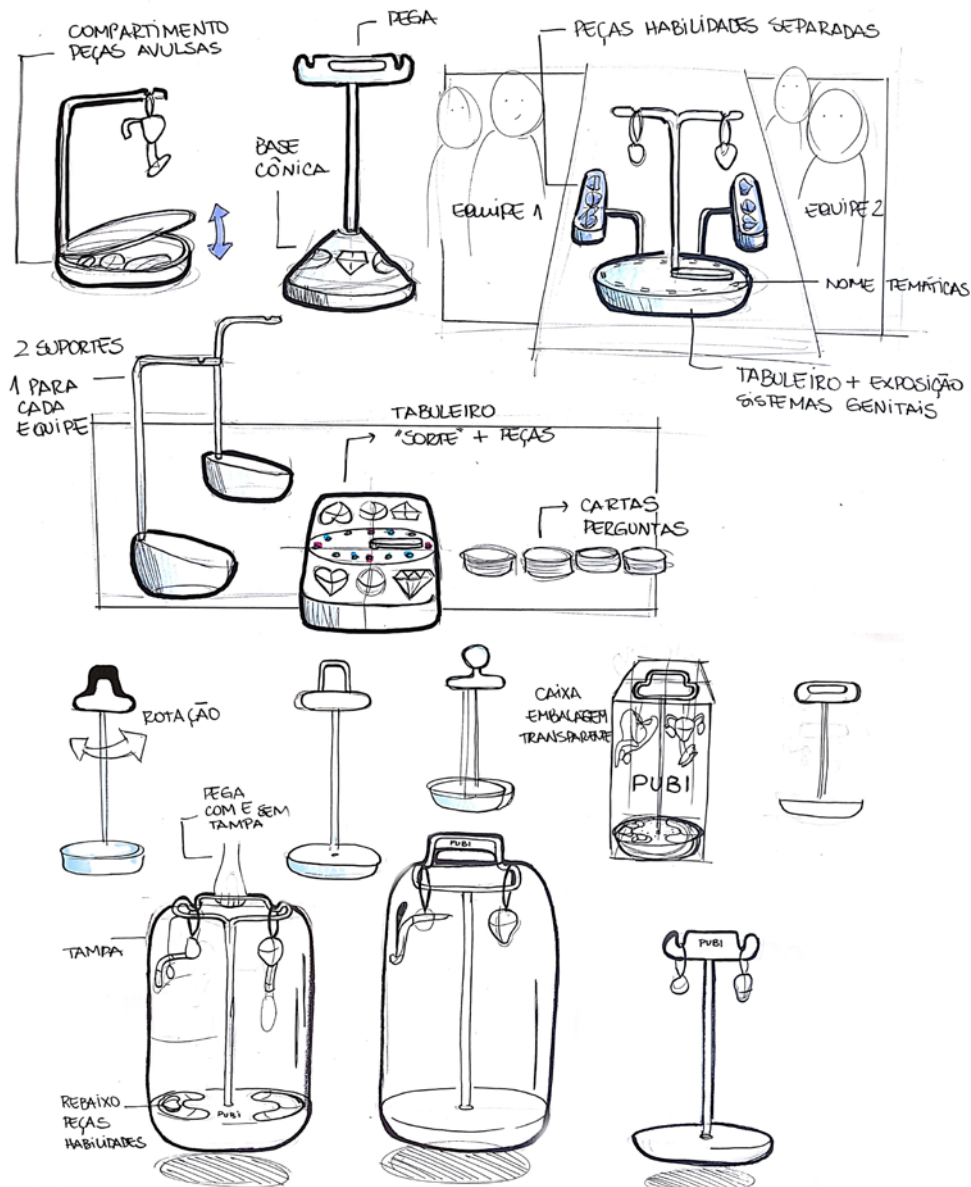
4.5.4 Peças para o jogo

Em relação ao momento de jogo foram geradas algumas alternativas em cima das geradas anteriormente, como o suporte vertical. Foram pensadas diferentes formas para acoplar as peças psicológicas de uma maneira atrativa, como no suporte para exposição das peças ou em um outro suporte horizontal somente para as peças psicológicas (figura 30).

Para o elemento responsável pela probabilidade do jogo, cogitou-se dados e roletas. A partir da ideia da roleta, surgiu a associação de roleta com um relógio e por conseguinte com a ideia de que cada o corpo é diferente e se desenvolve dentro de seu próprio tempo. Essa associação surgiu a partir do excelente programa de televisão sobre puberdade do canal norueguês nbr, em que a apresentadora fala que cada um tem o seu relógio e que algumas pessoas se desenvolvem cedo e outras mais tarde.

Outra ideia que surgiu foi uma espécie de tampa para o conjunto a fim de proteger e guardar o produto quando o mesmo não estive em uso. Esse elemento além de proteger o produto de danos e usos indevidos, o que pode ocorrer no ambiente escolar, também evita o acúmulo de poeira nas peças, prolongando, desse modo, a sua durabilidade.

Figura 30 – Peças para o jogo.

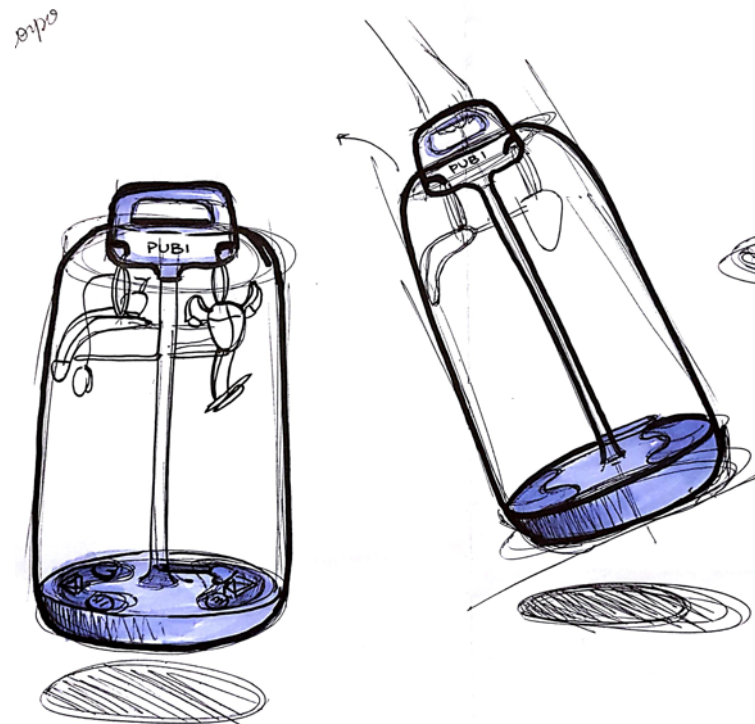


Fonte: Autora (2017).

4.6 SELEÇÃO DA ALTERNATIVA

Após análise dos requisitos de projeto e das características desejadas para o produto no momento de uso como ferramenta didática e no momento de uso como jogo, percebeu-se que a alternativa de suporte vertical se mostrava mais interessante e valorizava a questão da tridimensionalidade do produto, auxiliando no desenvolvimento da capacidade de compreensão espacial por parte das crianças. A partir desta decisão, optou-se por adicionar algumas características no suporte para que também possa ser usado no momento de jogo. Desse modo o suporte conta com uma pega para facilitar o transporte e também com um espaço destinado para a colocação das peças psicológicas e das cartas quando estão guardadas como mostra figura abaixo.

Figura 31 – Alternativa escolhida.



Fonte: Autora (2017).

Após a seleção da alternativa foi feito um mockup em papel para verificar quais as dimensões gerais do suporte como mostra figura 32. Essas dimensões foram baseadas nas dimensões reais dos sistemas genitais, estudadas anteriormente.

Figura 32 – Mockup da alternativa escolhida.



Fonte: Autora (2017).

Diversas modificações foram feitas no mockup a fim de se chegar no tamanho mais adequado e proporcional para expor os sistemas e proporcionar a atividade do jogo de uma maneira confortável para adultos e crianças de 9 a 12 anos. A proporção do produto foi analisada com ele apoiado em mesas e sendo segurado por um adulto como mostra a figura 33.

Figura 33 – Teste pega do produto.



Fonte: Autora (2017).

4.7 NAMING E IDENTIDADE VISUAL

Foram geradas algumas ideias para naming do produto a partir de um mapa mental com palavras associadas as temáticas tratadas pelo produto (figura 34). A palavra pubi foi a se mostrou mais atrativa e alinhada com o conceito do produto. O fato de se originar da palavra puberdade, e contar com somente duas sílabas, faz com que a palavra pareça um tipo de apelido, o que remete a uma sensação de praticidade, intimidade e naturalidade. A palavra puberdade deriva de pubertas, em latim, pelo.

Como mostra a figura 34, após a escolha do nome do produto foram desenvolvidas algumas alternativas para o logo.

Figura 34 – Estudos para o nome Pubi.



Fonte: Autora (2017).

A alternativa escolhida usa a fonte sem serifa e arredondada Hero. O logo como consta na figura 35 transmite simplicidade, descontração, confiabilidade e refinamento.

Figura 35 – Logo Pubi.

PUBI

Fonte: Autora (2017).

5 DETALHAMENTO

5.1 MECÂNICA DO JOGO

Nesta etapa foram definidos e estruturados os seguintes aspectos do jogo:

- a) Jogadores: São necessários no mínimo 2 jogadores, porém para o cenário escolar é recomendado no mínimo 4 jogadores. Para que a temática seja tratada com maior naturalidade, livre de vergonha, crie interação e troca é interessante que tenham mais de dois jogadores.
- b) Objetivo: O objetivo do jogo Pubi é conseguir todas as nove peças do sistema genital que se está construindo e as três habilidades (peças psicológicas) antes do adversário. O jogo contém nove peças do sistema feminino, nove do sistema masculino (canais deferentes e epidídimos estão agrupados), dois corações divididos em três peças, dois diamantes divididos em três peças e dois espelhos divididos em três peças.
- c) Como jogar: O Jogo deve ser posicionado de maneira confortável para as duas equipes. Os quatro bolos de cartas devem ser embaralhados e colocados no centro da mesa com a face para baixo. Todas as peças devem ser retiradas do suporte e colocadas na mesa. Antes de começar o jogo deve-se definir qual equipe irá montar cada sistema. Isso pode ser definido a partir da definição de que uma cor representa um sistema e as equipes jogarem a roleta. Começa o jogo a equipe que jogar a roleta e tirar a cor mais próxima da meia noite. A equipe inicia jogando a roleta, e conferindo a faixa de cor em que a roleta parou. Nesse momento, a equipe adversária deve pegar a carta no topo do monte desta mesma cor e ler a pergunta e as alternativas que constam na carta, sem mostrar para a outra equipe. Se a equipe sendo desafiada, acertar a pergunta, ela fica com a carta, e tem direito a pegar a primeira peça referente a cor e categoria que foi tirada inicialmente. Se for da cor cinza deve pegar a primeira peça com alça do sistema genital que deve montar, útero ou corpo esponjoso. Se for de alguma das outras cores pega uma peça do coração, diamante ou espelho. Se uma equipe errar a pergunta, a carta deve ser colocada na base do seu monte. A bolinha respectiva a 12h na roleta representa o desafio. Quando

uma equipe tirar esta, ela ganha duas peças se acertar e perde uma se errar. Sempre depois de uma resposta correta, deve-se ler o texto explicativo que consta abaixo das alternativas nas cartas. Caso a equipe que leu a pergunta esqueça, a outra equipe pode lembrar e desse modo a outra equipe perde uma peça.

O jogo prossegue até que alguma equipe consiga todas as suas peças e “passe pela puberdade”! O jogo deve ser introduzido e supervisionado por um responsável, que podem ser educadores, pais, entre outros.

5.2 CARTAS E PERGUNTAS DO JOGO

As perguntas que são apresentadas nas cartas foram selecionadas a partir de uma pesquisa em livros sobre o assunto destinados para o público infantil e juvenil e diversos websites de instituições governamentais, não governamentais, livros didáticos, entre outros.

Apesar da importância do conteúdo das cartas, elas não são o foco do produto. Desse modo foi selecionado um número reduzido de perguntas para exemplificarem o tipo de conteúdo que pode ser abordado no jogo. Foram selecionadas uma perguntas para cada categoria, contabilizando um total de 4 cartas.

Em vias do produto ser comercializado, seria necessário um desenvolvimento mais extenso de conteúdo por parte de uma equipe multidisciplinar com outros profissionais como psicólogos e pedagogos juntamente com designers.

As perguntas selecionadas para o jogo foram retiradas do *quiz* online do website *bodytalk*, disponibilizado pelo programa de planejamento familiar do estado de *New South Wales*, estado australiano (NSW, 2016). As cartas apresentam o nome da categoria, uma frase representativa para cada categoria e o logo do produto na frente da cartas como mostra a figura 36.

Figura 36 – Frente das cartas do jogo Pubi.



Fonte: Autora (2017).

No verso, abaixo das perguntas, um texto que comenta sobre a pergunta e sua resposta é apresentado. Esse pequeno texto exerce um papel importante de reflexão após a pergunta e pode servir como motivador de conversas (figura 37).

Figura 37 – Verso das cartas do jogo Pubi.



Fonte: Autora (2017).

5.3 MATERIAIS

Com base nos requisitos de projeto, o produto deve ser durável pois como é destinado principalmente ao ambiente escolar será usado muitas vezes. As peças da anatomia e as peças psicológicas devem apresentar uma combinação de flexibilidade e resistência visto que o material deve deformar o suficiente para ser encaixado e suportar esse esforço contínuo.

Foi realizada uma pesquisa sobre os principais materiais usados em modelos anatômicos, jogos e brinquedos. A grande maioria dos modelos anatômicos é

produzido em policloreto de vinila (PVC). Antigamente esses modelos eram feitos em cera e pintados à mão. Atualmente, a pintura continua manual porém o processo foi facilitado por meio do uso do PVC. Esses modelos em PVC apresentam encaixes simples macho e fêmea que garantem a união das peças dos órgãos como foi mostrado na parte de análise de similares no capítulo 3 deste trabalho.

O PVC é flexível e representa com fidelidade superfícies com texturas porém é alvo de diversas críticas a respeito de sua toxicidade e males à saúde e ao meio ambiente. Diversas organizações questionam a presença do PVC em diversos brinquedos, todavia ele é aprovado por diversos órgãos reguladores nacionais e internacionais e continua sendo um dos materiais mais usados nessa categoria de produtos. No Brasil, o uso do pvc é liberado em brinquedos pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, INMETRO, a não ser portaria que admite não mais que 0,1% em massa de ftalatos nos brinquedos para crianças com idade inferior a 3 anos (BRASIL, 2007).

Desse modo, apesar de o PVC ser usado tanto para modelos anatômicos como para brinquedos, outros materiais foram elencados como Acrilonitrila butadieno estireno (ABS), polietileno e variações usadas por fabricantes de brinquedos. Uma grande quantidade de brinquedos é produzida com ABS, pois ele apresenta boa resistência ao impacto e inclusive outros produtos que demandam durabilidade e resistência como eletrônicos são produzidos em ABS.

Desse modo, esta é uma opção de material para a produção deste produto atualmente. O material principal do suporte das peças será ABS. Algumas peças de anatomia dos sistemas genitais não teriam como ser injetadas em ABS, pois isso descaracterizaria a sua forma, caso dos corpos esponjosos, vesícula seminal, testículos, canais deferentes, epidídimos, tubas uterinas e ovários. Desse modo, dentro da conjuntura atual, o PVC se mostrou adequado para certas peças deste produto, pois permite a produção de peças sólidas, encaixes além de superfícies suaves. A seleção de materiais é mostrada no quadro 11.

Quadro 11 – Partes do produto e respectivos materiais.

Peça	Material
Base	ABS
Haste	ABS
Pega	ABS
Tampa	Policarbonato
Corpo Esponjoso	PVC
Corpo Cavernoso	PVC
Próstata	ABS
Vesículas seminais	PVC
Canais deferentes e epidídimos	PVC
Testículos	PVC
Útero	ABS
Tubas uterinas	PVC
Ovários	PVC
Vagina	ABS
Lábios Maiores	PVC
Lábios Menores	PVC
Clitóris	PVC
Diamante	PVC
Coração	PVC
Espelho	PVC

Fonte: Autora (2017).

A partir de outras pesquisas verificou-se a existência de polímeros mais específicos que são usados para brinquedos, como é o caso do copolímero Celcon acetal que é usado pela marca de brinquedos de construção K'nex. Esse material foi amplamente testado e reúne a resistência mecânica e flexibilidade necessárias para peças que são submetidas a repetidos encaixes e desencaixes.

Novas iniciativas e investimento em reciclagem de polímeros também vem sendo feita na área dos brinquedos, caso da marca americana Green Toys, que produz brinquedos a partir de embalagens de leite de polietileno (GREEN TOYS, 2017).

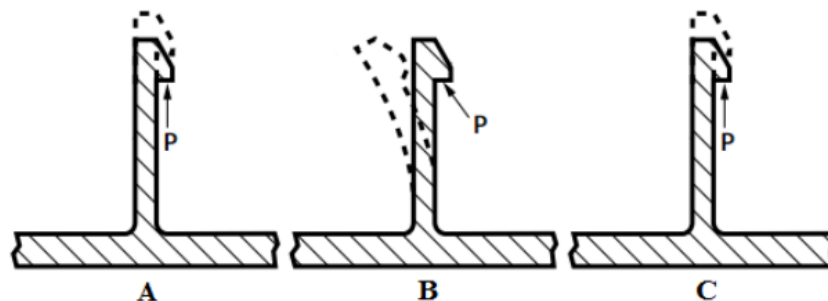
A seleção de um material é um processo longo e dependente de diversos testes. No futuro, com a difusão de materiais sustentáveis substitutos do pvc, poderia ser feito uma maior estudo e testes para a escolha de novos materiais para o produto.

5.4 ENCAIXES

Existem dois tipos diferentes de encaixe no produto, o encaixe entre as peças da anatomia e peças psicológicas, que devem ser fáceis de encaixar e desencaixar e o encaixe das duas partes das peças que serão injetadas. O dois casos foram especificados com encaixes do tipo *snap-fit*.

Os *snap-fits* são a forma mais rápida, simples e rentável de encaixe entre dois componentes, podendo ser montado e desmontado diversas vezes sem resultar na ruptura da peça, além de facilitar sua a reciclagem. O princípio de funcionamento de um *snap-fit*, é deslocar-se ao sofrer uma tensão até encaixar-se em seu par, conseqüentemente retornando à sua posição inicial, conforme ilustrado na figura 38.

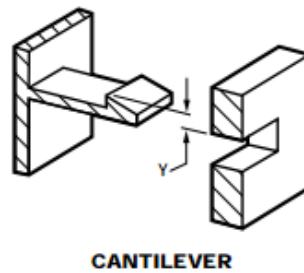
Figura 38 - Princípio de funcionamento do *snap-fit*.



Fonte: BASF Plastics Corporation 1609 (2006).

A junção das peças injetadas utiliza um *snap-fit* do tipo *cantilever* como mostra a figura 39. Esse *snap-fit* é um dos mais usados e ele apresenta variações. Esse tipo de *snap-fit* geralmente é usado quando as duas peças não devem ser desencaixadas.

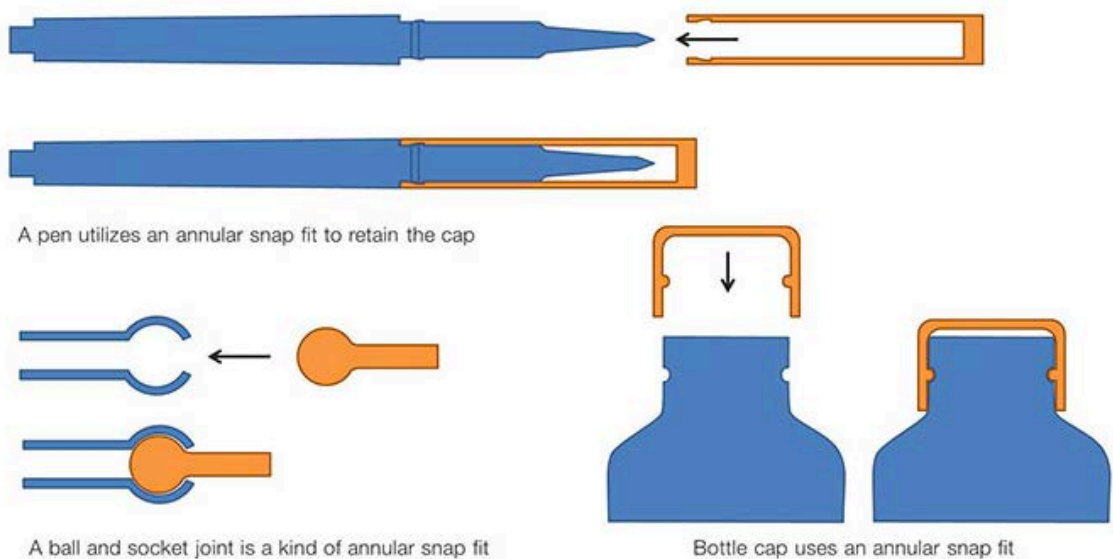
Figura 39 - Princípio de funcionamento do *snap-fit* tipo cantilever.



Fonte: BASF Plastics Corporation 1609 (2006).

Já o encaixe funcional entre as peças de anatomia em ABS é caracterizado por torres cônicas de encaixe, e um *snap-fit* anular, que propicia um fácil encaixe e desencaixe, como mostra a figura 40.

Figura 40 - Princípio de funcionamento do *snap-fit* tipo anular.



Fonte: Website D'source.

O encaixe entre as peças de PVC serão caracterizadas por macho e fêmeas em forma de torres, algo já usual para esse tipo de produto como citado na seção de materiais deste projeto.

O desenvolvimeto de bons *snap-fits* é um trabalho com considerável quantidade de cálculos e engenharia. A especificação de encaixes deste trabalho se limitou a propor encaixes alinhados com a indústria e o mercado. No caso de

fabricação futura do produto, os encaixes deverão ser trabalhados por um profissional especializado.

5.5 MODELAGEM 3D

Após a escolha da alternativa iniciou-se a modelagem 3D do produto no *software* SolidWorks. Ao longo do processo, percebeu-se a necessidade de calcular o centro de massa do produto já que o mesmo apresenta uma estrutura central alongada que suporta dois pesos em duas extremidades. Esse passo se mostrou importante para verificar a estabilidade do produto. Como mostra a figura 41 o centro de massa se mostra minimamente para a esquerda. De qualquer modo, estrutura do suporte deve ser resistente e a base com certo peso para evitar qualquer instabilidade. Pensando nisto, uma estrutura metálica em alumínio foi adicionada a fim de auxiliar na estabilidade do conjunto desde a base do produto.

Figura 41 - Estudo de centro de massa no software de modelagem.



Fonte: Autora (2017).

6 SOLUÇÃO FINAL

Pubi é uma ferramenta didática e um jogo para ensinar e aprender sobre as mudanças físicas e psicológicas trazidas no período da puberdade de uma forma atrativa, efetiva e natural. O produto tem como foco o uso no contexto escolar e é destinado a crianças entre 9 e 12 anos. O produto é constituído por peças encaixáveis que representam os órgãos genitais em tamanho real, um suporte multiuso, peças que representam aspectos psicológicos, e cartas de perguntas (figura 42). As cartas são categorizadas de acordo com as temáticas puberdade, autoimagem, relacionamentos e diversidades. Cada cor representa uma temática: cinza representa puberdade, roxo representa diversidades, vermelho autoimagem e verde relacionamentos.

Figura 42 - Ferramenta didática e jogo Pubi.



Fonte: Autora (2017).

O produto busca ensinar e gerar discussões saudáveis sobre o assunto através de uma estética amigável, e alinhada com o público alvo, criando uma conexão positiva entre o assunto e os envolvidos. Pubi busca naturalizar questões do corpo e da sexualidade de uma forma abrangente por meio de um produto que trata tanto sobre biologia como aspectos psicológicos e sociais. O produto fornece subsídio a

escolas e professores que buscam tratar sobre questões a respeito da puberdade, diversidade sexual e de gênero dentro da sala de aula.

6.1 FUNCIONALIDADES

6.1.1 Suporte

As peças dos sistemas genitais são acomodadas verticalmente através de uma alça em tecido elástico e penduradas no suporte. Além da alça, os sistemas genitais são também encaixados na parte central do suporte e os testículos contêm uma base específica. A haste do suporte pode ser rotacionada 360 graus para facilitar a exposição dos sistemas como mostra a figura 43. A extremidade superior da haste contém uma pega para facilitar o transporte do produto.

Figura 43 - Rotação da haste central do produto.



Fonte: Autora (2017).

Além de uma pega o produto apresenta uma tampa para proteger quando o produto é transportado e guardado e principalmente para não se perca nenhuma peça como mostra a figura abaixo.

Figura 44: Pubi sem e com tampa para proteção.



Fonte: Autora (2017).

6.1.2 Jogo

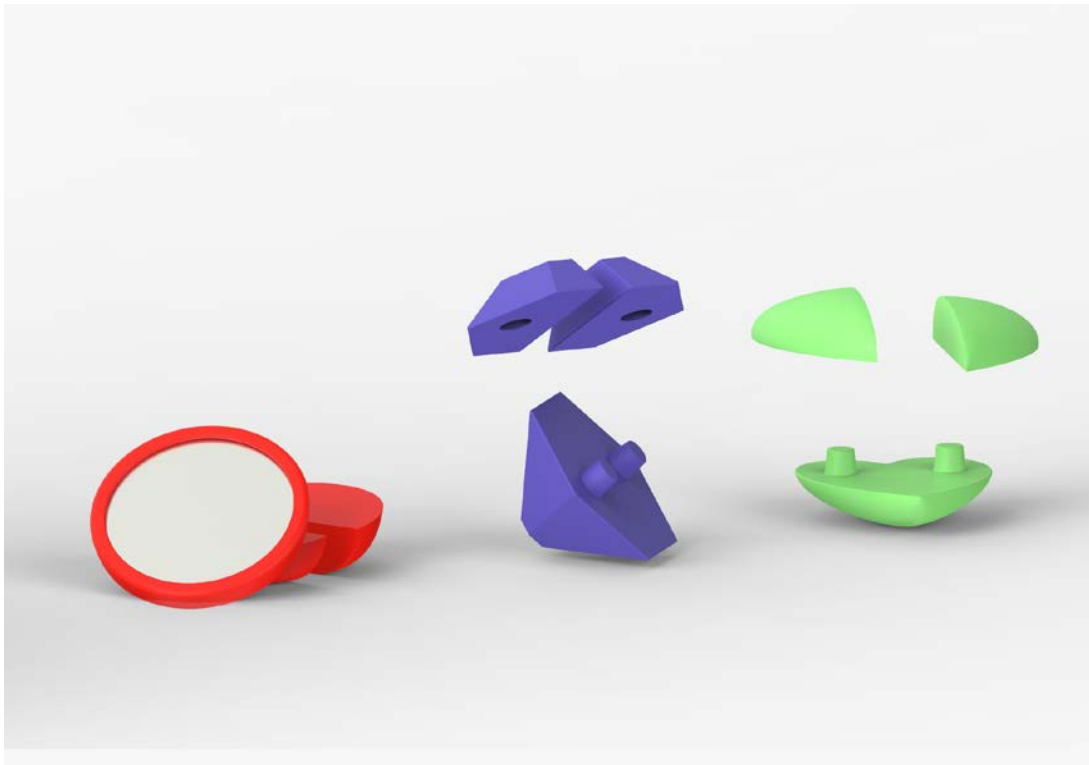
Como já citado, no momento de jogo as peças são colocadas na mesa, de acordo com a sua categoria/cor e ao longo do jogo os sistemas começam a se formar assim como os corações, diamantes e espelhos como mostra a figura 45 e 46. Ganha quem finalizar o sistema e as peças psicológicas primeiro.

Figura 45: Pubi no momento de jogo.



Fonte: Autora (2017).

Figura 46: Peças psicológicas.



Fonte: Autora (2017).

6.2 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO À ESPECIALISTA

Para validar o produto, a solução final foi apresentada, por meio de renders, para a especialista 5, a mesma que auxiliou na escolha do conceito do projeto. A educadora gostou muito da solução escolhida e destacou alguns pontos positivos: solução vertical melhor do que horizontal pois não esconde o produto; as perguntas das cartas se mostraram adequadas ao conteúdo ensinado em sala de aula e o nome do produto é sonoramente agradável.

6.3 DETALHAMENTO E DESENHO TÉCNICO

6.3.1 Vistas explodidas

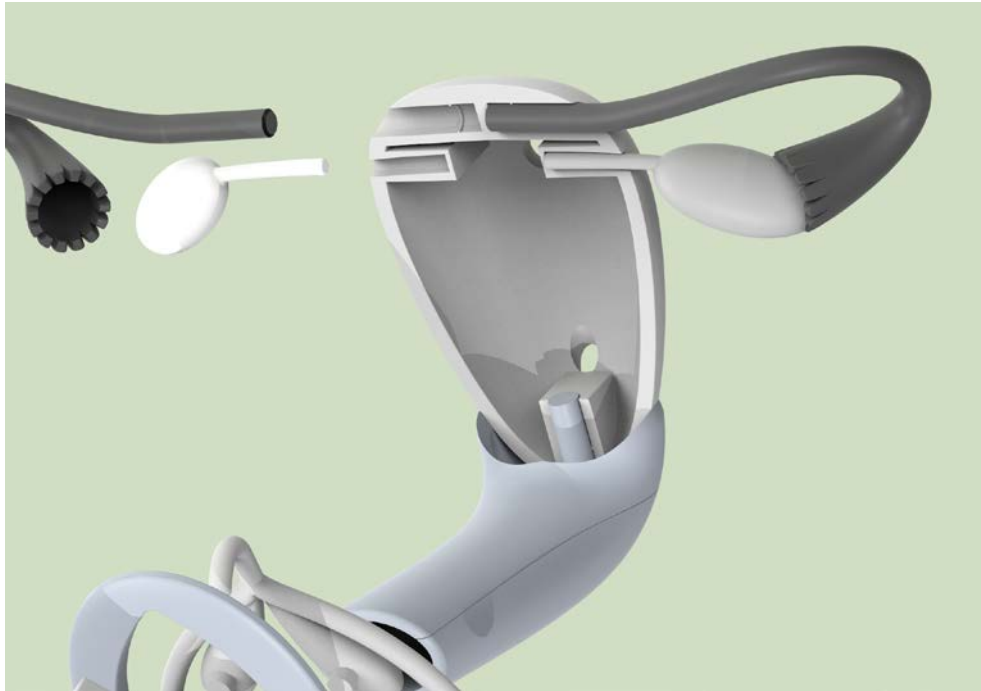
Devido a grande quantidade de peças, foram criadas algumas vistas explodidas para comunicar melhor as peças e encaixes. O sistema feminino e suas peças é apresentado na figura 47 e encaixes na figura 48.

Figura 47 - Peças do sistema genital feminino.



Fonte: Autora (2017).

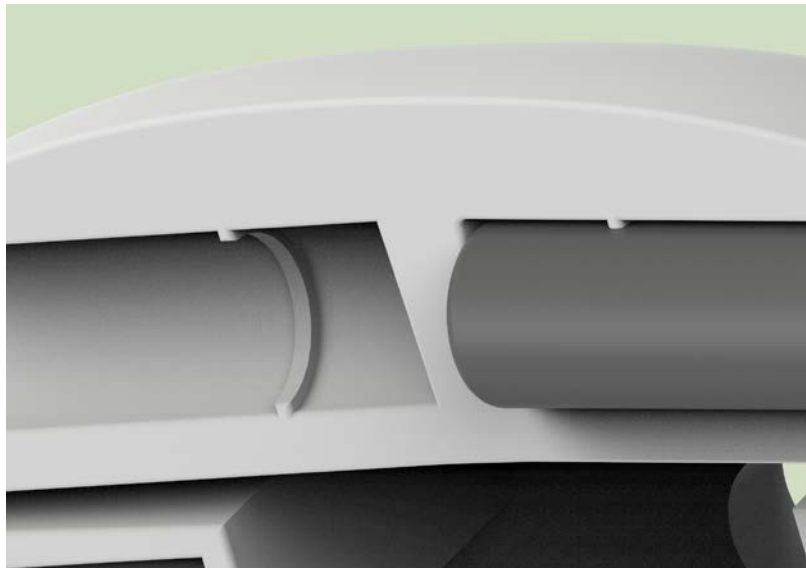
Figura 48 - Encaixes das peças do sistema genital feminino.



Fonte: Autora (2017).

O *snap-fit* anular que foi exemplificado anteriormente foi detalhado no encaixe entre a peça do útero e as tubas uterinas como mostra figura 49.

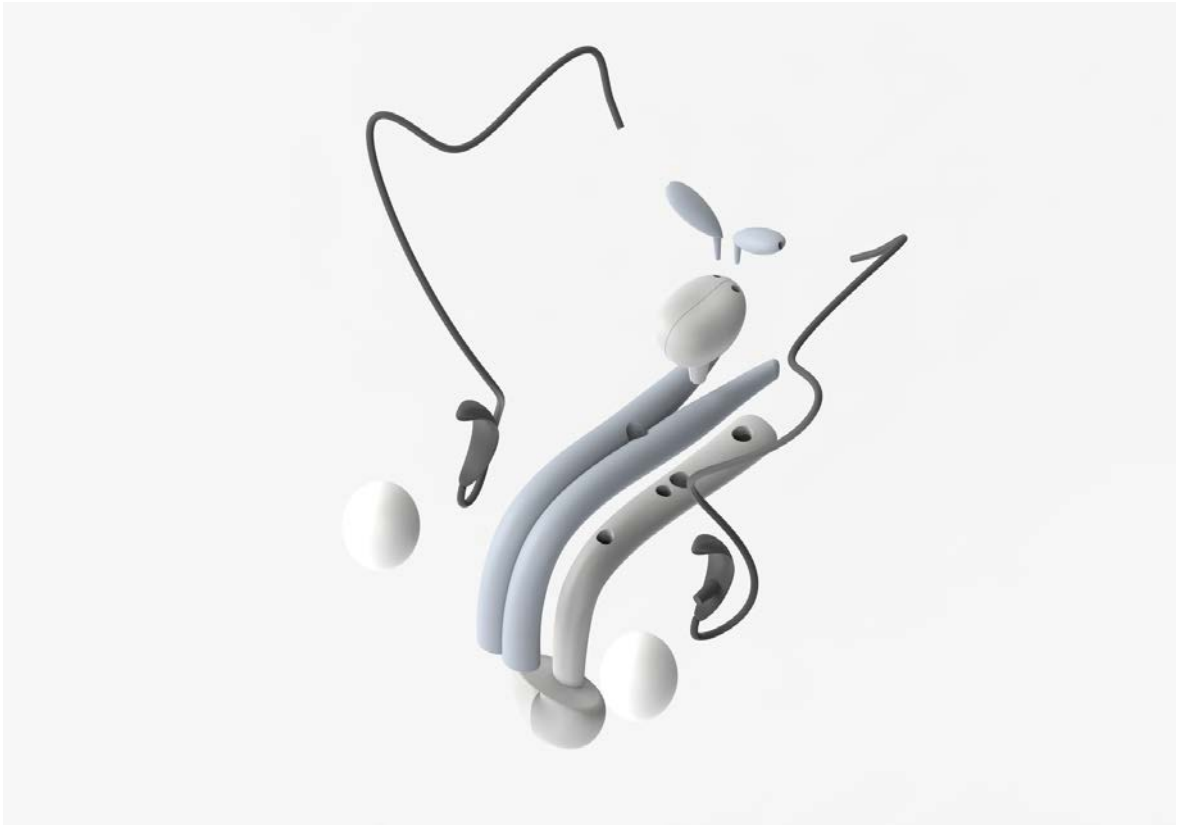
Figura 49 - *Snap-fit* entre as peças representativas do útero e tubas.



Fonte: Autora (2017).

O sistema masculino com todas suas peças, corpo cavernoso, corpo esponjoso, testículos, vesícula seminal, epidídimo e canais deferentes e próstata é exposto na figura 50.

Figura 50: Peças sistema masculino.



Fonte: Autora (2017).

O suporte com seus itens explodidos é mostrado na figura 51. A pega é composta por duas peças, o suporte para os testículos é uma peça separada e encaixado por pressão como mostra a figura 52. O suporte apresenta uma estrutura metálica interna para proporcionar maior estabilidade.

Figura 51- Peças explodidas do suporte.



Fonte: Autora (2017).

Figura 52 - Encaixe do suporte para os testículos.



Fonte: Autora (2017).

6.3.2 Dimensionamento

As dimensões gerais do produto são 330 mm da largura e 501 mm de altura. Os desenhos técnicos com dimensões mais específicas podem ser conferidos no apêndice G do trabalho.

6.4 PROTOTIPAGEM

Para que o produto seja apresentado da maneira mais realista foi feito um protótipo estético e funcional. As peças de anatomia foram criadas a partir de impressão 3D com filamento em PLA, poliácido láctico, da marca Cliever nas cores branco e azul escuro como mostra a figura 53. Devido a grande quantidade de peças foram usadas diversas impressoras 3D para acelerar o processo, todas da marca 3D Cloner.

Figura 53 - Peças impressas.



Fonte: Autora (2017).

Todas as peças impressas passaram por acabamento com lixa d'água para suavizar as superfícies. Dependendo da peça, foi feito também um tratamento com massa corrida, a qual não é a mais indicada para o PLA, mas funcionou de maneira satisfatória para cobrir algumas imperfeições. Foi aplicado primer na cor cinza, spray multiuso da marca Colorgin, em algumas peças (figura 54). Não foi necessário aplicar tinta pois as peças deveriam ser cinzas e o primer proporcionou o acabamento fosco desejado.

Figura 54 - Aplicação do primer.



Fonte: Autora (2017).

A base do produto foi feita em PU, poliuretano, devido as suas grandes dimensões em relação a mesa de impressão das máquinas, caso contrário a peça teria que ser dividida e a impressão 3D demandaria muito tempo. Desse modo, o PU foi cortado e lixado na forma especificada. Foi colocada uma chapa de mdf circular abaixo da base de pu para fornecer maior resistência ao produto. A haste central é contituída por um tubo de alumínio que foi serrado na medida especificada e pintado com tinta spray multiuso branca Colorgin. Durante a montagem do produto, foi possível perceber que o uso de uma haste de alumínio e uma base rígida conferiu estabilidade ao produto, como mostra a figura 55.

Figura 55 - Montagem das peças do produto.



Fonte: Autora (2017).

Também foram impressas as cartinhas desenvolvidas no projeto. O protótipo, além de representar fielmente o produto nas suas dimensões reais, também ajudou a verificar sua estética e estabilidade. O protótipo finalizado é mostrado na figura 56.

Figura 56 - Montagem das peças do produto.



Fonte: Autora (2017).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto no Brasil ainda é difícil perceber um esforço nacional conjunto para a implementação de legislações e políticas que assegurem a educação em sexualidade, em outros países crianças crescem aprendendo questões abrangentes desde muito pequenas. Apesar destas disparidades, é notável um esforço global tanto por parte das pessoas em geral quanto de diversas organizações que lutam pela defesa dos direitos sexuais e reprodutivos. Neste contexto, novas práticas, alinhadas com a realidade e o presente, se mostram necessárias para a educação em sexualidade no Brasil e no mundo. Apesar das particularidades regionais, a curiosidade é encontrada em todas as culturas.

Apesar da aparente dificuldade de se falar abertamente sobre sexualidade e sexo, constatou-se grande interesse em se aprender e compartilhar experiências. A questão de se tratar com naturalidade foi algo muito citado que está muito relacionado a necessidade de se construir intimidade e confiança para falar sobre o assunto. Através das pesquisas também pode-se perceber que a sexualidade pode ser tratada de maneira divertida e associada com outras atividades.

A solução apresentada neste projeto se mostrou satisfatória pois alcançou o objetivo principal de propor um produto atrativo para educação em sexualidade que pode ser usado em diferentes ambientes. Apesar do foco na sala de aula, o produto cumpre suas funções em outros ambientes como consultórios, clínicas e em casa. O produto Pubi facilita a educação em sexualidade pois ele próprio se mostra como um subsídio para instituições e profissionais que queiram tratar sobre este assunto pois apresenta um conteúdo pré estabelecido.

Em relação ao processo de design, as diversas pesquisas em publicações, criação de diversos mockups e as conversas com especialistas contribuíram muito com o rumo do projeto e auxiliaram na escolha e desenvolvimento de um produto alinhado com os requisitos de projeto. O projeto começou com um tema extremamente amplo e através de uma metodologia coerente chegou em uma solução interessante e alinhada com a temática inicial, fato que destaca o processo de design como ferramenta capaz de propor soluções dentro de macro cenários.

A relevância da temática do projeto, educação em sexualidade e todas as suas dimensões, é imensa e se mostra cada vez mais necessária. São muitos os esforços de diversas partes para que todas as crianças e jovens tenham e exerçam seus direitos sexuais. Esse produto constitui uma pequena contribuição para que existam mais espaços em que essas questões possam ser tratadas para que crianças e jovens cresçam felizes, saudáveis e informados, conhecendo e valorizando seus corpos e respeitando as diferenças.

Como futuras propostas e aprimoramentos, considera-se a expansão das peças do Pubi a fim de contemplar os sistemas genitais de pessoas intersex e variações de forma dos órgãos externos.

No caso da possibilidade de fabricação do produto pela indústria no futuro, deve-se considerar a revisão e detalhamento de certos aspectos do produto como a verificação e criação das perguntas do jogo por uma equipe multidisciplinar de especialistas, o detalhamento de encaixes por parte de profissionais da engenharia e uma investigação mais completa de materiais através de extensos testes em laboratório com protótipos funcionais.

REFERÊNCIAS

AMAZON. **Famemaster 4D-Vision Human Female Reproductive Anatomy Model**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Famemaster-4D-Vision-Female-Reproductive-Anatomy/dp/B003TJAEUA>>. Acesso em: 08 de Maio. 2017.

AMAZON. **Hape Your Body 5 layer wooden puzzle girl**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Hape-Your-5-Layer-Wooden-Puzzle/dp/B000ELYJFC>>. Acesso em: 08 de Maio. 2017.

AUSTRALIA NSW. **BODY TALK**. 2017. Disponível em: Disponível em: <<https://bodytalk.org.au/puberty/>>. Acesso em: 01 de Dezembro. 2017.

BANTMAN, B. (1997). **Breve História do Sexo**. Lisboa: Terramar.

BASF Plastics Corporation 1609. **Snap-Fit Design Manual**. Biddle Avenue Wyandotte, Michigan, 2006.

BENITES, M. J. de O. **Educação sexual e formação docente: um estudo a partir de concepções discentes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

BOONSTRA, H. **Sex education: Another big step forward – and a step back**. The Guttmacher Policy Review, 13(1), 27-28, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira 15 a 54 anos de idade**. 2013. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2009/40352/pcap_2008_f_pdf_13227.pdf>. Acesso em: 14 de Maio. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais Curriculares**. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>> Acesso em: 30 de Abril. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira 15 a 54 anos de idade**. 2013. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em:

<http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2009/40352/pcap_2008_f_pdf_13227.pdf>. Acesso em: 14 de Maio. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, **Boletim Epidemiológico - Sífilis**. Ano V. 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/o-retrato-do-comportamento-sexual-do-brasileiro>> Acesso em: 01 de Maio. 2017.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio exterior instituto nacional de metrologia, normalização e qualidade industrial-inmetro. **Portaria n.º 369**, de 27 de setembro de 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina, BARROSO, Carmen. **Educação sexual e prevenção da gravidez**. In: Carmen et al. Gravidez na adolescência. Brasília: INPLAN | IPEA | UNICEF, 1986.p.29-54. (Serie Instrumentos para a Ação n.6)

CARRARA, Sérgio. **Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo**. Mana 21(2), Rio de Janeiro, 2015, pp.323-345.

CDC. **Child development**. 2017 Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/childdevelopment/positiveparenting/middle2.html> Acesso em: 08 de Junho. 2017.

CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade: guia prático para professores de ensino fundamental**. São Paulo: Editora Lua, 2007.

FERGUSON, REBECCA; VANWESENBEECK, INE; KNIJN, TRUDIE . **A matter of facts... and more: an exploratory analysis of the content of sexuality education in The Netherlands**. 2008.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7,n.1,p. 1-21 2006. Disponível em:< <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323/1132>>. Acesso em: 08 maio. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, V.1: A vontade de saber**. Graal ed. Rio de Janeiro: 1988.

FURLANI, Jimena. LISBOA, Thais. **Subsídios a educação sexual a partir de estudo na internet**. Corpo, Gênero e sexualidade / Dagmar Meye, Rosângela Soares, organizadoras - 3 ed. - Porto Alegre: Mediação, 2013.

GREEN TOYS. **Mission**. 2016
Disponível em: <<http://www.greentoys.com/our-passion>>
Acesso em: 11 Nov. 2017.

HANSON, Elly. **It's not just the mechanics of sex... children need lessons on life and love**. The Guardian, 2017. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/aug/04/porn-as-sex-education-a-cultural-influence-we-can-no-longer-ignore>> Acesso em: 01 de Maio. 2017.

HARRIS, John S. **The Product Profile Chart: A Graphical Means of Appraising and Selecting New Products**. 1961.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP**. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v.59, n.2, p.157- 62, mar./abr.2006.

LINDBERG, L.D; MADDOW-ZIMET. I. **Consequences of Sex Education on Teen and Young Adult Sexual Behaviors and Outcomes** / Journal of Adolescent Health 51, 332–338. 2012.

LINDSAY. Kathryn. **This Period Board Game Wants To Teach Young Girls About Menstruation**. Refinery29, 2016. Disponível em:
<<http://www.refinery29.com/2016/09/123105/period-board-game>>. Acesso em: 08 Junho. 2017

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. **Educação Sexual: princípios para ação**. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, p. 41-51, 2011.

MIRROR. **Sex educations in Holand is shocking but is the right**. 2007.
Disponível em: <<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/sex-education-in-holland-is-shocking-but-it-is-the-right-460759>> Acesso em: 23 Junho. 2017.

MURARO, R.M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NETTER, Frank H.. **Atlas de Anatomia Humana**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2000

ORESTEIN, Peggy. **When did porn become sex education?**. New York Times, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/03/20/opinion/sunday/when-did-porn-become-sex-ed.html>> Acesso em: 01 Maio. 2017.

PENDRILL, Katherine. **Educational Condom Vending Machines**. Trend Hunter. 2016. Disponível em: <<https://www.trendhunter.com/trends/condom-vending-machines>>. Acesso em: 08 Junho. 2017

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação sexual na escola**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.53, p.11-9, maio 1985.

RUTGERS. **Comprehensive sexualit education**. 2017. Disponível em: <<https://www.rutgers.international/what-we-do/comprehensive-sexuality-education/what-comprehensive-sexuality-education>>. Acesso em: 20 Maio. 2017

SCHMITZ, E. **Fundamentos da didática**. 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.

SOBOTTA, Johannes. **Atlas de Anatomia Humana**. 21ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

SIQUEIRA, M. T. de M. **Adolescência**. Rev. Psicologia Brasil, São Paulo, v.1, n.1, p.16-18, ago. 2003.

THEOBALD, Stephanie. **How a 3D clitoris will help teach French schoolchildren about sex**. The Guardian, 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2016/aug/15/french-schools-3d-model-clitoris-sex-education>>. Acesso em: 08 Junho. 2017

TIBA, I. **Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações**. São Paulo: Gente, 1994.

VITIELLO, Nelson. (Org.). **Manual de dinâmicas de grupo**. São Paulo: Iglu, 1997.

UNESCO BRASIL. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro : tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília : UNESCO, 2013. 53 p.

UNFPA. **The Evaluation of Comprehensive Sexuality Education Programmes: A focus on the gender and empowerment outcomes**. New York, UNFPA, 2015.

VITIELLO, N. **Reprodução e sexualidade: Um manual para educadores.** São Paulo: CEICH, 1994.

WALCOTT, C.M., CHENNEVILLE, T., & TARGUINI, S. **Relationship between recall of sex education and college students' sexual attitudes and behavior.** *Psychology in the Schools*, 48(8), 828-842. 2011.

WEALE, Sally. **Swedish sex education has time for games and mature debate.** *The Guardian*. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2015/jun/05/swedish-sex-education-games-mature-debate>>. Acesso em: 08 Maio. 2017.

WEREBE, Maria Jose Garcia. **A educação sexual na escola.** Lisboa: Moraes Editores, 1977.

WEEKS, J. **The body and sexuality.** In Bocock, R. & Thompson, K. (Eds.). *Social and Cultural Forms of Modernity.* Polity Press, 1992.

WEEKS, J. **Sexuality.** Nova Iorque: Routledge, 2003.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

1. Na escola em que você trabalhou existia alguma disciplina/oficina específica para educação sexual?
2. Qual era a faixa etária dos alunos?
3. O que era ensinado para cada faixa etária (reprodução, corpo, puberdade, sexo, masturbação, amor, gravidez, DSTs, prevenção,...)? Existia algum tópico que recebia maior atenção?
4. Os alunos demonstravam maior interesse por certos assuntos? Quais?
5. Qual o material didático usado nestas aulas? (diálogo, livros, revistas, filmes, jogos, desenhos, outros...) Se houver algum material em especial, livros ou material produzido na escola, por favor descreva.
6. O tipo de material didático ajudava a despertar maior interesse por parte dos alunos?
7. Os alunos já tinham algum conhecimento quando começavam as aulas?
8. Você percebeu alguma evolução nesta área desde quando começou a trabalhar com educação sexual (em relação as escolas, governos, famílias,...)?

Respostas

1. Sim.
2. Ensino Fundamental.
3. Esses são temas de Biologia e não de Educação Sexual. Antes de mais nada te dizer que Educação Sexual não tem a ver com "biologização". Tem mais a ver com a vida e a forma como lidamos com nossas questões do que saber sobre pênis aids menstruação masturbação, etc. Antes de mais nada há que se diferenciar a biologia da educação sexual. Senão é repetir o tempo da "higienização" que tanto maltratou nossa civilização. Estou à tua disposição caso queiras um dia conversar sobre o assunto. Entendo bem que tenhas que fazer um TCC acadêmico.

Desde que saibas diferenciar bem a educação escolástica da educação para a vida. Até penso que a biologia e a sexualidade podem andar juntas. Mas depende. Se pensarmos em uma Educação Sexual para as crianças há que se trabalhar com os professores. Abrir espaços para que os educadores possam falar sobre o tema, desconstruindo tabus. No meu trabalho na escola e na SMED esta era a grande questão. Nunca havia horários para que se pudesse fazer algum encontro com os professores que acabavam demandando questões para a “sexóloga”. Assim como na educação infantil a secretaria não abria horários o que acabava se possibilitando somente fora dos nossos horários de trabalho. Com educadores e pais de escola infantil guardo lembranças de melhores momentos, assim como com funcionários. Só para te contar que fiz trabalho voluntário no Imama por uns dois anos. Com outro colega construímos uma proposta de um trabalho para a Formação de adolescentes. Desenvolvemos dez encontros para, a partir de dinâmicas do psicodrama, possibilitar que estes alunos levassem o tema para a comunidade. Voltei para a minha escola do estado onde havia trabalhado por 18 anos. Mesmo sendo estranha aos alunos e formando grupos em horário extraclasse 12 adolescentes apareceram. Seis meninas e seis meninos. Perguntei, como provocação, para os meninos o que faziam ali pois falaríamos de “câncer de mama”. Responderam: não há nada para fazer aí fora!!!! Adolescente estão à margem! Continuam sem lugar. E se enfiarmos aqui os índices de suicídio que aumentam, principalmente em Porto Alegre, nem precisamos nos surpreender. A questão dos adolescentes ultrapassa questões da educação sexual, este é o ponto que gostaria de demarcar.

4. Os encontros eram extra turno com alunos interessados. Sexualidade não era disciplina como as demais.
5. Todos os materiais citados e muita dinâmica de grupo, técnicas de psicodrama.

6. O interesse dos alunos estava nas questões que eles mesmos traziam.
7. Sexualidade tem mais a ver com a forma de vivenciar e experienciar a vida.
8. Até hoje tenho contato com a maioria destes alunos. São cidadãos cientes de seus direitos e que posicionam-se perante a vida.

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista

1. Quando e onde as crianças e os jovens devem aprender sobre sexualidade?
2. Existe algum estudo ou diretriz confiável que estabeleça o que é importante aprender de acordo com a idade ou ano escolar?
3. Quais as principais dificuldades, hoje, no Brasil para uma abordagem mais alinhada com a 'educação em sexualidade' (o termo referente a uma educação sexual mais abrangente usado pela UNESCO) Você acha que a educação sexual é melhor quando dentro ou fora da programação?
4. Atualmente, se fala sobre questões de gênero nas escolas? Qual a importância?
5. Você se deparou com didáticas interessantes ao longo dos seus estudos? Quais?

Respostas

1. Em casa e na escola. Em todos os meios, em qualquer artefato cultural, tipo um livro. Ela começa a aprender sexualidade desde o momento que ela nasce. Primeiro porque ela é fruto de um encontro sexual, segundo na medida em que ela vai tendo consciência corporal ou esse contato que ela tem com o adulto que cuida dela, ela já está desenvolvendo a sexualidade. Porque em geral a gente liga muito a questão da sexualidade com o ato sexual e não é isso. O fato de você por exemplo ter sensações prazerosas que se sentE quando por exemplo você vai descobrindo quando te trocam, te massageiam, te dão banho isso já vai te pondo em contato, acionando determinadas sensações que tem a ver com a sexualidade.
2. Na nossa cultura isto não funciona pelo seguinte, na nossa cultura há um borramento de fronteiras completo em relação ao acesso das crianças, diferente de outros países. Em outros países você não pode fazer determinadas propagandas para criança, você não pode associar comida a brinde. Aqui parece que pode tudo. Aqui vemos filme com

quase cenas de sexo explícito às 15h da tarde na televisão. Então aqui no Brasil que temos outros atravessamentos, de classe social de escolaridade da família, zona rural ou urbana, tudo isso vai afetar muito a vivência dela em relação a esse tema.

3. A má formação dos professores em relação a isso, e a confusão conceitual entre o que é gênero e o que é sexualidade. Acho que esse é o principal problema. Se as pessoas tivessem clareza em relação a esses conceitos não fariam essa confusão em relação ao que chamam de ideologia de gênero.
4. Dentro e fora, pelo seguinte: situações de cunho sexual vão acontecer em qualquer aula. Pois uma dúvida pode surgir em qualquer aula. Por exemplo, quando um menino de 5 anos passa a mão na bunda de uma menina, e o professor não faz nada isso gera um certo tipo de autorização para o assédio. Começa lá na infância quando o menino acha que pode fazer esse tipo de coisa. Em escolas municipais você encontra crianças de 4, 5 anos com um comportamento muito sexualizado por que muitas vezes elas vivem em um ambiente onde isso é estimulado em lugares onde você não tem o seu próprio quarto dorme com os pais.
5. Uma escola municipal de Nova Hamburgo tem um trabalho que ela caiu na besteira de publicar via *facebook* e teve que fazer a retirada estratégica porque várias pessoas começaram a ameaçar a professora. Coisa de menino, coisa de menina. A professora faz um trabalho muito qualificado com meninos e meninas, em que todos brincam com todos os brinquedos, então por exemplo, os meninos brincam de boneca e meninas brincam com espada.

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista

1. Quais são os projetos desenvolvidos pela Ecos na área de sexualidade?
2. Quando e onde as crianças e os jovens devem aprender sobre sexualidade?
3. Quais temas, na tua visão, são indispensáveis e urgentes para serem trabalhados quando se fala sobre sexualidade com crianças e jovens? Esses temas são atualmente discutidos no Brasil?
4. Quais as principais dificuldades, hoje, no Brasil para uma abordagem mais alinhada com a 'educação em sexualidade' (o termo referente a uma educação sexual mais abrangente usado pela UNESCO)
5. Acha interessante a criação de um produto que facilite e contribua com a educação em sexualidade, que possa ser utilizado em diferentes contextos, como escola, consultórios ou até mesmo em casa. (Soluções possíveis são jogos, brinquedos, ou outros artefatos que contribuam para um aprendizado mais divertido e natural sobre certos assuntos, etc)
6. Você se deparou com didáticas interessantes ao longo dos seus estudos? Quais?

Sugestões, comentários, qualquer contribuição é bem-vinda.

Respostas

1. Atualmente diversos projetos com cegos, travestis e trans. Também formação profissional para travestis e trans.
2. A sexualidade nasce junto com a pessoa e é expressa o tempo todo. Falar sobre essa expressão da sexualidade deve ser possível falar desde quando a criança passa a se expressar, a falar. A gente entende pela ECOS que ela participa de um determinado projeto social cultura, que ela é nomeada homem ou mulher, que o corpo dela já é pensado a partir desse marcador. As crianças no primeiro septênio já estão percebendo questões de sexualidade, que não significam sexo, mas que significam a forma como ela se expressa ou como os professores os coleguinhaS esperam que ela se expressa. Uma criança de 3 anos já é

cobrada se ela não se veste de uma determinada forma, como um menino ou uma menina. A gente tem um caso de uma criança que estava muito triste, ela não tinha 5 anos ainda, por que os pais não tinham colocado brinco, porque tinham uma relação com ela de muita liberdade, de escolha de roupas, de não pontuar o que se espera do feminino do masculino e isto gerou toda uma reação da comunidade escolar, e dos professores para que os pais a definissem enquanto menina.

3. Falar de sexualidade e dessas questões dentro da liberdade e da diferença entre os corpos, das desigualdades, tem que ser falado o tempo todo, porque na verdade já é falado o tempo todo. A gente precisa de espaço para poder questionar esses modelos colocados sobre os corpos das pessoas. A ECOS faz isso, tem vários materiais abordando esse tema e contribuindo para que educadores, profissionais da saúde e os próprios jovens possam criar maneiras de criar outros paradigmas e ideias sobre sexualidade, onde as pessoas possam ter autonomia, liberdade, todos os direitos sexuais e reprodutivos.
4. Hoje há diferentes dificuldades para se trabalhar esse tema. Infelizmente, não é aleatório que organizações fundamentalistas, algumas religiões mais fundamentalistas, não dá para citar uma ou outra. Algumas vertentes de diversas religiões tem uma proposta de humanidade que não inclui por exemplo os gays, que não inclui a liberdade das mulheres, de se ter por exemplo autonomia sobre o próprio corpo, prazer, sobre ter liberdade de expressar. Você têm linhas que estão muito presentes nas construções das políticas públicas. Por exemplo, a gente da ECOS ajudou a construir, o que eles chamavam, de kit homofobia, que era um kit do MEC voltado para pessoas com orientação sexual gays, jovens hsh, enfim. Esse kit foi censurado, ele não pode ser apresentado, a campanha foi queimada. Teve um outro episódio, em que o Ministério da Saúde fez uma campanha por Facebook. Eu tava presente, ajudei a organizar essa campanha em que as prostitutas diziam que eram felizes sendo prostitutas, uma ação afirmativa da sua profissão. Essa campanha foi censurada pelo próprio ministério, algumas pessoas foram mandadas embora, houve um veto

de que qualquer coisa que o programa de aids fizesse teria que passar por uma determinada instância de controle de conteúdo. Então as questões têm uma disputa de valores, uma disputa de saberes. E isso vai permeando as políticas do dia dia e as ações interpessoais, então nas escolas isso não é diferente. Você encontra desde educadores buscando conhecimento, buscando se fortalecer nessa discussão, encontrando brecha para falar sobre isso. Porque isso está previsto pelo ECA, a sexualidade é um direito desde Cairo desde Beijing... Mas há um entendimento equivocado de que isso seja uma coisa privada. E que, então, a gente não pode falar daquela tal ideologia de gênero que você deve estudar. Isso é bem complicado, por exemplo, a saúde e prevenção nas escolas, SPE, sumiu, não se fala mais nisso. Esse componente foi importantíssimo, e houve uma mobilização imensa para que essa discussão acontecesse nas escolas. Dentro do próprio governo, até então centro esquerda isso perdeu a sua força, seu valor, então eu acho que existem alianças e processos que se juntam para que essa temática não perca a sua importância, porque falar sobre isso é mexer numa estrutura de pensamento de vida, de qualidade, é refletir sobre questão econômica, sobre trabalho reprodutivo, violência, sobre o poder que os homens, de modo geral, entendem ter sobre os corpos das mulheres. Então é uma discussão que tem no seu cerne questões bastante profundas, de mudança de paradigmas sociais. Então a gente tem que achar brechas para falar sobre isso, escrever isso. A Ecos continua na sua tentativa de formar educadores, formar jovens, facilitar processos de participação democrática das pessoas em conselhos e espaços. Enfim tem uma gama de coisas a serem feitas mas a gente entende que precisamos cada vez mais, estimular os encontros e parcerias entre todos os setores para que a gente consiga criar uma resistência e para que esses direitos não sejam perdidos.

5. Acho excelente a ideia de criar materiais. Tem muita coisa na internet. Por exemplo, a gente percebe que entre o campo do saber acadêmico e a prática da intervenção tem um mundo. Então nem sempre a pessoa que produz conhecimento, esquematiza o conhecimento, quem escreve

livros e tal tem a prática e consegue transitar neste partir do que a intervenção exige. A Ecos tem uma história de tentativas, algumas vezes bem sucedidas outras nem tanto de fazer essa espécie de tradução por meio de materiais. Brincadeiras e jogos tem um campo enorme. O desafio é fazer com que isso não seja um material vertical, com conteúdo verticalizados mas que consiga dar uma enormidade de possibilidades para as pessoas pensarem. Criar espaços para as pessoas se questionarem, capacidade de problematizar as normas e o senso comum.

6. Tem alguns jogos para esse assunto. Jogos de tabuleiros, etc. Eu acho que os jogos, devem dar uma possibilidade de que as pessoas sintam prazer, liberdade, possam fazer escolhas com esse jogo. Um menino, por exemplo, que pode escolher transar com preservativo ou sem, que isso não vire uma questão de se transou sem preservativo ele vai ser punido. Mas que tenham outras opções, que dialogue de verdade com a vida real. Sem tanto moralismo, sem tanto essa coisa professoral, e dogmatismo. A gente, que tá desse lado, lutando por direitos, acaba também às vezes devendo para a nossa prática. Então, como a gente aguenta nossa própria ansiedade porém deixa as pessoas terem liberdade por meio dos jogos? Outra coisa importante é quem tá facilitando o jogo se for uma atividade pedagógica. Pensar que é um educador que tá propondo o jogo, que ele tenha um subsídio para as questões mínimas a serem tratadas. A Ecos sempre faz dicas para o educador, e a pessoa possa falar "não esqueça tal coisa, lembre-se sempre, questão da equidade," Porque às vezes dependendo de como o jogo é conduzido, ele reforça preconceitos. O que é o caso das dinâmicas, jogos teatrais, que trabalhamos muito. Notamos às vezes, por exemplo, você faz uma dinâmica sobre estigma e coloca na testa das pessoas, por exemplo eu sou prostituta e pede para as pessoas se relacionarem, a gente vai percebendo que muitas vezes se não tem uma condução adequada, há um reforço. Não basta o jogo por si só. Pode servir como um boomerang. Então pode ser uma armadilha, isto que quis dizer. Não deve ser verticalizado mas ao mesmo tempo ter clareza do

propósito e permitir que as pessoas tenham liberdade de também trazer com o jogo, suas dúvidas, suas esquisitices, seus afetos, seus medos. É um pouco surreal e quase impossível mas seria o ideal. A gente também pensa muito sobre isso na Ecos.

APÊNDICE D

Roteiro de entrevista

1. Anos escolares e idade dos alunos.
2. Na sua escola, existe algum tipo de programa/estrutura para tratar questões de sexualidade? Como funciona?
3. Na sua escola, são tratadas questões de gênero e orientação sexual?
4. Quais temas relacionados a sexualidade são abordados dentro das aulas?

Relacionamentos (Amizade, amor e relacionamentos, autoestima, respeito, tolerância e solidariedade,...)

Valores, atitudes e habilidades (Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual, tomada de decisões, habilidades de comunicação, consentimento, onde encontrar ajuda, apoio e orientação,...)

Cultura, sociedade e direitos humanos (Sexualidade e direitos humanos, gênero, violência de gênero, abuso sexual, práticas prejudiciais,...)

Desenvolvimento humano (Anatomia, fisiologia sexual, reprodução, puberdade, imagem corporal,...)

Comportamento sexual (Diferentes maneiras de viver a sexualidade, masturbação, prazer, orientação sexual,...)

Saúde Sexual e reprodutiva (planejamento reprodutivo, formas de contracepção, DST's, comunicação em relação a sexo seguro)

5. Existem dificuldades para quando se aborda certos temas?
6. Você já se deparou com situações difíceis relacionadas a esse tema (dúvidas dos alunos, discriminação, abuso,...) em que teve que intervir dentro da escola e da sala de aula? E alguma situação que não sabia reagir?

7. E sobre os alunos. Eles demonstram interesse neste assunto? Surgem muitas dúvidas? Quais as principais dúvidas? Algum assunto é motivo para constrangimento, piadinhas, risadas?
8. Alguns alunos já apresentam um comportamento muito sexualizado?
9. Quais temas, na tua visão, são indispensáveis e urgentes para serem trabalhados quando se fala sobre sexualidade com crianças e jovens? Esses temas são atualmente discutidos no Brasil?
10. Qual o material didático usado nestas aulas? (diálogo, livros, atividades, revistas, filmes, jogos, desenhos, outros...) Se houver algum material em especial, livros ou material produzido na escola, por favor descreva. Existe algum material, atividade que desperte maior interesse dos alunos?
11. Acha interessante a criação de um produto que facilite e contribua com a educação em sexualidade, que possa ser utilizado em diferentes contextos, como escola, consultórios ou até mesmo em casa. (Soluções possíveis são jogos, brinquedos, ou outros artefatos que contribuam para um aprendizado mais divertido e natural sobre certos assuntos, etc)?
12. Sugestões, comentários, qualquer contribuição é bem-vinda.

Respostas

1. Sétimo e oitavo ano. A idade varia muito, mas principalmente entre 13 e 14 anos. Mas já dei aula para mais novos e mais velhos.
2. Não existe programa específico para sexualidade. Existe um programa de ciências, com os conteúdos, que vem do governo, vem tudo nos livros.
3. Não existe nada estruturado sobre gênero e orientação sexual. Existem iniciativas pontuais. Neste ano a orientadora está com um projeto no turno inverso sobre questões de gênero para um grupo de meninas.
4. Temas tratados são o sistema reprodutor, transformações da puberdade, doenças, métodos contraceptivos. Existe um grande interesse sobre essas transformações, apesar de alguns alunos já terem

passado por isso outros ainda estão iniciando com essas transformações. O início desses assuntos é a partir do sistema reprodutor, e a partir das dúvidas trazidas pelos alunos. Destaque para os métodos contraceptivos pois temos meninas grávidas com 14 anos. No 7 ano muitos já têm vida sexual ativa. Trato no final do ano, quando já tenho mais intimidade com os alunos.

5. Diversidade dentro da sala de aula. Tem turma com alunos que sabem tudo e que não sabem nada. A escola particular tem maior nivelamento. As dúvidas são sempre as mesmas dentro da faixa etária. Acho preocupante até onde o professor não vai entrar com os seus próprios valores. Sentimento, valores, postura, em orientação tudo é percebido, tudo é exemplo. Questão do professor orientar certas coisas é difícil. Escola pública do um município não tem recursos, data show somente em uma sala. Limitado em questão de tecnologia. Livro didático dura 3 anos.
6. Não acontecem coisas sobre *bullying* relacionadas tanto a sexualidade. *Bullying* entre eles é mais social, sobre roupas, posses, corpo, etc. O homossexual nunca se manifesta, se coloca, mesmo namorando na aula. Quando chega esse assunto eles se inibem, são as aulas mais tranquilas, mais silenciosas, podem escrever, se colocar. Poucos fazem perguntas. Muda o comportamento, ficam muito tímidos. Querem ouvir, tudo é novidade. Existe muita diversidade entre professores e alunos na escola. Em todos os quesitos. Têm casais homossexuais nas aulas, mais de meninas nas salas de aulas. Existem gays assumidos. Não percebo *bullying* relacionado a orientação sexual, nem *bullying* relacionado aos alunos de inclusão. Talvez por ser um lugar mais diverso, com muita diversidade de raça também.
7. Eles demonstram bastante interesse. E tem muitas dúvidas. As principais dúvidas partem das meninas sobre as injeções anticoncepcionais que estão disponíveis no posto de saúde. Os alunos não costumam se expor. Maiores dúvidas sobre as transformações no corpo, quando começam, métodos contraceptivos, se gêmeos partem

de dois espermatozoides. A risada é natural, do nervosismo. Mas sempre parte do lado da ciência.

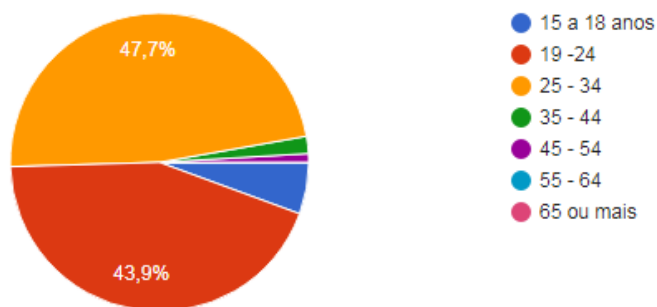
8. Comportamento muito sexualizado, erotizado. Muitos com namorados e namoradas. Já tive algumas alunas que ficaram grávidas.
9. Na realidade da minha escola, principalmente doenças e a questão dos métodos contraceptivos.
10. Os livros do governo, confecção de cartazes, trabalhos com entrevistas com agentes de saúde. Atividade que criei: jogo para prevenção de doenças cartinhas com símbolos, em que os alunos devem circular e anotar os símbolos dos colegas que tiverem contato, ou que são amigos. No final da atividade os símbolos são revelados, cada um associado a uma doença e alguns ao preservativo. A atividade é para mostrar como qualquer um pode ter doenças, que não existe cara para doenças. Dá muito certo.
11. Acho muito interessante. No colégio temos modelos anatômicos de parede. Existem modelos alemães maravilhosos mas para medicina. Seria interessante material mais lúdico relacionado a esse assunto.
12. Interessante para a fase dos 10 anos, primeira menstruação, 10-11 anos que é a fase das transformações do corpo. Interessante pois pegaria uma gama grande de alterações do corpo.

APÊNDICE E

Respostas Questionário

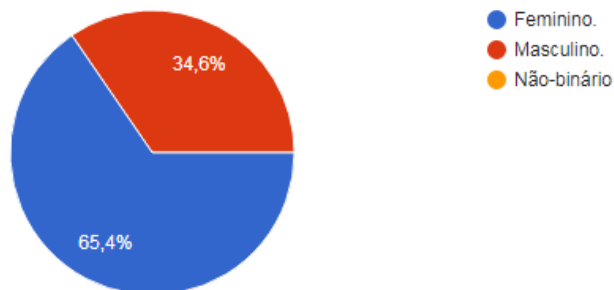
Idade:

107 respostas



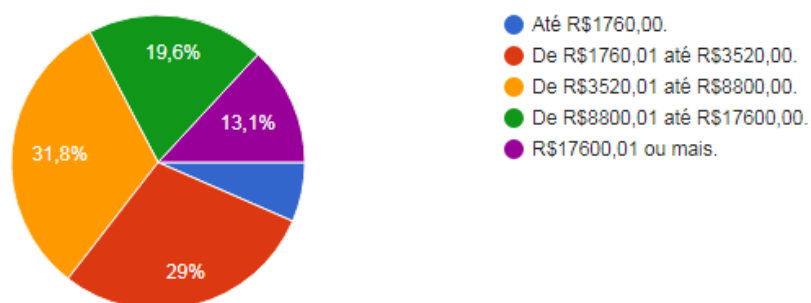
Gênero:

107 respostas



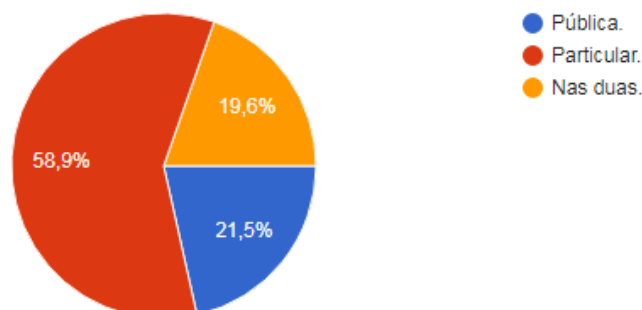
Renda Familiar:

107 respostas



Você estudou em escola:

107 respostas



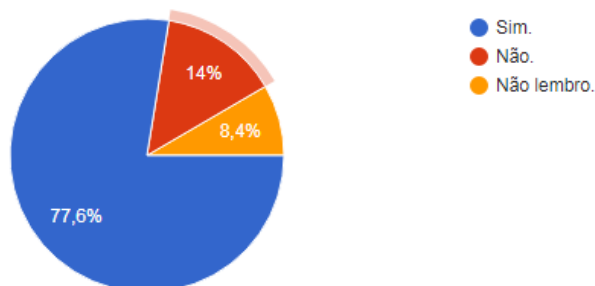
Em qual(quais) cidade(s) se localiza(m) a(s) escola(s) que você estudou?

107 respostas

Porto Alegre (RS) (40)	Canoas (RS) (6)
Rio de Janeiro (RJ) (4)	Lajeado (RS) (2)
Pedro Leopoldo (MG) (2)	Porto Alegre e Estrela (RS)
São Luiz Gonzaga e Santo Antonio das Missoes (RS)	Florianópolis (SC)
São Luiz Gonzaga (RS)	Chapecó (SC)
São Luiz Gonzaga e Bossoroca (RS)	Nova Iguaçu (RJ)
Cachoeirinha e Porto Alegre (RS)	Gravataí (RS)
Alegrete (RS) e Santa Maria (RS)	Sete Lagoas (MG), Belo Horizonte (MG), Pitangui (MG), Manaus (AM), Fortaleza (CE), Leiria (PT) e Caldas da Rainha (PT)
Cachoeira do Sul e Porto Alegre (RS)	Encantado (RS)
Campo Bom e Novo Hamburgo (RS)	Porto Alegre (RS), Curitiba, Joinville
Rio Grande (RS)	Belém (PA)
Alvorada (RS)	São Paulo e Porto Alegre (RS)
Cachoeira do Sul (RS) e Porto Alegre (RS)	Cascavel e Curitiba (PR)
Londrina (PR)	Tramandaí/Imbé (RS)
Porto Alegre (RS), Tenente Portela (RS)	São Paulo (SP)
São José Dos Campos (SP)	São Pedro da Serra (RS) e Bento Gonçalves (RS)
Novo Hamburgo (RS)	Ivoti (RS) e Novo Hamburgo (RS)
Novo Hamburgo (RS) e São Leopoldo (RS)	Júlio de Castilhos (RS)
Santo Antônio da Patrulha (RS)	Viamão (RS) e Porto Alegre (RS)
Brasília (DF)	São Leopoldo (RS)
Espumoso (RS)	Pedro Leopoldo (MG) (2)
Santa Isabel (SP)	Itajuba (MG)
Cordisburgo (MG), Sete Lagoas (MG)	Bragança Paulista (SP)
São Carlos (SP)	São Luís (MA) e Brasília (DF)
Belo Horizonte (MG)	Imperatriz (MA) e Parauapebas (PA)
Cambé (PR)	Lins (SP)
Catanduva (SP)	Petrópolis, Itajaí, Florianópolis
Aguaí e Campinas (SP)	Uberaba (MG)
Piracaia e Atibaia (SP)	Campinas (SP)
Franca (SP)	

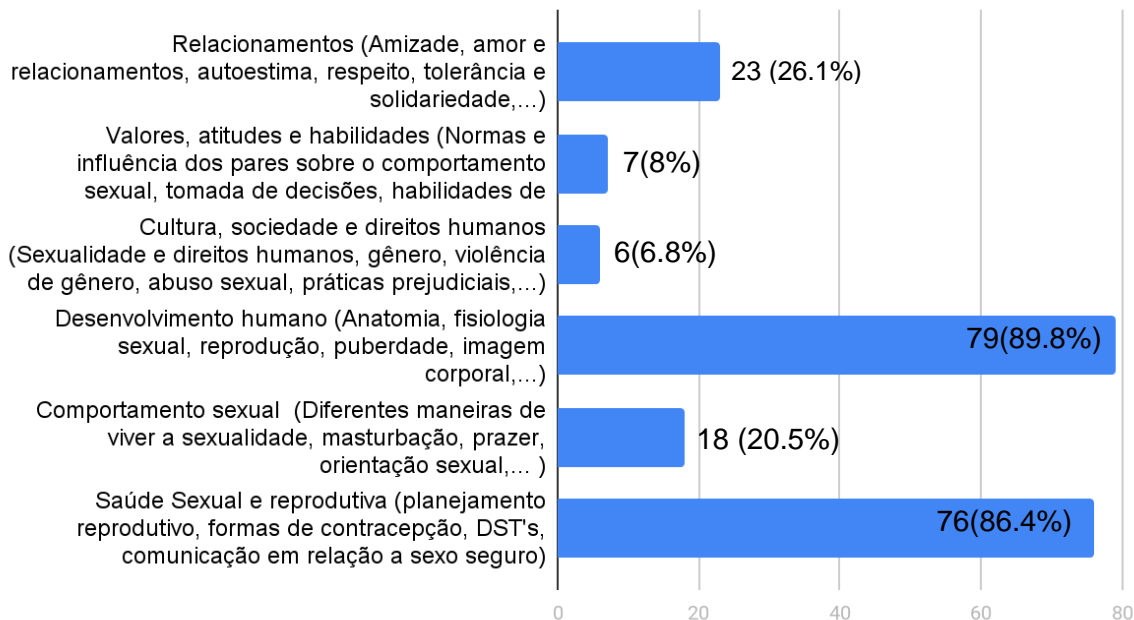
Na sua educação escolar foram abordados temas relacionados a sexualidade?

107 respostas



Se sim, quais temas foram abordados?

88 respostas



Em quais disciplinas foram abordados esses assuntos?

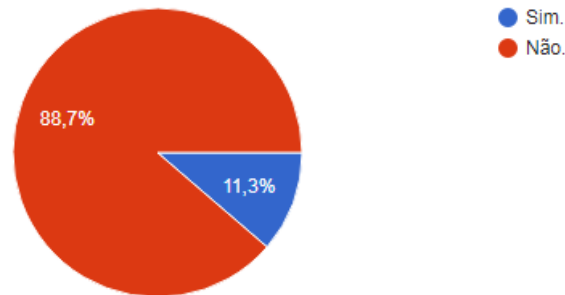
86 respostas

Biologia (45)
 Ciências, Ciências Naturais (25)
 Educação sexual (3)
 Filosofia (5)
 Sociologia (5)
 Educação Religiosa (8)
 Educação Física
 Matemática
 Geografia (Antropologia)
 Literatura
 Palestras (4)
 Palestras extraclasse (3)

- Aulas/palestras com convidados (3)
- Palestras com várias turmas
- Atividade extra curricular com apoio pedagógico da escola
- Projeto da escola
- Não Lembro (2)

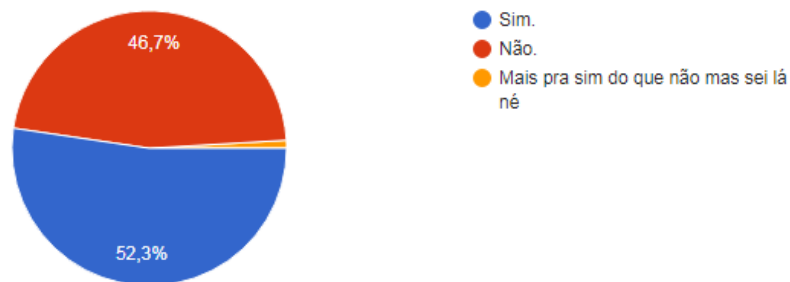
Você acha que a sua educação escolar sobre sexualidade foi satisfatória?

106 respostas



E sobre todo o seu conhecimento adquirido (não só na escola) sobre seu corpo e sexualidade ao longo de sua juventude, você julga satisfatório?

107 respostas



O que você mudaria no seu aprendizado sobre sexualidade (o que você realmente gostaria de ter aprendido que teria contribuído para a sua vida no futuro, etc ...) ?

107 respostas

Acredito que o assunto sempre foi tratado por professores(as) de forma não tão natural. acho que ainda é muito tabu. acho que para que as pessoas realmente se conscientizem sobre o controle de seus corpos e doenças e tudo, tem q ter conversa aberta na sociedade em geral.
Bah, não sei o que, mas teria muita coisa para fazer.
Diversidade.
Acrescentaria os 3 assuntos que não marquei na questão de quais foram abordados.
Comportamento sexual. Cultura e diferenças de gênero.
Eu não mudaria meu aprendizado mas gostaria de ter aprendido certas coisas mais cedo

Nada.
Os professores devem aprofundar mais sobre esses assuntos.
Sobre os malefícios de pílulas anticoncepcionais.
Não sei.
Que ser gay é normal.
Mais informações sobre DSTs.
Gostaria de ter tido conhecimento mais aprofundado e realista sobre o funcionamento do corpo das mulheres quando mais jovem.
Gostaria que tivesse sido abordado de maneira natural
Gostaria de ter aprendido sobre diferentes formas de viver a sexualidade e sobre tomada de decisões.
Métodos contraceptivos.
Nem sei o que te responder sobre isso!
Questões de gênero, abuso, violência.
Acho que existe todo um tabu em relação a sexualidade da mulher, desde nova a mulher é colocada numa posição de resguardo, não há liberdade sexual, não há liberdade em sentir alguma coisa diferente, parece um pecado. Isso causa dúvidas e muitas vezes culpa, principalmente na cabeça de adolescente. Eu não acho que precisa sair transando com todo mundo, porque o teu corpo é algo pessoal, é igual a convidar alguém para entrar na tua casa, precisa de uma confiança, mas também não se deve recriminar as pessoas ou a quantidade que tu deixou entrar, porque os homens não são julgados por isso, a mulher sim, então há uma culpabilidade em ser taxada de algo que tu não é, só porque tu decidiu ser livre.
As primeiras alternativas dos temas abordados na pergunta acima, como valores e atitudes, direitos humanos, gênero etc nunca foram passados nas vezes em que vi educação sexual na escola. Tudo que sei hoje é por influência de família amigos e internet, e por sorte me cerquei de pessoas de realidades diferentes e referências boas. A maioria das pessoas não tem essa sorte.
Acredito que uma abordagem mais franca sobre o corpo humano, de forma mais séria, conversando sobre problemas reais, tanto sobre sexo, como mudanças no corpo humano já ajudariam bastante. O maior problema é tratar o assunto como tabu.
Que ser homossexual é algo normal.
Falar sobre tudo, aceitação, feminismo, relações afetivas, não só aprender a usar camisinha para não pegar doenças e não engravidar.
Questões relacionadas a ansiedade e sexualidade, a não banalização ou criminalização do sexo, ao não consentimento sem culpa, a importância do sexo por meio de toques, carícias e afins como uma saída para obter mais prazer sem penetração e sem camisinha, para quando utilizá-la não ocorrer de achar que está deixando de sentir por estar utilizando... mas sim está utilizando por segurança e responsabilidade do par... Talvez, ensinar outras formas de "sexo" e sempre reforçar a importância da camisinha... Além disso, acredito que exames íntimos são um tabu para os guris, porém importantes, principalmente para quando você possui um parceiro fixo, os dois podem fazer exames e buscar um auxílio médico para terem uma vida sexual mais saudável e melhor aproveitada...
Questões mais relacionadas a aspectos humanos (não apenas biológicos), como os da pergunta sobre assuntos abordados na escola
Coisas serem faladas, expostas, todas as possibilidades que existem.
Que sexo é uma coisa saudável, normal e que todo mundo faz.
DSTs.
Acho que a inclusão dos outros assuntos que não marquei seria interessante, porque por não ser abordado eles me pareciam ter menos importância, o que demorei para perceber que não era o caso.
Por ser homossexual acredito que incentivar o sentimento de pertencimento de aceitação poderia ter sido de grande valor na época. Poder se abrir e se expressar sobre com colega sem ter medo teria sido melhor..

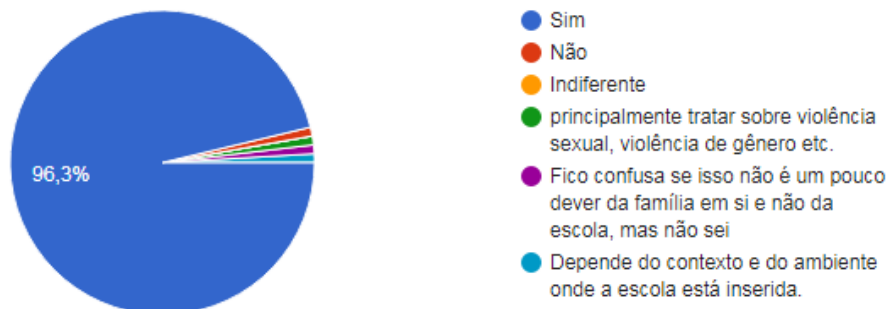
Comportamento sexual, valores, atitudes e habilidades, relacionamentos
Se os outros itens citados no questionário fossem passados já iria ajudar. Principalmente o de valores, relacionamentos e comportamento. Ajudaria a aceitar melhor as percepções conforme elas aconteciam.
Gostaria de ter tido uma abordagem que mostrasse que a sexualidade humana não está restrita a casais heterossexuais, e também não só a casais.
Todos os assuntos citados anteriormente.
Como bissexual, eu tive muita dificuldade em assumir e viver minha sexualidade de forma plena e livre. Ainda acho que não vivo. Acredito que uma abordagem mais humana sobre isso facilitaria muito o processo e poderia evitar violências contra homossexuais, bissexuais, pansexuais, transexuais. A gente aprende religião em muitas escolas e não aprende sobre a formação da identidade sexual da pessoa. E eu acredito que a forma como a pessoa se relaciona com sexo e sexualidade diz muito sobre a sua personalidade e sua relação com a sociedade e com outras pessoas.
Direcionamento ao respeito ao próximo. Meu colégio era bastante conservador, não tocou em temas sobre identidade e gênero jamais.
Aprendi apenas o básico. Fui começar a conhecer meu corpo de verdade pelos 21 anos, mesmo tendo perdido a virgindade aos 16. Tive apenas uma aula ensinando a colocar camisinha quando estava na 7 série, e foi levado como tom de piada. Não aprendi nada sobre gênero e sexualidade, não se falava em violência sexual, e aprendi que o ciclo menstrual tem sempre 28 dias(o que fui aprender que não é verdade quando parei de tomar anticoncepcional aos 21 anos). E sobre dst, eu só lembro de ter aprendido sobre hiv com profundidade. Eu não sabia quase nada sobre hpv, clamidia, etc.
Mais sobre que sexo não é só meter.
Passei a vida toda achando que era errada por não sentir atração sexual (sou assexual, mas com atração romântica), já que tudo que eu ouvia era homo, hetero ou bi.
Saber conhecer o meu corpo e o que me satisfaz.
Não tratar isso como um tabu.
Gostaria de ter aprendido mais cedo.
Não ver o sexo como algo "sujo" e me sentir empoderada e livre para ter relações com quem eu quiser, sem julgamentos.
Consentimento.
Sobre a sexualidade mesmo. Sobre o corpo. Eu aprendi sozinha e foi um longo e difícil caminho. Principalmente o fato de ser mulher e poder ter o direito de ter relações sexuais tantas quanto um homem. Não é fácil dizer que gosto de sexo, que faço tanto (ou mais) que os homens que conheço e que lido bem com isso.
Ouvir mais pessoas.
Educação sobre gêneros, opções sexuais, igualdade de direitos civis.
Não gostaria de ter assistido tantos filmes e lido tantas histórias que falavam no sexo de maneira equivocada, longe da realidade.
Que a sexualidade fosse tratada de forma realista e com menos tabus.
Mais orientações sobre comportamento sexual.
Sobre orientação sexual e diferentes tipos de gênero, alternativas ao anticoncepcional, conscientização sobre estupro (principalmente pros meninos), reflexões sobre objetificação do corpo feminino e sobre feminismo, masturbação feminina, menstruação (conversas pra tirar o "nojinho", e também para entender melhor sobre como funciona. Tem gente que chega na idade adulta achando que urina e sangue descem pelo mesmo canal, por exemplo).
Gostaria que o assunto fosse tratado com mais naturalidade e seriedade, pois como é difícil mostrar esse tipo de coisa para adolescentes sem gerar piadinhas e distração, lembro que as aulas mais assustavam as gurias em relação à doenças do que qualquer outra coisa. Acho que a abordagem sempre foi muito relacionada ao sexo para reprodução e não abrangeu nada sobre valores, relacionamentos ou orientação sexual, provavelmente por ser um colégio religioso.

Acho que a escola poderia instruir ainda mais sobre, mas talvez as os alunos ainda não tenham maturidade suficiente para assimilar tais assuntos, muitos tratam como brincadeiras.
Jogo aberto sobre tudo.
Gostaria de ter aprendido bem mais, no ensino fundamental fomos encorajados a nos observar no espelho e identificar as partes anatômicas dos genitais, mas era de um modo que deixava todos com vergonha de se expor. Depois no ensino médio foi visto apenas na aula de biologia durante o sistema reprodutivo, porém super focado para as perguntas do vestibular. Quando eu parei de tomar pílula recentemente que fui me informar bem sobre muco, ciclo menstrual, temperatura basal e etc e isso fez eu perceber meu corpo de uma forma única. Me sinto triste em saber que demorei tantos anos para ter essa percepção.
Acho que uma abordagem mais ampla na escola, desde cedo, seria bom.
Ensinos livres de valores religiosos.
empoderamento feminino, autoconhecimento físico e mental, relações abusivas.
Esse citado acima: Cultura, sociedade e direitos humanos (Sexualidade e direitos humanos, gênero, violência de gênero, abuso sexual, práticas prejudiciais,...)
Acho importante, desde o ensino básico, falar sobre sexualidade de maneira séria e sem julgamentos desde o ensino básico até o superior. Tem que haver mais iniciativas por parte da instituição de ensino.
Morei numa cidade pequena, reprimida e preconceituosa. Qualquer tipo de abordagem já teria sido melhor do que basicamente nenhuma.
Ter um espaço no colégio para assistência em momentos extracurriculares, e uma abordagem mais integradora com um conteúdo amplo e igualitário para ambos gêneros, sendo assim menos estereotipada.
Gêneros, o que realmente é sexualidade, a "importância" dela...
Explorar todos os tipos de sexualidade e ensinar essa diversidade como algo normal. Principalmente a diferença entre gênero e sexualidade.
Os reais efeitos do anticoncepcional - tratar o assunto com mais naturalidade - no shaming etc.
Senti falta de maiores informações... lembro apenas de ter sido passado a questão de uso da camisinha, porém ficava um clima bem constrangedor na sala de aula e eu, na época, nem assimilei aquilo como "algo real e importante".
Gostaria de ter aprendido mais sobre a relação da mente com o corpo e sobre a influência da sexualidade na minha vida e no meu cotidiano.
Acho que respeitar melhor as diferenças e as dificuldades da própria aceitação.
Uma conversa mais aberta com meus pais.
Sexo lésbico e dsts.
Gostaria que o assunto fosse tratado mais abertamente.
Sei lá.
sexualidade voltada para pessoas que não são heterossexuais, DST para estes grupos (parem de falar só em aids, plmdds), relacionamento abusivo, violência psicológica e doméstica.
Psicanálise da sexualidade. Questões de gênero.
Discutir consentimento, respeito nas relações e diversidade sexual.
Não mudaria nada.
Coisas mais reais, menos "conversa de escola".
Faltaram conversas e debates bem abertos sobre essas questões.
Sobre doenças e prevenção, sobre o risco do uso de anticoncepcionais (trombose, AVC, etc), sobre prazer (não ter vergonha disso, não se sentir julgado, etc.), sobre clitóris (ninguém fala sobre ele, principalmente na educação nas escolas).
Consentimento, enfermidades comuns relacionadas ao aparelho reprodutivo feminino, problemas relacionados aos métodos contraceptivos.
Sobre os supostos "tabus" sobre o corpo feminino, masturbação feminina, métodos alternativos de contracepção, a saúde feminina e os perigos dos anticoncepcionais, ciclo menstrual na prática (análise dos corrimentos femininos, temperatura, mudanças corporais).

Muito do que eu aprendi sobre sexualidade veio de colegas, porém de forma distorcida, preconceituosa, e cheio de regras sociais heteronormativas. Muitos colegas que não se davam bem com este tipo de atitude provavelmente tiveram algum tipo de problema durante a vida adulta.
Recebi informações erradas. Uma professora de ciências teve a capacidade de falar que espermatozoides passavam por calças jeans (por sorte eu já sabia que isso não era possível). Sentia um despreparo dos professores a respeito do assunto, além de não abordarem todas as questões referentes a sexualidade, comportamento, gênero, etc. (Questões importantes para que jovens se tratem melhor e aceitem melhor os outros, e aceitem melhor a si próprios também). Tenho dúvidas também a respeito da idade em que o assunto é abordado. Primeira vez que tive contato com esse assunto na escola eu já era pré-adolescente, sendo que questões de sexo, consentimento e respeito talvez possam ser apresentados para crianças mais novas - já as preparando para vida sexual que terão. Parece que esperam os jovens transarem e terem dúvidas/inseguranças para então falar do assunto. Receber uma certa orientação a respeito de sexualidade antes de iniciar a vida sexual me parece mais saudável. Importante também retomar esses assuntos quando os alunos já estão mais velhos (final do ensino médio), coisa que não tenho lembrança de ter acontecido. Informações sobre sexo seguro, DSTs, métodos contraceptivos, etc que na vida adulta às vezes acabamos esquecendo, poderiam ter sido mais "fixadas" na memória se fossem retomados antes do colégio acabar.
Orientações de gênero, sexualidade, tolerância e rompimento de barreiras machistas de encarar o sexo.
Educação em casa.
Valores, atitudes e habilidades (Normas e influência dos pares sobre o comportamento sexual, tomada de decisões, habilidades de comunicação, consentimento, onde encontrar ajuda, apoio e orientação,...) Cultura, sociedade e direitos humanos (Sexualidade e direitos humanos, gênero, violência de gênero, abuso sexual, práticas prejudiciais,...) Comportamento sexual (Diferentes maneiras de viver a sexualidade, masturbação, prazer, orientação sexual,...).
Acredito que na minha época, sexualidade era muito mais tabu e se tivesse sido discutido antes, eu teria a oportunidade de desconstruir muitos conceitos mais cedo.
Sobre o meu corpo, como ele funciona ou como deveria funcionar; sobre o prazer da mulher sem tabus; sobre a contracepção; sobre sexualidade em geral; sobre os gêneros, etc.
Gostaria que a escola tivesse contemplado a diversidade sexual e de gênero.
Desenvolvimento de relação inter pessoal.
Orientação sexual, gênero x sexo, respeito à diversidade.
Falar sobre gênero e orientação sexual...
Foi tudo romantizado. Gostaria que não fosse assim. Pois criamos expectativas impossíveis de serem realizadas.
Falar abertamente sobre sexo, prevenção, conhecimento do corpo, consentimento
Orientação sexual, gênero, aceitação, respeito...
Ter aprendido noções de gênero e orientação afetivo-sexual.
Orientação sexual, sexualidade em geral, DST e forma mais profunda.
Que é mais natural que parece.

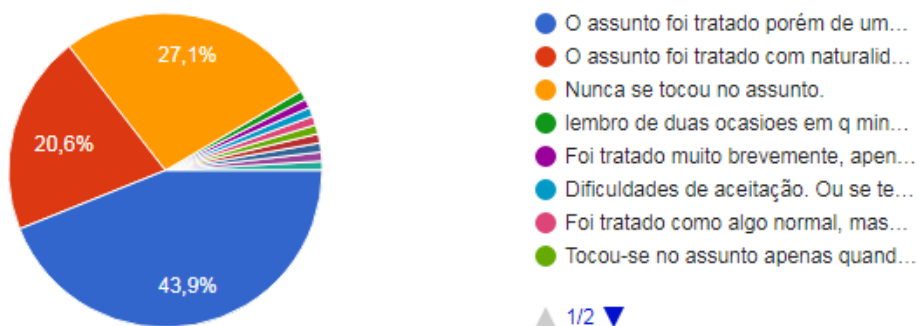
Você acha que as escolas devem abordar a sexualidade de um modo abrangente e positivo (tratando além de reprodução e DST's, aspectos como relacionamentos saudáveis e ajudando os jovens a ganhar autoestima e proteger seu bem estar físico e emocional) ?

107 respostas



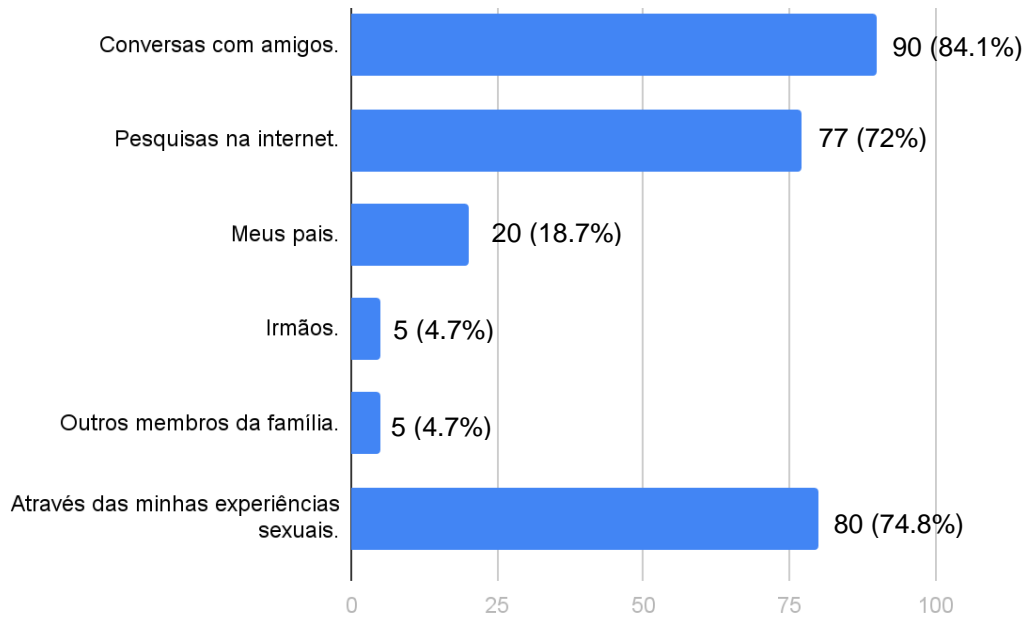
Na sua família, como a sexualidade foi tratada durante o seu crescimento?

107 respostas



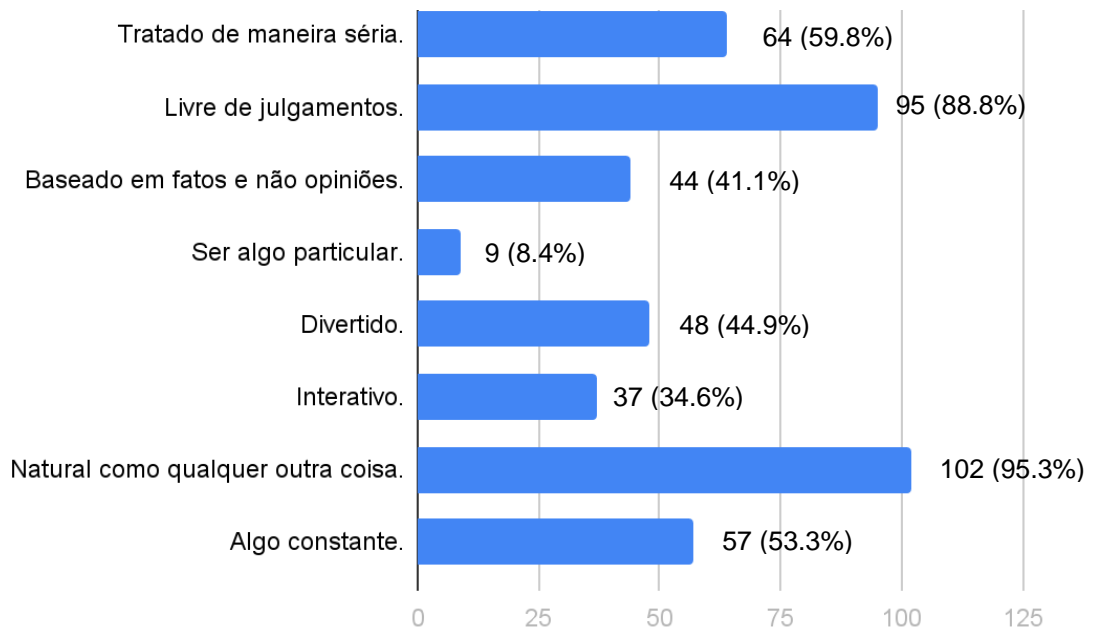
Como você aprendeu mais sobre sexualidade e seu corpo?

107 respostas



Na sua opinião, aprender sobre sexualidade deve ser (marque quantas opções quiser):

107 respostas



Quase acabando! Você tem sugestões, constatações, experiências ou qualquer outra coisa que gostaria de dividir? Por favor, compartilhe :)

31 respostas

<p>Ainda nas pessoas mais informadas existe alguma ignorância. Acho que as pessoas tem q se apropriar mais do seu corpo, mas acredito q isso é difícil em uma sociedade em q ainda há muito conservadorismo e fechamento em relação a isso</p>
<p>Gostaria de comentar um programa que acho muito bom, o Altas Horas, com aquela sexóloga. O tema é abordado de forma leve, divertida etc. Mas quando perguntaram para a sexóloga como foi a primeira vez dela ela não quis responder por que era muito particular...Acredito que isso ainda seja um tabu. Se ela não respondeu, muito provavelmente tenha sido uma experiência ruim, ou algo que ela tenha medo de expor em público. Mas muito provavelmente isso é também um medo falso das pessoas. Se todos falassem abertamente sobre o assunto, falar sobre a sua primeira vez seria como falar a primeira vez que entrou na faculdade, ou o primeiro beijo, ou a primeira viagem de avião. Ninguém se incomodaria em responder como foi a primeira viagem de avião, mesmo que tenha sido horrível, pois isso é natural.</p>
<p>Acho que um tema ligado à sexualidade bem atual e que tem causado muitos problemas, principalmente aos homens, é o vício em pornografia.</p>
<p>A experiência que eu melhor recorde no colégio sobre sexualidade foi em um auditório, com mais de três turmas, e meninos e meninas misturados. Trouxeram uma especialista e a ideia é que nós perguntássemos a ela o que queríamos saber sobre sexo, qualquer coisa. Por mais que eles tenham proposto essa abertura, não achei a melhor forma. Eram muitas pessoas, e ter meninos junto me deixou menos a vontade ainda para perguntar. Acho importante, pelo menos no início, ter uma divisão. Mas entendo que meninos e meninas homossexuais, nesse caso, não se sentiriam como tendo um espaço seu. Acho importante encontrar alguma forma de explorar todas as formas de sexualidade e criar espaço em que todos se sintam à vontade.</p>
<p>Acho que a sexualidade deve ser tratada com mais naturalidade, principalmente para as gurias, isso é fundamental. Mulher não pode achar que o que ela sente ou tem vontade de fazer seja um pecado, seja julgado...</p>
<p>Acho que o tema tem que ser sério, e não falado com receios e vergonhas, mas a forma com que esse tema é abordado pode ser divertida e até mesmo interativa. Não colocar medo nas crianças e adolescentes, mas sim explicar as coisas de uma forma que eles tenham aquilo como natural. A sexualidade precoce é muitas vezes fruto de medos, inseguranças e abusos, que poderiam ser evitados se o assunto não fosse tratado como um bicho de sete cabeças.</p>
<p>Acredito que é importante educar de forma naturalizada e não impor princípios morais conservadores. Na verdade, deve-se informar de forma mais "crua", sem julgamentos e instigar o pensamento, que cada um faça suas autocríticas, se necessário. Acredito ser MUITO MUITO importante ensinar questões relacionadas a gênero, orientação sexual e assuntos derivados, principalmente para derrubar preconceitos e instigar o autoconhecimento.</p>
<p>A youtuber Laci Green fala sobre educação sexual de uma maneira bem informada e descontraída https://www.youtube.com/channel/UCJm5yR1KFcysl_0I3x-iReg</p>
<p>Lembrei agora de um documentário que se chama "Favela Gay".</p>
<p>Duas coisas que não aprendi e gostaria de ter aprendido antes de ter minha primeira relação: 1-você precisa estar bem lubrificada antes da penetração(por isso as meninas dizem que a primeira vez dói. Não era pra doer!) 2-sexo oral também passa doença se não faz com camisinha. Juro que só fui descobrir isso aos 22 anos depois de ter feito muito oral desprotegido!</p>
<p>Gostaria de ter percebido antes que as pessoas transam frequentemente. Eu comecei a entender isso quando, aos 20 anos em uma festa, vi dois meninos transando na parede. Foi traumatizante, senti que todos eram sujos. Eu nunca procurei o assunto porque nunca tive atração por ele, mas isso não devia ter me impedido de aprender sobre isso na escola/com amigos.</p>

<p>Sobre a pergunta anterior: acho que deve ser tratado de maneira séria questões como abuso, dsts, gravidez... Mas o resto teria que ser mais livre e divertido, principalmente pra quebrar preconceitos em relação aos LGBTQIA.</p>
<p>Para mim estar seguro da sua sexualidade é estar seguro de você mesmo. A partir do momento que eu comecei a encarar a sexualidade como algo natural, aceitei melhor meu corpo, muitas escolhas e quem eu sou.</p>
<p>Acho que um ponto muito importante é a educação das crianças para que elas consigam identificar abusos de adultos</p>
<p>A heteronormatividade foi enfiada guela a baixo durante toda a escola. Nunca foi falado sobre homossexualidade, como se fosse um tabu. Inclusive, ouvi de professora que "o anus é só para sair, não para entrar". Acredito que muito do preconceito surge aí. Quando tratamos como se a homossexualidade não existisse, como se não falar no assunto evitasse o surgimento de gays e lésbicas. Fui ter o meu primeiro orgasmo oral com 22 anos quando comecei a namorar outra mulher e perceber que gostava disso. (Sendo que passei por 2 namoros héteros e machistas).</p>
<p>Deveria ser dada mais ênfase a DSTs e riscos reais mesmo com proteção, pois vejo a maioria se preocupar com gravidez mas esquecer as DSTs</p>
<p>Minha escola no ensino médio, pelo menos durante os três anos que passei lá, lidava muito mal com a questão da homossexualidade, bissexualidade ou mesmo com o fato de que adolescentes ainda estão se conhecendo e experimentando.</p>
<p>O diálogo com os pais é importante e deveria ser mais valorizado</p>
<p>Talvez escolas públicas necessitem de um núcleo de apoio psicológico mas bem estruturado aos alunos.</p>
<p>Eu acho importante esse produto quebrar o tabu que é falar de sexo, na sala de aula era sempre motivo de piadinha e brincadeiras e todo mundo acabava fingindo que já sabia das coisas pra não ser taxado de burro. Outra coisa: sempre me irrita como os meninos são educados pelo pornô, e no sexo heterossexual a mulher é constantemente tratada como objeto, quando vão realmente praticar o sexo acabam reproduzindo comportamentos machistas e estereotipados. Recentemente fui no teatro Só para maiores, com integrantes do Pretinho Básico, tinha uma parte da peça que pediam pros homens apontarem o clitóris na figura e uma vagina e ninguém que estava no palco sabia. TRISTE.</p>
<p>Acredito que ainda existe muito julgamento nesse quesito e que para as pessoas que não fazem parte do grupo considerado "normal", deve ser muito complicado. Digo isso porque, apesar de ser hétero, eu tive bastante dificuldade de me abrir sobre o assunto. Se a pessoa for mais tímida, como eu, e ainda por cima não souber se será julgada por se atrair pelo mesmo gênero (ou alguma outra situação considerada "diferente"), provavelmente será mais difícil ainda dela se abrir e assim poder tirar suas possíveis dúvidas com outras pessoas.</p>
<p>Na Escola esse assunto me constrangia muito, até porque os outros colegas sempre tratavam o assunto com deboche e malícia (principalmente os meninos). Em casa minha mãe sempre soube tudo o que eu fiz, nos orientou sobre camisinha, sexo, dst's, gravidez, mas masturbação, por exemplo, nunca foi falado, na pré-adolescência achava que isso era errado. Comecei a tratar com mais naturalidade o assunto quando comecei a namorar e comecei minha vida sexual (meu namorado conversa comigo bastante sobre isso) e também quando entrei na faculdade, onde pude abrir mais a minha cabeça sobre diversos assuntos como gênero, feminismo, sexualidade, porque na faculdade se discute bastante sobre isso, enquanto que na escola onde eu estudava não se falava tanto, era outra época e também o bairro que eu moro (Niterói, canoas) tem muitas pessoas mais velhas, tenho impressão de que em porto alegre as coisas são mais discutidas, foi uma libertação pra mim quando entrei na faculdade e passei a ficar mais em porto alegre e estar nesse meio onde as pessoas conversam sobre essas coisas.</p>
<p>Acho que a principal abordagem é sair do tabu, que é muito difícil, mas eu fico impressionada como as pessoas não sabem das coisas, e não só nas classes mais</p>

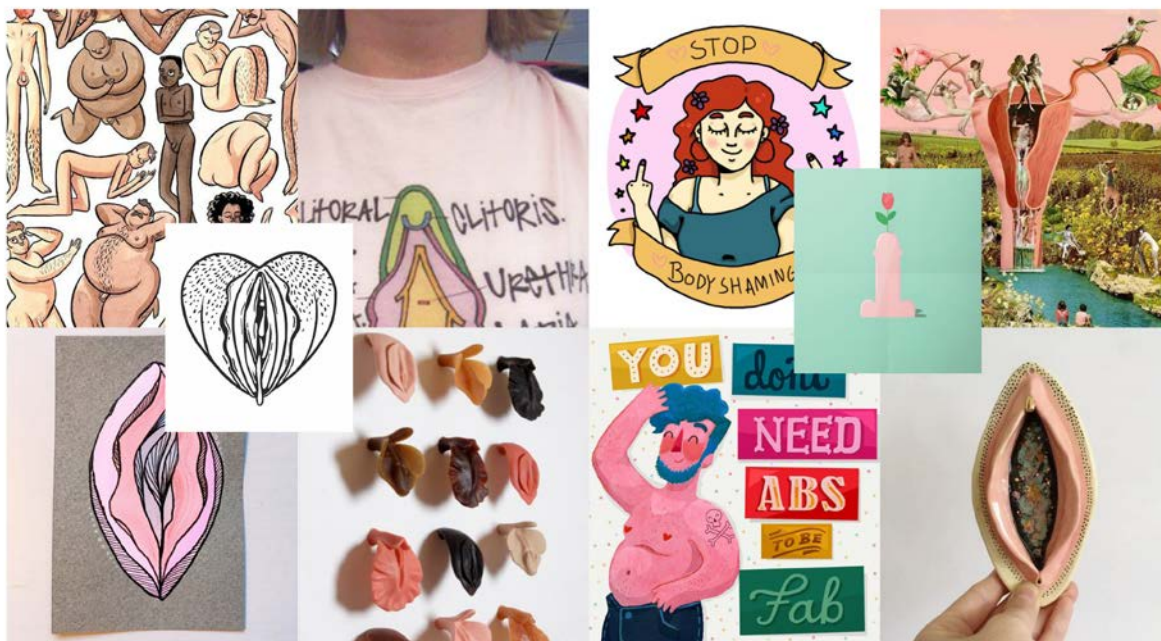
pobres! Todo mundo deve ter direito à escolha, sobre abortar, sobre o risco dos anticoncepcionais, mas primeiro e mais importante teria que ser informação disponível, e acesso a ela.

APÊNDICE F

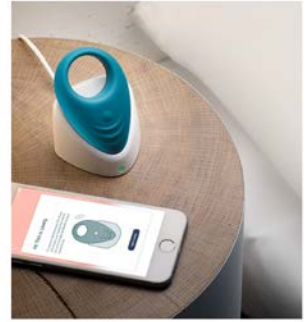
Painel com tendências de brinquedos de 2017



Painel referências gráficas e humor do produto



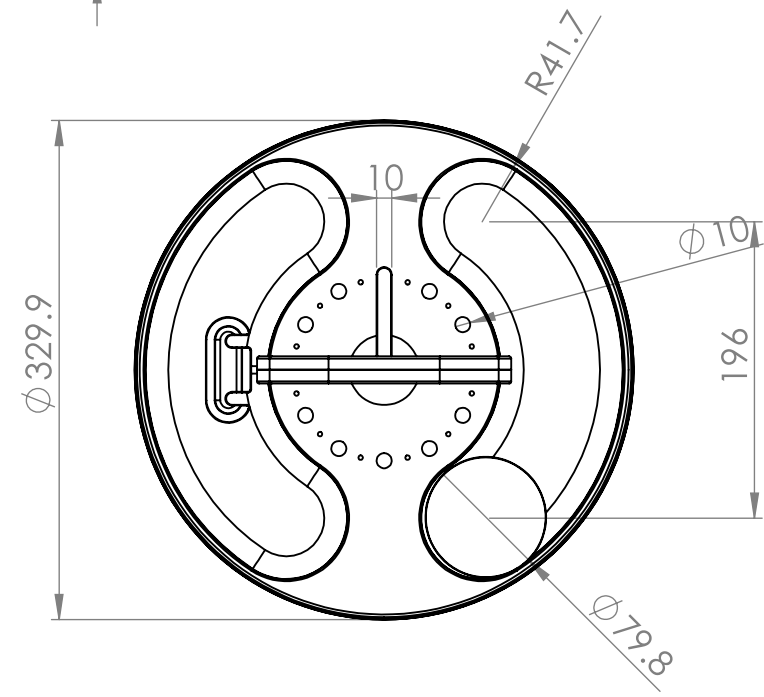
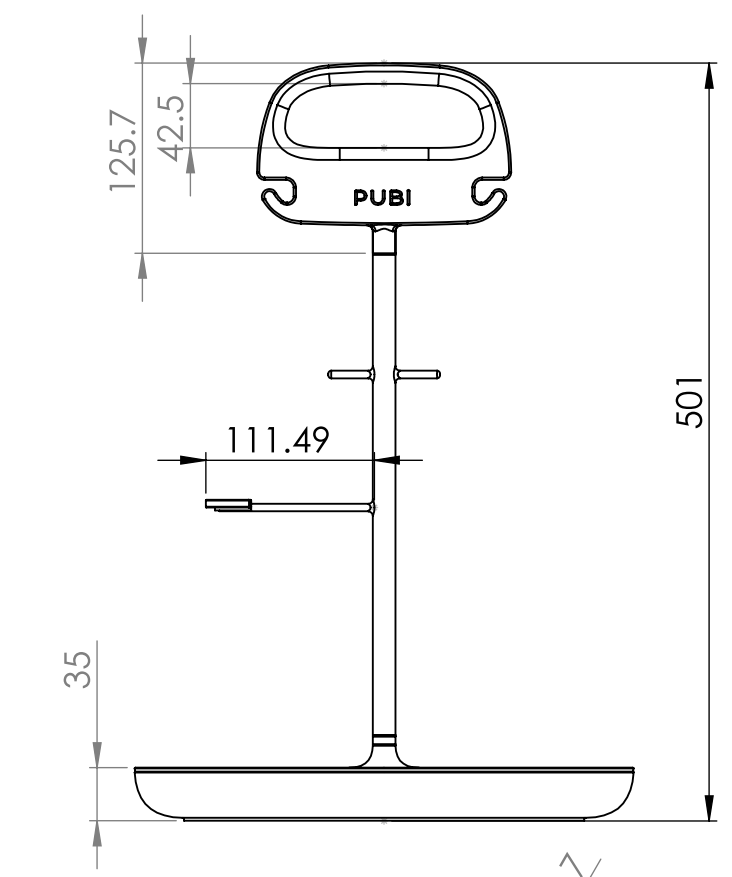
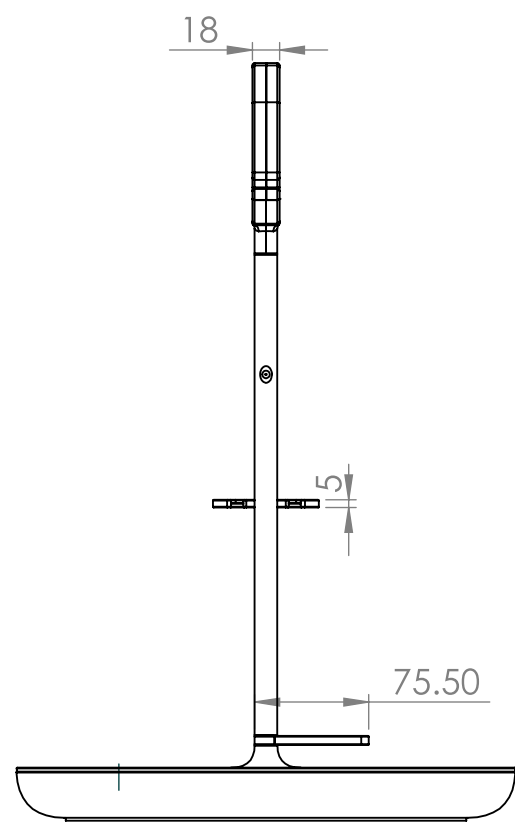
Painel referência de formas de brinquedos eróticos



APÊNDICE G – DESENHOS TÉCNICOS

8 7 6 5 4 3 2 1

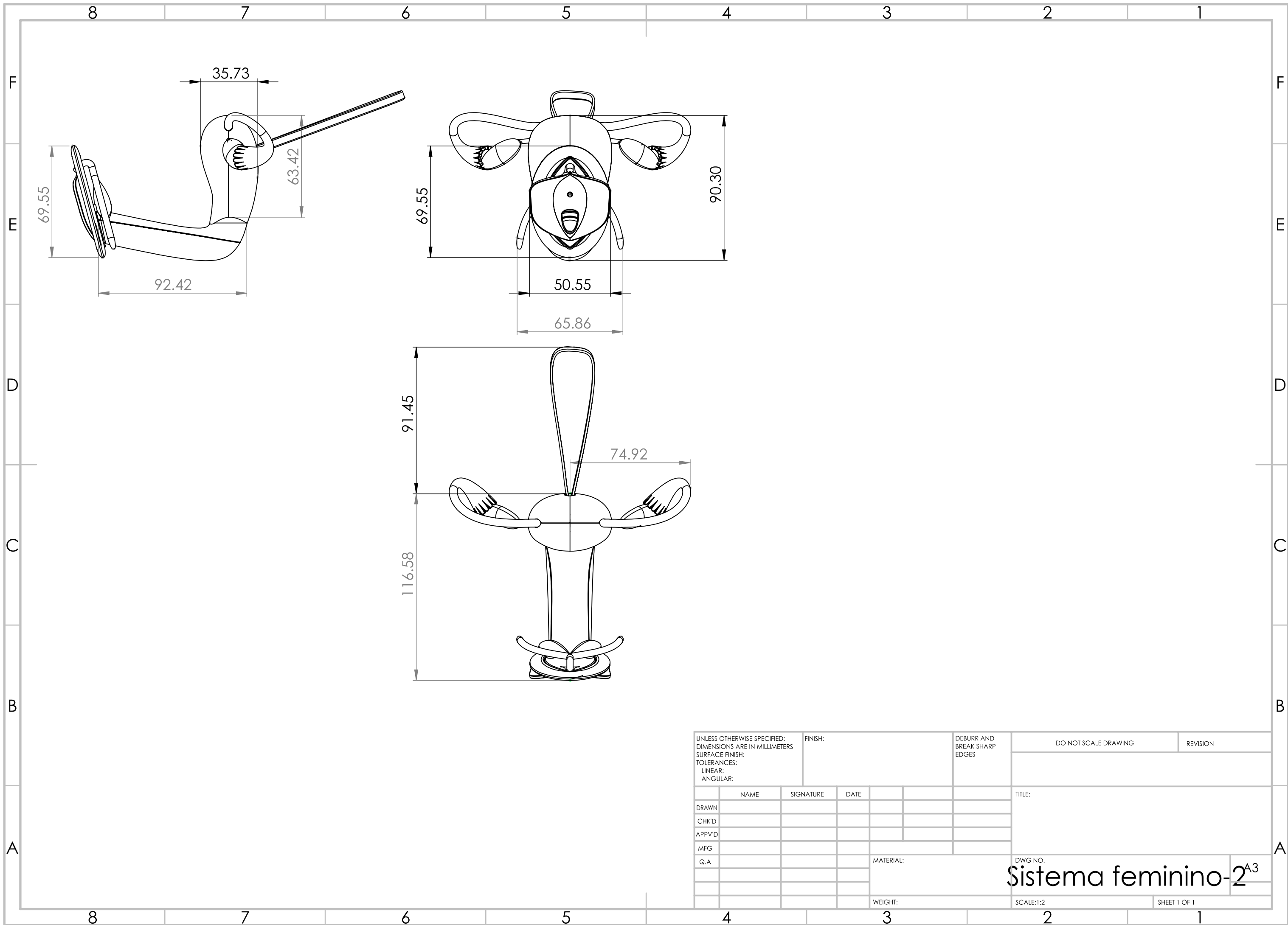
F
E
D
C
B
A



DIMENSÕES EM MILÍMETROS		ACABAMENTO		NÃO ESCALAR DESENHO		REVISÃO	
						TITLE: PROJETO PUBI	
						DESENHO NO. 1	
						PUBI SUPORTE	
						A3	
				WEIGHT:		SCALE:1:10	
						SHEET 1 OF 1	

8 7 6 5 4 3 2 1

F
E
D
C
B
A



UNLESS OTHERWISE SPECIFIED: DIMENSIONS ARE IN MILLIMETERS SURFACE FINISH: TOLERANCES: LINEAR: ANGULAR:			FINISH:		DEBURR AND BREAK SHARP EDGES		DO NOT SCALE DRAWING		REVISION	
									TITLE:	
DRAWN			NAME		SIGNATURE		DATE			
CHK'D										
APPV'D										
MFG										
Q.A							MATERIAL:		DWG NO.	
									Sistema feminino-2 ^{A3}	
							WEIGHT:		SCALE:1:2	
									SHEET 1 OF 1	